

EDITORA **FECILCAM**

Plínio, o Velho

nos caminhos da História Natural

T.D.Stadler



Plínio, o Velho

Nos caminhos da História Natural

Thiago David Stadler

EDITORA **FECILCAM**

2021

EDITORA **FECILCAM**

CNPJ: 75.365.387/0001-89
Av. Comendador Norberto Marcondes,
733
Campo Mourão, PR, CEP 87303-100
(44)3518-1838
campomourao.unespar.edu.br/editora/
editorafecilcam@unespar.edu.br

Diretora: Suzana Pinguello Morgado
Vice-Diretora: Fabiane Freire França
Coordenador Geral: Willian André
Coordenadora Consultiva: Ana Paula
Colavite
Secretário Executivo: Jorge Leandro
Dalconte Ferreira

Comissão Científica:

Adriana de Carvalho Alves Braga
Alessandro Messias Moreira
Aline de Lima Rodrigues
Ana Thereza Basilio Vieira
Angela Maria de Souza
Camila Serafim Daminelli
Célio Juvenal Costa
Cristina Maia
Evandro Luis Gomes
Fábio Lanza
Iracema Campos Cusati
João Paulo Pereira Coelho
Kenia Erica Gusmão Medeiros
Marcelo Camacho Silva
Marcelo Gonçalves
Marcos Pereira Coelho
Reginaldo Bordin
Rodrigo Pedro Casteleira
Roseli Gal
Samilo Takara
Thiago Coelho Silveira
Vanda Fortuna Serafim
Vanessa Freitag de Araújo
Verônica Müller

PLÍNIO, O VELHO: nos caminhos da História Natural.

Autor: Thiago David Stadler.

© Editora FECILCAM.

© 2021, do autor.

O que uma obra do século I d.C. pode oferecer aos leitores e leitoras do século XXI? O que um autor romano afeito a longas descrições sobre plantas medicinais, apresentações públicas com a presença de crocodilos, estátuas que eram destruídas por raios e a elaboração de pratos de comida pouco habituais pode oferecer além de uma lista de bizarrices e curiosidades? Talvez muito mais do que se possa imaginar. É na companhia de Plínio, o Velho, e sua monumental obra História Natural que tais questões serão abordadas e respondidas neste livro. Aqui você encontrará um íntimo diálogo com as noções de história, tradição, inovação, autoridades e a própria escrita de uma obra de história que não tem no sangue, nem nas guerras, nem nas grandiosas conquistas militares de Roma o seu objeto de investigação. São feitos do cotidiano que o guiarão. Será possível falar de uma História dos pequenos feitos romanos?

Capa, Projeto Gráfico, Diagramação: Victor Puchalski.

Revisão: Denise Miotto Mazocco.

Editoração e Composição: Editora FECILCAM.

Catlogação na publicação elaborada por Mauro Cândido dos Santos – CRB 1416-9ª.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Stadler, Thiago David.

Plínio, o velho: nos caminhos da história natural [recurso eletrônico] / Thiago David Stadler. Campo Mourão: FECILCAM ; 2021.

141 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-88090-06-0

1. História. 2. História Natural. 3. Inovação. 4. Conquista Militar. I. Stadler, Thiago David.. II. Universidade Estadual do Paraná. III. Título.

CDU: 930.85

CDD: 901

Para Naiara Krachenski, uma grandeza cantável.

Sumário

NOTA DO AUTOR	8
INTRODUÇÃO [OU: UMA ÚLTIMA CONVERSA].....	10
1.AS SANDÁLIAS DE PLÍNIO, O VELHO.....	24
2. OS PERCURSOS DA HISTÓRIA NATURAL	41
3.TRAIÇÕES	54
3.1.DA HISTÓRIA	57
3.2.DAS MUSAS	80
3.3.DOS ESTRANGEIROS E LATINOS	88
3.4.DOS PEQUENOS FEITOS	124
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

NOTA DO AUTOR

E se tivesse acontecido [...]. Muito provavelmente esta frase é uma das mais ouvidas por historiadores, filósofos, antropólogos e outros profissionais da área das humanidades. A questão da dúvida vinculada à curiosidade é muito fértil para desenvolvermos nossos pensamentos, mas também impõe desafios metodológicos e epistemológicos ao estudioso. Como trabalhar com a partícula *se* dentro do discurso histórico? A afirmação “não existe *se* na História” é garantia de objetividade? O que aconteceu, aconteceu e ponto final? *Se* assim fosse a narrativa histórica seria natimorta, pois nada mais haveria para ser escrito. Muitas das novas percepções históricas se deram a partir dos incontáveis *se*'s que habitaram e habitam as cabeças e corações dos estudiosos. Desde as variadas formas de escrita que abrem outras possibilidades de leitura de um mesmo documento/acontecimento, até o duro enfrentamento que o *se* impõe às ditas fontes oficiais. Ora, *se* caminha ao lado daqueles que não desejam sufocar a imaginação, a criação e, por conseguinte, a educação. Por esse motivo, a proposta deste livro tocará em alguns *se*'s sobre um personagem romano do século I d.C. e sua magna obra: e se a escrita da história não fosse marcada pelo sangue e guerras? Como se escreveriam os textos de história? E se Plínio, o Velho, o autor aqui trabalhado, não foi um acumulador de fatos e credices aleatórias e, sim, um novo modelo de historiador? E se houvesse a possibilidade de ler a sua obra *História Natural* como uma obra do gênero de história, como seria? E se Plínio resolveu destacar os pequenos feitos e não os grandes feitos? Tantos *se*'s. Todas estas interrogantes serão abordadas aqui pelo viés da traição já que há de trair a tradição para que a inovação seja gestada. Traição feita por amor à história e não para prejudicar os outros como, no melhor da literatura, Ariano Suassuna, apresentava os seus mentirosos que mentiam por amor à arte.

Ora, tal traição foi acolhida com imensos corações por algumas pessoas que agradeço nominalmente: Renan Frighetto, Fátima Regina Fernandes, Bernardo Guadalupe Lins Brandão, Marcos Luis Ehrhardt, Gilvan Ventura da Silva e Darío Sánchez Vendramini. Também agradeço a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Estadual do Paraná por me acolherem por longos anos. E, de modo especial, aos meus alunos e alunas do curso de Filosofia da UNESPAR que desde 2012 fazem parte de minha vida com muito mais intensidade do que podem imaginar.

Thiago David Stadler, União da Vitória, Outubro de 2021.

*O verbo que fora no início
acabou mal conjugado.*

*Agora
é preciso redizer o mundo.
(T.D.Stadler)*

INTRODUÇÃO [OU: UMA ÚLTIMA CONVERSA]

Aqui nada de introduções entediadas. Caso a leitora e o leitor tenham interesse em folhear as próximas páginas encontrarão um diálogo sobre o mundo e coisas mais. Terão contato com um autor tipicamente romano chamado Plínio, o Velho (23 – 79 d.C.) que escreveu uma obra monumental composta por trinta e sete livros e intitulada de *História Natural*. Obra que fora dedicada ao futuro imperador Tito (39 – 81 d.C.) que esteve diretamente ligado ao poder imperial a partir do ano 70 d.C. quando seu pai, Vespasiano, o colocou como o novo *Caesar*. Plínio parece adiantar a aclamação de Tito, pois o chamou de *iucundissime imperator* (Praef.1) e *imperator* (Praef.6) em seu prefácio. A publicação da *História Natural* é datada entre 77/78 d.C., ou seja, antes da morte de Vespasiano e da posterior sucessão de Tito¹.

Plínio escreveu muitas outras obras, mas para o nosso tempo chegou apenas a *História Natural*. Por isso, neste livro, apresentarei ambos – autor e obra – a partir de uma relação construída com toda uma tradição de leitores e estudiosos da obra pliniana e com o toque da sempre almejada inovação que nasce de minhas próprias mãos. Tradição que me ajudou a pensar os trâmites de uma obra complexa e de um autor que figurou tanto nos píncaros da literatura europeia quanto nas estantes mais empoeiradas e pouco lidas dos falsos eruditos. Já a inovação que proponho neste livro é a de apontar desvios ou traições na leitura comum à *História Natural*, pois, como espero que fique claro ao longo de todo o livro, a obra pliniana foi recebida como um enorme depósito de informações e credices desconexas e, por esse motivo, interessei-me a tudo aquilo que poderia fazer de Plínio e de sua obra representantes do gênero de história na Antiguidade e não das ditas enciclopédias. Para os leitores e leitoras que chegam mais desprevenidos no tocante ao conhecimento histórico, adianto que ao lon-

1 Acompanho a afirmação de Francisco de Oliveira sobre o assunto das titulações apresentadas no prefácio da *História Natural*: “Em meu entender, neste caso Plínio está a perfilhar algo da oposição antiga entre *imperator* e *princeps*. A intenção será, através da evocação de uma dualidade histórica, alinhar com a ideologia flaviana, interessada em sublinhar a componente militar da nova dinastia como forma de legitimação do poder. Só esta ênfase dada à origem castrense do poder de Vespasiano e, portanto, a recordação do seu triunfo e da sua qualidade de triunfador, me parece poder explicar a sua aplicação também a Tito, numa perspectiva claramente dinástica”. (OLIVEIRA, Francisco. **Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo**. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 1986, p.93).

go de todo o capítulo três farei discussões para localizá-lo nos debates sobre o gênero literário da história na Antiguidade e, por conseguinte, para apresentar os motivos que me levaram a defender a inclusão da História Natural dentro do rol das obras de tal natureza.

Para auxiliar no trajeto de leitura e na economia de tempo, indico algumas possibilidades deste livro. Se o interesse maior for sobre a vida e as veredas de Plínio, o Velho [uma espécie de biografia], indico a leitura do capítulo *As sandálias de Plínio, o Velho*. Se houver interesse em saber como uma longa tradição ajudou a forjar um tipo de tradição literária a partir dos usos e leituras da obra pliniana, vá direto para o capítulo *Os percursos da História Natural*. Agora, caso tenha curiosidade em saber um pouco mais sobre as noções de história na Antiguidade, sobre como é o trabalho de um historiador com suas fontes e o modo distinto de ler a obra História Natural, é o capítulo *Traições* que lhe interessará.

Com olhar atento, o leitor e a leitora perceberam que no Sumário, ao lado da palavra *Introdução*, está escrito *Uma última conversa*. Ora, do que se trata este subtítulo? Trata-se de uma tentativa de aproximar o público não especializado de um trabalho feito por alguém que se dedicou profissionalmente ao ofício de historiador para compor este livro. E o que isto significa? Significa que o estudo aqui apresentado foi construído a partir de métodos, de uma linguagem específica, com a leitura e ponderação de diversas frentes teóricas, pautado em noções como as de compreensão, educação, interpretação, ampliação de problemas e conceitos, atenção aos discursos, crítica. Seria muito importante para mim que o leitor e a leitora não permitissem um engano comum: não é pelo fato dos fenômenos sociais não obedecerem a leis universais; de o humano modificar o seu pensamento e comportamento de modo aleatório e, pelo viés epistemológico, do pensamento estar intrinsecamente vinculado aos valores do pesquisador que o conhecimento produzido nas áreas das humanidades deve ser considerado como impreciso, inútil e sem funcionalidade. É justamente graças à aguda compreensão da realidade que a produção do conhecimento das humanidades baseia-se em respostas provisórias, pois é sabido que a mudança é um partícipe ativo no de-

envolvimento humano. O caráter provisório das respostas não retira a objetividade, seriedade e fundamento das reflexões feitas pelas áreas das humanidades – cômicos de que muitos dos temas trabalhados pelas humanidades são subjetivos. Ele apenas realça a vivacidade do pensamento humano e, por este motivo, aponta para a dificuldade de reduzir a vida vivida à sistematização².

Dito isso, retorno ao ponto anterior. Logo após os três asteriscos que marcarão o final desta etapa de minha Introdução, o que você lerá, se passou na noite de 23 de agosto de 79 d.C.. Lembre-se que Jesus Cristo ainda não era o marco temporal para os viventes daquela época, mas utilizei o calendário gregoriano para deixar o texto mais próximo de nossa realidade. Naquela noite de verão ocorreu o último momento em que Plínio, o Velho, e Plínio, o Jovem, seu amado sobrinho, puderam conversar. Conversa entre um tio e um sobrinho que marcaram os caminhos do principado romano, mas que, naquela noite, eram apenas dois curiosos a conversar. Dois dias depois dessa conversa, Plínio, o Velho, morreu na famosa erupção do Vesúvio. Você pode perguntar se essa conversa realmente aconteceu. A minha resposta é: *sim*. Os dois conversaram naquela noite de 79 d.C.³. No entanto, a forma como construí o contexto e a liberdade discursiva exposta no linguajar e nos trejeitos de ambos os personagens são unicamente anseios de quem escreve agora. Sinta-se convidada e convidado a tirar os seus sapatos durante a leitura (entenderá a referência ao ler o capítulo um). Assim começa o diálogo⁴:

* * *

2 STADLER, Thiago David. **O valor das humanidades em um tempo técnico-científico**. Diálogos, v.20, n.2, 2016, 205-2017.

3 Plínio, o Jovem nos relata a convivência com seu tio naquela última noite em sua Epístola 6,16. Indico a leitura de meu outro livro para saber mais sobre Plínio, o Jovem: STADLER, Thiago David. **O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano, 98/113 d.C.)**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

4 Por uma questão de facilidade de leitura chamarei Plínio, o Jovem, de Cecílio. Tal nome advém da família de seu pai [*Caecilius*]. O nome em latim e completo de Plínio, o Jovem, era *Caius Plinius Caecilius Secundus*.

Nada encantava mais a jovem mente de Cecílio do que as histórias que seu tio contava sobre tempos passados e lugares distantes. Ainda era muito jovem para conhecer tantos lugares como seu tio, mas já nutria a mesma curiosidade e paixão pelas descobertas. Cecílio perdeu seu pai ainda jovem e por isso foi adotado por seu tio, Plínio. Do pouco tempo que passavam juntos, Cecílio aprendeu duas coisas rapidamente: a importância da leitura e a dedicação à Roma. Era fácil entender os porquês disso, pois seu tio era conhecido pelo alto grau de erudição dentre os cidadãos romanos e também pelos serviços prestados ao Império. Uma das frases que mais ouvia da boca de seu tio era: *Cecílio, dedicas os dias ao Império e as noites a ti mesmo*. Numa destas noites, o silêncio necessário para tio e sobrinho dedicarem-se aos estudos rompeu-se com uma angustiante pergunta de Cecílio:

- Tio, uma coisa não me sai da cabeça e talvez o senhor possa me ajudar. Em que momento o senhor soube o que faria de sua vida? Tenho 18 anos e não consigo imaginar um caminho tão claro em minha frente. O senhor já fez tantas coisas que nem mesmo sei numerá-las ou nomeá-las, mas sempre foi assim?

A pergunta pegou Plínio despreparado. Apesar de sempre tomar suas decisões conscientemente, sabia que em alguns momentos seus caminhos também não foram tão claros. Muitas coisas feitas nem sempre significam muitas coisas *bem* feitas, pensou. Mas não poderia deixar seu sobrinho com aquela expressão de preocupação sem oferecer algumas palavras:

– Vê bem, meu querido Cecílio. Nem sempre fui este homem que vês agora. Muitos sonhos e desejos, que com certeza atormentam a tua mente, também estiveram presentes nas cabeças de todos os velhos de hoje. É verdade, como dizes, que fiz muitas coisas. Mas nem sempre as coisas que fiz foram planejadas para que hoje estivesse aqui. Quando me encontrava nas campanhas da Germânia Inferior e Superior pensava que aquelas funções eram as que eu exerceria por longos tempos.

– Entendo suas palavras, tio. Mas preciso fazer uma pergunta: essas coisas que não foram planejadas dizem respeito aos seus textos escritos durante as campanhas, ou a outras situações que não conheço?

– Os textos foram planejados. Tiveste acesso a dois deles logo após a morte de teu pai. Lembras da biografia de Pompônio Segundo? Escrevi este texto em homenagem ao meu amigo que comandou a Campanha na Germânia Superior. Momento complicado e agravado pelos insuportáveis ventos quentes sobre o Reno até Moguntiacum. A cada letra escrita, uma gota de suor tentava apagá-la. O outro texto a que te referes é sobre o lançamento de dardos a cavalo. Lembro-me do espanto em teu rosto quando soubeste que teu tio havia guerreado e escrito um texto sobre técnicas de guerra. Por isso tanto repito a ti: *um bom homem é aquele que se dedica às letras tanto quanto às necessidades do Império.*

– Tenho todos os seus textos guardados. Penso em um dia escrever algo como o senhor, mas preciso dar atenção ao que escrevo para não arruinar com a fama de nossa família. O problema é que ainda não entendi que coisas não planejadas aconteceram ao senhor.

Lentamente Plínio se levantou e colocou-se a caminhar pela varanda da casa em Miseno. Suas memórias atentavam contra as palavras que demoravam a sair pela boca seca. Tomou mais um pouco do vinho que sobrara do jantar e sem mais temores colocou-se a falar:

– Cecílio, eu e teus pais vivemos tempos complicados. Nem sempre tivemos no comando de nosso Império cidadãos tão destacados quanto os flavianos. Vespasiano e seu competente filho Tito nos proporcionam as melhores perspectivas. Mas os ventos já sopraram para outras direções! Muito sangue foi derramado para honrar pessoas desonradas. Num desses períodos é que as coisas não planejadas apareceram. Já ouviste falar de Nero?

– Como não haveria de ouvir. Muito se fala de suas loucuras. É verdade que se dependesse de ouvir este nome de sua boca nunca o teria ouvido. Sempre me questiono como Nero pôde se transformar naquilo que foi tendo Sêneca como tutor. O senhor consegue imaginar alguém que deveria ouvir noite e dia conselhos como *os vícios sufocam os homens e andam a sua volta, não lhes permitindo levantar nem erguer os olhos para distinguir a verdade* e, mesmo assim, ignorá-los por completo?

– Nesse caso não necessito de grande imaginação, Cecílio. Vi com meus próprios olhos tudo acontecer. É verdade que meu espanto em relação aos ensinamentos de Sêneca é menor. As ideias de Sêneca e Afrânio Burro eram a favor do poder absoluto. Diziam que o Imperador não poderia confundir este poder absoluto com a intervenção em todos os ambientes da política. O problema foi que ambos não levaram em consideração a juventude de Nero. Imaginas tu, Cecílio, com 17 anos e o Império em tuas mãos?

– Se já estou confuso com os rumos que devo tomar agora, imagine com a responsabilidade de um Imperador!

– E que responsabilidade! Pois bem, meu querido sobrinho, apesar dos bons cinco primeiros anos de governança do jovem Nero, os outros dez anos reservaram desagradáveis surpresas. Sua ânsia por riquezas e luxos o levou para caminhos sem volta. Matou sua mãe, senadores e todos aqueles que um dia estiveram ao seu lado. Como não vi nenhum desejo de mudança nos rumos que Roma levava, tive que tomar uma decisão que muito me doeu. Pela primeira vez deixei de prestar serviço ao Império e me retirei para o consolo dos livros.

Ao notar o silêncio de Cecílio frente à revelação de que deixara de servir Roma no período de Nero, Plínio puxou sua cadeira para perto de seu sobrinho e sentou-se. O rosto do jovem curioso parecia não compreender que as histórias que ouviu sobre os feitos e desfeitos do Imperador Nero atingiram frontalmente a seu tio. Bastou um sinal com a mão para Cecílio voltar a se concentrar nas palavras de seu tio:

– Não imaginavas isso, Cecílio? Confesso que na época também não imaginei que isso poderia acontecer. Embora hoje não reclame mais, pois graças à minha retirada consegui terminar a escrita de duas obras. Uma delas dei à tua mãe para que guardasses para ti. Chamei-a de *Sobre os Eruditos* e nela escrevi um guia para a formação de um bom orador. Vejo pelas tuas belas palavras que já iniciou a leitura! A outra obra chamei de *Problemas da língua*, mas dificilmente será lida. Nossos conterrâneos sempre recorrerão ao consagrado tratado da língua de Varrão. Não os culpo. Eu faria exatamente o mesmo!

Desconcertado pela sinceridade irônica de seu tio, Cecílio não segurou o riso.

Como um homem marcado por tantas batalhas e problemas ainda conseguia usar do bom humor, era um enigma para Cecílio. Buscando manter o mesmo clima de tranquilidade que agora pairava na casa, Cecílio entrou num assunto que sabia que agradava a Plínio.

– Tio, vamos falar de coisas boas! Conte-me novamente como foi que o senhor conheceu o Imperador Vespasiano e seu filho Tito.

– Ah, querido sobrinho! Sabes como agradecer seu velho tio. Responde-me uma coisa antes: quem é o escolhido de hoje para as leituras que fazias?

– Quer mesmo saber? Espero que não fique furioso com as letras de Tito Lívio, que encantam minha noite.

Desconcertado pela astúcia de Cecílio, Plínio colocou-se a rir. Altas risadas ocuparam o espaço e até mesmo a mãe de Cecílio, que era irmã de Plínio, ria noutro cômodo com a diversão de ambos os homens.

– Cecílio, Cecílio. Estás aprendendo muitas coisas com seus mestres, mas, a ironia, tu tens de casa! Antes de voltarmos aos assuntos que nos levaram a boas risadas, volta teus olhos para os céus e me diga: o que achas do brilho das estrelas?

– Questão difícil para mim. Confesso que ando preocupado mais com as coisas da terra do que com os desafios dos céus. Diria que o brilho tem relação com a vontade de alguma divindade, é isso?

– De maneira vulgar, dizem que as estrelas possuem grande aliança com os homens. Que cada estrela corresponde a um homem. A que mais brilha pertence a um rico; a que menos brilha, a um pobre. Já ouviste que quando uma estrela se apaga significa que alguém morreu, assim como quando uma estrela aparece significa que alguém nasceu?

– Todas as afirmações muito presentes em nossos dias, tio. E não é assim?

– É mais fácil acreditar que sim, mas na realidade as coisas são bem diferentes. Vês o lampião aceso?

– Sim. O que tem ele?

– As estrelas funcionam mais ou menos como ele. Quando estão muito bril-

hantes é porque possuem um líquido que lhes dá todo o brilho. Quando diminuem o brilho significa que este líquido que funciona como uma fagulha está em falta. Ou seja, caro Cecílio, nada de divindades, de vontades do homem ou de ricos e pobres. Esses estudos sobre os céus não são comuns em nossos dias. Já leste algo sobre Sulpício Galo?

– Como não, tio! Foi um importante cônsul do período glorioso da República.

– Sim. Talvez fosse esta informação que os textos de Tito Lívio lhe deram. Mas sabias que ele foi o primeiro romano a prever um eclipse lunar? Ou só conhecias a história do grego Tales?

– Nossa, tio, não sabia desse feito de Sulpício Galo. Por que não vemos isto nas obras de História?

– Não vê nas obras de Tito Lívio, mas está na hora de conhecer a minha última obra, chamada *História Natural*. Nela não falo sobre guerras, conquistas, sangue e carnificina, mas apresento uma História dos romanos através dos feitos mais dignos do cotidiano. Falando sobre ela, respondo às suas duas perguntas e ainda à provocação com os textos de Tito Lívio!

Cecílio se ajeitou na cadeira para ouvir atentamente o que o tio iria dizer. Antes da morte de seu pai, ouviu em casa uma conversa sobre seu tio ter dedicado uma obra ao filho do Imperador. Seus pais contavam que Plínio prestou serviço militar juntamente a Tito, filho de Vespasiano, e que nas campanhas da Germânia chegaram a acampar no mesmo local. Grande respeito cresceu entre Plínio e os flavianos. Aproveitando a animação de seu tio, Cecílio perguntou:

– Conte-me, tio. Qual a relação entre a sua *História Natural* e a sua proximidade com o Imperador e seu filho, futuro imperador Tito? Parece que eu sabia apenas a metade da história!

– Cecílio, se me permitires, irei recuar um pouco a conversa para que tenhas o real entendimento das coisas.

– Claro, tio. Tenho grande interesse em conhecer como foi a sua trajetória dentro dos labirintos de nosso Império.

– Como bem sabes, ocupei o cargo de procurador por quase doze anos. Entrei no mundo público nos bons tempos de Claudio. O único Imperador dos Júlio-Claudianos que merece meu respeito. Neste tempo estive sempre em campanhas militares na Germânia e graças a estas marcantes experiências escrevi uma obra sobre as guerras com os germanos. Claro que naqueles tempos nossa família foi agraciada pela forma como Claudio entendia a política. Nossa ordem dos equestres foi muito valorizada e incentivada a participar no funcionamento do Império.

– Interessante escutar essas coisas, tio.

– Após os planos de Agripina, irmã do falecido imperador Calígula e mãe de Nero, Claudio foi envenenado. Ao menos foi esta versão que Afrânio Burro contou para os ventos. Realmente passamos pelo *quinquennium aureum*, os belos cinco primeiros anos de governança de Nero, mas logo após retirei-me do cenário público e voltei para a nossa terra natal, Como.

– Nossa! Quanta coisa aconteceu em tão pouco tempo.

– É verdade, querido Cecílio. Mas após o suicídio de Nero os tempos ficaram mais confusos ainda. Parecia que uma maldição rondava aqueles que chegavam ao trono do Império. Alguns chamaram de os três imperadores malditos, outros de os três fracos e ainda alguns criaram a expressão “tríade da morte”. Fato é que Galba, Otão e Vitélio revezaram o poder de Roma em menos de dois anos. Sorte que nossas propriedades em Como continuavam bonitas e produtivas, pois de lá não saí.

– Que saudade de Como! Precisamos nos reunir com nossos amigos e parentes para ouvir boas histórias novamente. Fará bem para minha mãe. Mas conte-me o que aconteceu depois dos três imperadores malditos.

– Após a morte de Vitélio, foi nosso querido Imperador Vespasiano que trouxe a paz novamente. Sua maneira de entender a política e minha experiência com seu filho Tito nas campanhas militares trouxeram-me de volta ao mundo político. Cecílio, que diferença! Garantias na educação e nos alojamentos das tropas foram suas primeiras medidas. Diferentemente de seus antecessores, tomou como princípio de seu tempo o incentivo aos professores de gramática e retórica. Como eu já tinha escrito duas obras

sobre estes assuntos, senti-me muito valorizado!

– Então foi assim que o senhor voltou para a política? Através das obras de gramática e oratória?

– Não, não. O que fez com que eu voltasse foi a restauração política de Vespasiano, que nos deu, como equestres, um bom posicionamento. Pouco a pouco, o Imperador substituiu os indignos membros do passado pelos capazes equestres do presente. Fomos nós, os provinciais, que ocupamos os cargos diretivos da administração central e as procuradorias responsáveis pela arrecadação de impostos nas províncias. Foi como procurador que Vespasiano me enviou à Gália Narbonense, depois para Hispania Terraconense e, por fim, à Gália Belga. Toda essa trajetória em questão de cinco anos!

– Tudo isso me faz pensar, tio, se o senhor tem noção da sua importância para o funcionamento do Império? Com certeza, muitos ficariam arrogantes com tantos cargos e obras escritas num curto período de tempo.

Nessa hora Plínio desviou o olhar de seu sobrinho e buscou na calmaria das estrelas a inspiração de que precisava. Tinha a plena certeza de que manter a cabeça em ordem com tantas conquistas e honrarias era uma missão para poucos. Isso o tornava um homem importante, especial?...*pensava*.

– Vê, Cecílio. Nunca busquei com meus afazeres e minha dedicação aos estudos quaisquer glórias pessoais, mas sempre a elevação do nome de Roma e dos romanos. É neste ponto que questiono seu gosto por Tito Lívio, e sabes disso. Um homem que escreve uma História para ganhar honrarias e glórias pessoais não merece minha admiração. Lerás exatamente estas palavras quando tiveres acesso à minha obra *História Natural*. Assim como o luxo desmedido prejudicial a qualquer homem, a busca incessante por glórias e honras faz dele um indigno. Prefira ler o grandioso Varrão e verás a diferença!

– Lerei o que for preciso para chegar próximo à sua erudição, tio. Um dia voltarei triunfante nos lábios da humanidade!

– Cuidado com tão grandes ambições, jovem Cecílio! Outras circunstâncias que

mostram que não posso dar tanto valor ao que faço são as próprias ações do Imperador Vespasiano. Tens ido a Roma?

– Sim. Algumas orientações de Nicetas de Esmirna acontecem em Roma. Por que pergunta?

– Basta olhar para o esplendor de Roma que verás que as coisas importantes são feitas por Vespasiano e não por mim. A reconstrução do Templo de Júpiter, no Capitólio, ficou perfeita, não? E a construção do Anfiteatro Flávio, uma verdadeira obra de arte está nascendo ali!

– Realmente obras lindas! Dizem que o Anfiteatro acomodará mais de cinquenta mil romanos quando estiver finalizado. Inacreditável!

– E não podemos nos esquecer, Cecílio, que Vespasiano ampliou as políticas de distribuições gratuitas de trigo, repartição de ganhos e espetáculos para a plebe urbana. Um verdadeiro Imperador com interesses culturais e formativos.

Com essas palavras ficou claro para Cecílio que a postura de seu tio era irredutível em relação às glórias e honrarias. Passou a entender perfeitamente os traços da filosofia estoica que marcavam as falas de Plínio, pois o luxo e a grandeza eram o primeiro e o último passo para a decadência humana. Somente agora compreendia outra conversa que ouvira de seus pais sobre Plínio. Diziam que Lúrcio Licínio, procurador da Hispania, havia oferecido alguns anos atrás uma pequena fortuna pelas anotações de seu tio. Algo em torno de 400.000 sestércios! O que perturbava a cabeça de seus pais naquela época era o fato de seu tio ter negado a venda de cadernetas com anotações. Talvez fossem destas anotações que Plínio construiu a *História Natural*. Cecílio voltou a perguntar para seu tio:

– Duas coisas ainda não estão claras para mim, tio. Qual a relação entre a sua obra *História Natural* e Tito? E como chegou até aqui em Miseno? Será que conseguimos conversar sobre isso sem que minha mãe nos interrompa para dizer que já é tarde da noite e que precisamos descansar?

– Com certeza, Cecílio. Tua mãe é muito compreensiva conosco! Começo pela segunda pergunta, pois é de fácil resposta. Após eu terminar minhas atividades como

procurador na Gália Belga, retornei a Roma e o Imperador Vespasiano ofereceu-me o posto de comandante da frota tirrena, ancorada aqui em Miseno. Foi com grande orgulho que aceitei o desafio e aqui estamos conversando sobre todas as coisas! Deixei as fronteiras e campos de batalha para os mais jovens e com melhores condições físicas. Sabes muito bem que hoje aprecio boas comidas, bons vinhos, boas leituras e, se assim posso dizer sem parecer um louco, bons roncos!

Risos e diversos acenos positivos com a cabeça foram feitos tanto por Cecílio quanto por sua mãe. Memoráveis noites ambos ficavam por longas horas sem conseguir dormir graças aos roncos fortes de Plínio. A saúde de seu tio era algo que os preocupava, mas nada fora da normalidade de um homem de quase sessenta anos, pensavam.

– Agora, quanto à relação entre minha obra *História Natural* e Tito. Na verdade, duas coisas estão presentes aqui. A primeira é a relação que construí com Tito na segunda vez em que estive na Germania Inferior sob o comando de Duvio Avito. Boas conversas e um ótimo espírito fizeram de Tito um homem respeitado entre nós na campanha. Por isso escrevi já no início de minha obra *és um bom companheiro em nossos acampamentos*. O segundo motivo um dia entenderás com maior afinco, pois pretendi dedicar minha obra para alguém que pudesse julgá-la como boa ou como ruim. Esta pessoa, em minha opinião, deveria ser Tito.

– Esta obra é muito extensa?

– Sim. São trinta e sete livros que versam sobre a Natureza, ou, melhor dizendo, sobre a vida em seus aspectos menos brilhantes.

– E um futuro Imperador terá tempo para ler esta obra toda?

– Pensando nesta questão, coloquei no início da obra uma tábula de conteúdos de todos os livros da *História Natural*. Tito apenas precisará consultar esta tábula para se localizar em minha obra. Acredito que este recurso também ajudará outros leitores, como você, Cecílio!

– Assombra-me que um homem tão ocupado tenha terminado tantas obras detalhadas como as suas, tio. O senhor até mesmo se deu ao trabalho de escrever uma

continuação da *História de Aufidio Basso*! Quando que teremos acesso a ela?

– Somente após a minha morte, Cecílio. Como escrevi sobre os flavianos, não quero parecer um bajulador e publicar um texto sobre eles ainda em vida. Querido sobrinho, está ficando tarde. Devemos descansar para o dia de amanhã.

– Antes de deitarmos, tenho uma última pergunta, se me permite.

– A última, Cecílio.

– Quais são as suas principais inspirações quando escreve nas noites e trabalha nos dias?

– Todos aqueles que entendem que a completude de um homem se dá na aliança entre a dedicação aos estudos e a dedicação ao trabalho. Três grandes homens da República foram marcantes nesse sentido: Catão, Varrão e Cícero. Não poderia esquecer Cipião Emiliano Africano. É claro, Cecílio, que incontáveis outros cidadãos romanos e tantos outros gregos poderiam ser citados por mim. Inclusive nosso Imperador Vespasiano também possui a mesma disciplina dos dias e noites!

– Obrigado, tio, por mais uma conversa fantástica! Tenho certeza de que o seu nome também já está entre as autoridades de nosso tempo. Isto não o faz ter medo do futuro? Daqueles que um dia o lerão?

– Jovem Cecílio, os futuros leitores é quem nos julgarão! Deixemos esta tarefa para eles, pois já temos muitos problemas com os incontáveis autores do passado. Só tenho medo de que nossas letras sejam apagadas nos papiros e não alcancem a glória eterna!

Depois dessa resposta, Cecílio apenas viu sua mãe apontando para o alto, onde uma grande nuvem tomava um aspecto diferente. Foi o suficiente para Plínio calçar suas sandálias e subir num pequeno morro para ver melhor aquele maravilhoso fenômeno que estava acontecendo. Uma grande nuvem se desenhava sem ninguém saber de onde ela saía. Pouco tempo depois, viu-se que a nuvem advinha do Vesúvio. Algumas partes eram da cor branca e outras acinzentadas e marcadas pela cor de terra e cinza. Todas essas características eram o suficiente para Plínio querer observar este fenômeno mais de perto. Sua curiosidade e obrigação naval o fizeram arrumar a em-

barcação e partir em direção ao desconhecido.

Um desconhecido que colocou fim à vida de Plínio, o Velho.

1. AS SANDÁLIAS DE PLÍNIO, O VELHO

No início da noite de 24 de agosto de 79, um cidadão romano de grande erudição observava uma densa fumaça que se formava sobre Pompeia, Herculano e Estábia. Tinha 56 anos. Chamava-se Caio Plínio Segundo ou, como os ventos fortes da história o tornariam conhecido, Plínio, o Velho. Cego ao perigo que se formava, vislumbrou o coroamento dos estudos que vinha desenvolvendo sobre a natureza. Tratava-se da erupção do Vesúvio. Sua capacidade de observação e curiosidade acerca do mundo natural não eram os únicos incentivos que o fizeram subir em uma embarcação e seguir até o local da erupção. Ocupava o cargo de almirante da frota de Miseno, ao norte da Baía de Nápoles e, portanto, sua ida até Pompeia fazia parte de seu ofício. Não trazia em si germe algum de mártir da ciência, como séculos depois lhe imputaram, mas uma aguda percepção de cumprimento de seus afazeres, mesclada a uma disposição favorável ao contato com o desconhecido.

Por afazeres ou por propensão ao desconhecido, tanto faz. O fato é que as roupas de um rico integrante do grupo provincial dos equestres romanos, tecidas com raro afinco, teriam marcas da força abusiva da natureza. Enegrecidas por pó, cinzas e fogo. A noite daquele antigo presente não era escura como uma noite sem lua. Era uma obscuridade quase obscena. Pedras, que excediam à força dos homens, faziam com que Plínio e seus mui ligeiros companheiros de nau remassem com toda força por ver se da morte escapariam. Diante da calamidade vesuviana, já era possível ouvir os gritos das mulheres, o choro das crianças, os clamores dos homens. Alguns erguiam as mãos aos deuses almejando que bem rápido tudo acabasse. Outros diziam que deuses já nem sequer existiam⁵. Sabe-se bem de que forma todo esse mundo terminou. O cortejo da

⁵ Em uma das epístolas de Plínio, o Jovem (*Epist.*, 6,20), tem-se o registro do dia 25 de agosto de 79, em que desgraças e tristezas são expostas para que Tácito pudesse compreender aquele momento: “Apenas nos sentamos [Plínio, o Jovem, e sua mãe] e caiu a noite, porém não escura como uma noite sem lua, mas como uma moradia completamente fechada e sem nenhuma lâmpada acesa. Era possível ouvir os gritos das mulheres, o choro das crianças, os clamores dos homens (...), alguns chamavam aos gritos a seus pais, outros a seus filhos, outros, enfim, a seus cônjuges, e tentavam localizá-los por suas vozes. Alguns choravam sua própria desgraça, outros a de seus queridos. Estavam os que, por medo da morte, invocavam à morte mesma; os que erguiam as mãos aos deuses, e outros que diziam que esses já não existiam e interpretavam aquela noite como o fim do mundo, e não faltavam os que acrescentavam aos perigos reais outros fictícios e inventados”.

morte com seu quinhão funesto agarrou o peito audaz de Plínio e tantos outros. O tudo se tornou o nada. As pequenas e grandes pedras a tudo quebraram. O forte fogo ardeu. As mãos portentosas da morte outros corpos ultrajaram.

Já revelada a morte adiantada de Plínio, creio que certas facetas de um Plínio ainda vivo podem compor esta narrativa. Sem anseios de uma declarada biografia, dedico as futuras linhas para ensejar Plínio e seus poucos testemunhos de vida. A ele, desde tempos remotos, fora a narrativa da morte a condutora de sua própria vida. Movimento estranhamente dialético que na partida revela o desfecho. Sem contrariar esta lastimosa constatação, também oferecerei um Plínio que se ordena pelo morrer.

* * *

Nas epístolas que Plínio, o Jovem, seu sobrinho, escreveu tempos após o trágico acontecimento que matou a seu tio, foi dado certo espaço para que o inesperado e o singular aparecessem. Após falar assim, caso tenhas observado o título que pouco antes apareceu, tal inesperado e singular eu revelo, sem demoras, é um par de sandálias. Então, para continuar a leitura, nos pés terás que se focar, já que as sandálias ambos os pés de Plínio, o Velho, calçaram. Foi na epístola 6,16 que Plínio, o Jovem, veio a revelar que, desistindo de prosseguir os estudos em virtude das espessas nuvens que se mostravam no horizonte de seu olhar, seu tio, Plínio, o Velho, calçou suas sandálias e para uma montanha se dirigiu. Com os pés descalços eram os estudos que ocupavam a sua mente inquieta. Com as sandálias em seus pés, avistou aquilo que tanto o fascinava. Após um ansioso espasmo de admiração, as mesmas sandálias o puseram a caminho do socorro de tantos viventes que enfrentavam o vociferar de um vulcão. Foi com essas mesmas sandálias que nos pés trazia que Plínio encontrou o seu próprio fim na tarde do dia 25 de agosto de 79.

Infecunda seria a tentativa de recuperar temores e destemores da vida de Plínio, o Velho, com ou sem as sandálias, sem dar espaço para as palavras que muitos contribuíram para a sua imortalidade literária. Palavras moldadas com o fino traço que seu sobrinho dotado de delicadeza e destreza as fixou em algumas poucas epístolas.

Ficar apenas nos testemunhos deixados pelo próprio Plínio, o Velho, quase nada se revelaria. Falou certa vez que não se deveriam buscar glórias pessoais ao escrever uma obra, mas tão somente a glória voltada ao nome de Roma⁶. Falou também que algumas obras públicas visivelmente serviam à melhoria pública, tais como os meios de navegação inventados por Éritras, Semíramis, Alexandre Magno, Ptolomeu Sóter, Demétrio, Ptolomeu Filadelfo, Ptolomeu Filopator e Minos⁷. Sem falseamento, comunicou que o futuro imperador Tito fora um bom companheiro nos acampamentos militares⁸. Em um belo momento, afirmou que um estudioso verdadeiro era aquele que possuía conhecimentos úteis e os transmitia⁹, mas cômico de que não se tem explicação para tudo, ainda assim o melhor instrumento para a instrução seria usar a inteligência para penetrar os possíveis mistérios e dúvidas dos vários assuntos¹⁰. Então, após estarem reunidas essas breves revelações de Plínio, o Velho, todas juntas indicam poucos traços de sua própria vivência. Vou, pois, incorporar o fino traço de Plínio, o Jovem, remetendo-se a Tácito:

Meu tio estava estacionado em Miseno como comandante da frota. Era 24 de agosto, ainda no início da noite, quando minha mãe mostrou ao meu tio a aparição de uma nuvem, com tamanho e aparência anormal. Ele havia, segundo seu costume, tomado sol, depois um banho de água fria e havia comido algo e se encontrava naquele momento ocupado com seus livros. Pediu então que lhe alcançasse suas sandálias e subiu até um local de onde podia ver melhor aquele prodígio¹¹.

À primeira vista, tão somente situações ordinárias foram expostas na epístola. Longos banhos e mesa servida com qualidade compunham alguns dos hábitos de Plínio, o Velho, que, dando ouvidos ao som oco do cajado de Esculápio, aventariam para problemas cardíacos e respiratórios animados pela corpulência de Plínio¹². Livros e mais livros sinalizavam a presença de um erudito. Conta-se, até mesmo, que suas

6 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef., 16.

7 Plínio, o Velho. *NH.*, 7,206-209.

8 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef.3.

9 Plínio, o Velho. *NH.*, 5,16.

10 Plínio, o Velho. *NH.*, 2,55; 17,29.

11 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 6,16.

12 SERBAT, Guy. *Plinio el Viejo*. Madrid: Editorial Gredos, 2011, p.39.

anotações valiam mais de 400 mil sestércios¹³. Quando, porém, já principiava a noite, a aparição de nuvens disformes anunciava com a força dos inspirados aedos gregos o que era, o que é e o que seria da vida de Plínio. Se ele foi um homem com afeto às letras e ao exercício de cargos públicos romanos; agora era a fagulha de esperança para muitos moradores de Pompeia e, num futuro próximo, seria colocado sob o jugo da gramática própria da natureza que não responde ao léxico e sintaxe dos humanos nem mesmo atende à aritmética estranha dos coveiros.

Perceba que os desmandos naturais perderiam a primazia sob os caminhos da vida de Plínio caso os seus pés tivessem permanecidos descalços e os seus olhos reservados às linhas dos livros que seu sobrinho relatou. Já de pés calçados por suas empoeiradas sandálias, embora sôfrego pela rota desalinhada, os desmandos da natureza se mostraram como algo valioso e muito belo, bem que fatal. De tal modo que, de pés descalços, Plínio lia, escrevia e aprendia, deleitando-se com erudito coração acerca dos gregos Demócrito, Teofrasto e Metrodoro e com os latinos Varrão, Celso, Catão e Cícero¹⁴. De pés com sandálias e certa dose de desassossego, Plínio descobria circunstâncias pasmadas e impetuosas que havia relatado em sua obra *História Natural*, dedicada ao futuro imperador Tito¹⁵.

Usar ou não usar as sandálias, eis a questão. Será mais nobre em seu espírito sofrer perdas e temores, ou insurgir-se contra um mar de compromissos e colocar-se aquietado em sua mera existência? Questões que remontam às diversas querelas que a tradição ocidental levantou no tocante aos pareceres da vida de Plínio. Aos luzeiros de Atena olhos-de-coruja, a nobre imagem de Plínio foi pretendida como a de um erudito, um compilador, um homem dos estudos e afeito aos livros, exaltando-se as curvas de seus pés descalços. Já pelos olhos de um divino Odisseu, a imagem de Plínio foi versa-

13 Larcio Licínio, procurador da Hispania, teria oferecido para Plínio, o Velho, a quantia de 400.000 sestércios por 160 cadernos de anotações (Plin., *Epist.*, 3, 5).

14 Disse Plínio (*NH.*, Praef., 17): “São vinte mil as informações dignas de atenção (porque como disse Domicio Pisão, deve-se construir tesouros e não livros), lidas em cerca de dois mil livros (alguns dos quais poucos estudiosos se detiveram devido aos assuntos difíceis de entender), obra de autores bem selecionados, que estão apresentadas em trinta e seis volumes”.

15 Disse Plínio (*NH.*, Praef., 1): “Estes livros de *História Natural*, nascidos de minha última criação/juízo e que são uma nova tarefa para as Musas de seus cidadãos romanos, resolvi oferecê-los a ti com esta informal epístola, Gracioso Imperador (tal é, de fato, o título que mais se ajusta à sua pessoa, já que o de Máximo corresponde à velhice de seu pai)”.

da em bravura, destacando os traços de explorador, de observador do mundo natural e de homem de ação exaltando-se as tiras de suas sandálias. Nenhuma das duas descrições é completa por si mesma. Para que se deem passos acertados na compreensão de quem foi Plínio, é preciso friccionar ambas as imagens como se buscasse aquela dialética que dita a narrativa da vida de Plínio. À partida revela o desfecho. Não há pés descalços sem pés calçados. Também não há pés calçados sem pés descalços. Sem nenhum gracejo, o que digo é semelhante ao que Platão relatou no início de seu diálogo do Fédon:

[Diz Sócrates] Como parece aparentemente desconcertante, amigos, isso que os homens chamam de prazer! Que maravilhosa relação existe entre a sua natureza e o que se julga ser o seu contrário, a dor! Tanto um como a outra recusam ser simultâneos no homem; mas procure-se um deles e estaremos sujeitos quase sempre a encontrar também o outro, como se fossem uma só cabeça ligada a um corpo duplo!¹⁶

Ao tentar apreender a imagem de Plínio com sandálias, apanhamos a contragosto a imagem de Plínio sem sandálias. Mas vai, pega a imagem de Plínio sem sandálias e volta, sem perambular. Verás que falhou. Bom, pés nus – homem que medita em letras – e pés calçados – homem do ofício político. Adquire-se, assim, a imagem de um típico homem romano do século I, que se ocupava tanto com as funções públicas imperiais quanto com as incursões no mundo da erudição literária. O próprio Plínio, o Velho, no prefácio de sua História Natural, revelou como esta dinâmica era possível,

(...) não temos dúvidas de que muitas coisas nos escaparam [assuntos]; pois somos apenas humanos, e cercados de deveres, e levamos a cabo este tipo de interesse [os estudos; escrita da obra] apenas em nossos momentos de folga, ou seja, à noite – para que ninguém dos seus pense que nossas horas da noite são dadas ao nada. Os dias nós devotamos a você, e o nosso sono é visto apenas nos termos de nossa saúde (...) para estar vivo é preciso estar acordado!¹⁷

Primeiro, para os contemporâneos, esse trecho é quase um insulto. Durante todo o dia a nau é ordenada pelos embaraçosos compromissos imperiais. Durante parte significativa da noite a mesma nau é aprontada para lançar-se ao imenso mar dos estudos. Todo navegar ciente de seus infortúnios e incompletudes. Já o sono era como um sim-

16 Platão. **Fédon**, 60b.

17 Plínio, o Velho. **NH.**, Praef., 18.

ples passageiro ou fraco remador que atendia apenas ao mero chamado da saúde. Para estar vivo é preciso estar acordado. O sono nada mais é do que os juros cobrados de modo antecipado pela devastadora morte. Ao friccionar dia e noite estudos literários e deveres imperiais desvelam-se as influências avolumadas que ditavam os pensares e fazeres de Plínio, o Velho.

Como algo falso não diria, pois era deveras inteligente, trago outro testemunho de Plínio, o Jovem, sobre seu tio. Esta epístola fora endereçada a Béblio Macrino. Nela, o sobrinho colocou alguns hábitos de seu tio em tempos de bom-convés, ou seja, sem as ondas que rugiam na proa:

(...) quando regressava para casa destinava o tempo restante a seus estudos. Depois de sua refeição (que todos os dias eram simples e leves como mandavam os velhos costumes), frequentemente no verão, se tivesse tempo livre, tomava sol enquanto lia e fazia anotações de algum livro. Fazia isto todos os dias e costumava dizer que não existia um livro tão ruim que não se pudesse aproveitar nenhuma parte. Depois do sol geralmente tomava um banho frio para logo comer e dormir um pouco, depois estudava como se um novo dia tivesse começado, até a hora do jantar, durante o qual também era lido um livro em voz alta, do qual tomava rapidamente algumas notas. (...) em seus aposentos só parava seus estudos no tempo de seu banho, ou melhor, de suas imersões, pois enquanto se secava fazia com que algo fosse lido¹⁸.

Possivelmente, no quanto é possível especular, Aulo Gélío, pensador da segunda metade do século II, influenciado por testemunho tão marcante, assentou Plínio, o Velho, no trono portentoso do “homem mais dotado de talento e prestígio de sua época”¹⁹. Contrariando a Aulo Gélío de modo absoluto, o filósofo moderno Arthur Schopenhauer proferiu as críticas mais mordazes a Plínio, o Velho. Disse que as obras de Plínio seriam meras reproduções de trabalhos que outros escreviam. O resultado de tantas leituras nas horas do banho e das refeições seria a anulação do pensamento próprio e o raiar do afluxo contínuo de pensamentos alheios²⁰.

Agora, se acaso for possível, ouça-me Schopenhauer. Presumo que o cálice do

18 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 3.5.

19 Aulo Gélío. **Noites Áticas**, 9, IV, 13-14.

20 Arthur Schopenhauer em seu texto *A arte de escrever*: “Até mesmo quando se relata, a respeito de Plínio, o Velho, que ele lia sem parar ou mandava que lessem para ele, seja à mesa, em viagens ou no banheiro, sinto a necessidade de me perguntar se o homem tinha tanta falta de pensamentos próprios que era preciso um afluxo contínuo de pensamentos alheios, como é preciso dar a quem sofre de tuberculose um caldo para manter sua vida. E nem a sua credulidade sem critérios, nem o seu estilo de coletânea, extremamente repugnante, difícil de entender e sem desenvolvimento contribuem para me dar um alto conceito do pensamento próprio desse escritor”. (SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Trad. Pedro Sússekind. - Porto Alegre: L&PM, 2009, p.20)

esquecimento ou da impostura fora bebido por ti e pelos modernos. O relato da epístola mostra um homem em busca da máxima erudição que o ócio produtivo poderia proporcionar. Agora, se acaso for possível, ouça ao próprio Plínio, Schopenhauer: “Esta árdua tarefa de dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso (...). Por isso, para nós, mesmo que não tenhamos conseguido, és belo e magnífico termos proposto [tal tarefa]”²¹. Ouvindo a mim ou ao Plínio, é sábio concordar que: digno de um cidadão tipicamente romano do século I, o conhecimento da tradição advindo de insaciáveis leituras ou a partir da oralidade era uma prova do respeito do que viera antes e não de uma inabilidade de pensar.

Falei novamente cidadão tipicamente romano. Quanto a isto, devo algumas palavras dizer. Seja pelas sandálias-literárias, seja pelas sandálias-ofício, Plínio alimentou aquele ânimo expansionista que regia o século I d.C.. Uso, então, tipicamente romano como uma expressão que conduz o leitor pelo infinito mar faz-onda que emerge e mergulha as nuances de um cotidiano romano marcado por triunfos. Ser um cidadão tipicamente romano é de imediato vestir-se com o véu da *humanitas*. Felicitar a grandeza de Roma. Na potente glória pessoal pressentir a suprema glória do Império. Como bem disse Plínio, o Velho, com estranheza à postura de um agigantado romano:

De minha parte, penso que, na composição do saber, é particularmente meritória a causa dos que têm preferido o serviço útil de superar as dificuldades do que apenas buscar aquilo que dá prazer. Tenho praticado tal postura em outros estudos. E por isso declaro que me surpreendo de que Tito Lívio, o célebre autor, em um determinado volume de sua história, que começa da fundação da urbe, tenha começado dizendo que ele havia alcançado muitas glórias e que poderia descansar se a inquietude de seu espírito não se alimentasse de trabalho. Porque deveria ter composto esses escritos para a glória do povo vencedor do mundo e do nome de Roma, não para glória pessoal²².

Atenção. Ser um cidadão tipicamente romano do século I é olhar até mesmo para o seu próprio passado e encontrar problemas que deveriam ser superados. O serviço útil enriquece os feitos memoráveis. A história da urbe é a história do portar virtudes que o ajuíze enquanto um humano não tirânico. Que soe ser o melhor. Um bom humano. Um bom romano.

21 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef., 15.

22 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef., 16.

Isso dito, Plínio a tudo percebeu e reagiu com o discurso. Compôs diversos trabalhos que o conduziram à pertença desta tipicidade romana. Novamente seu sobrinho, de mãos treinadas e memória impetuosa, guardou em uma de suas cartas (Epist., 3,5) a lista de obras escritas por seu tio. A vastidão de temas abordados nestes trabalhos desvela o vertiginoso caminho por ele seguido: Sobre o lançamento de dardos a cavalo; Sobre a vida de Pomponio Secundo; Das guerras com os germanos; Sobre os eruditos; Problemas da língua; Continuação da história da Aufídio Basso; História Natural. Dentre todos esses trabalhos, graciosa ou desgraçadamente, chegou até aqui, após vagar os campos elísios, tão somente a História Natural. O bom de a História Natural ter chegado até os dias de hoje é a própria assertiva escrita por Plínio, o Velho, “isto foi escrito para as pessoas comuns, a multidão de agricultores e artesãos e, depois deles, para os estudantes (...) [não escrevo] para os muito letrados. Não quero Manio Pérsio de leitor, mas quero Junio Congo”²³.

Com a ajuda das epístolas, de seu sobrinho e dos poucos relatos acerca de si mesmo, o entendimento do cidadão tipicamente romano é completado com os ofícios de Plínio. Movendo-se dentro dos meandros de um ordenamento hierárquico, Plínio iniciou sua carreira na Germânia Inferior e Superior, ocupando diversos cargos de oficial do exército às ordens de Domício Corbulão, Pompônio Paulino, Dúvio Avito e Pompônio Segundo²⁴. Cargos ocupados com confiança, mas sem os brilhos auspiciosos como os de um Trajano. Nada fazendo nem falando de imoderado contra Nero, Plínio retirou-se da vida pública nos tempos em

23 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef., 7.

24 Como afirmei em minha tese de doutoramento: “As idas e vindas entre Germânia Inferior e Superior podem ser divididas em 3 momentos: 1º) Germânia Inferior: Plínio esteve no território de Ubii, mais precisamente a leste da foz do rio Reno. Deste período, encontramos, na obra História Natural, algumas descrições sobre as condições terríveis das tribos locais, assim como alguns comentários sobre grandes árvores que cresciam nas margens do rio, causando problemas para as embarcações romanas. Aqui temos a afirmação de que se tratava do período de campanha de Domício Corbulão contra os caucos no ano 47 – envolveu batalhas navais; 2º) Germânia Superior: Plínio comenta sobre os ventos quentes de Aquae Mattiacae sobre o Reno até Moguntiacum e também nos fala sobre os peixes da região. Aqui Plínio esteve entre os anos de 50 e 52 acompanhado de seu amigo Pompônio Segundo; 3º) Germânia Inferior: parece ser neste terceiro momento que houve o encontro entre Plínio e o filho do Imperador Vespasiano, o futuro Imperador Tito – para quem a História Natural foi dedicada. No Prefácio da obra, Plínio nos dá a pista: “és um bom companheiro em nossos acampamentos (militares)! (Plin., *NH.*, Praef., 3)”. Aqui, Fergus Millar apresenta um rápido cálculo da faixa etária de Tito (nascido em 30 de dezembro do ano 39) e concordamos que a data mais possível da estada de Plínio e Tito na Germânia Inferior tenha sido entre os anos de 57 e 58 servindo à Dúvio Avito”. (STADLER, Thiago David. **Por uma noção de história em Plínio, o Velho**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, 2015, p. 93-94).

que os conselheiros de imperador eram condenados à morte. Que diga Sêneca.

Sem perder-se a si mesmo, Plínio retornou algum tempo à sua cidade natal de Como para redigir suas obras de gramática e de oratória. Após o ano conturbado que sucedeu a morte de Nero, em 69, e com a ascensão e queda de Galba, Otão e Vitélio, Plínio regressou a Roma. Regresso rápido. Do ano 70 ao ano 75, já se lançou agigantado pela confiança conquistada do novo imperador, Vespasiano, ao vento da Gália Narbonense, da Hispania Terraconense e da Gália Belga. Ocupou o cargo de *procurator*, que o colocou em contato direto com o serviço administrativo vinculado às finanças²⁵. Mas, depois de ocupar todos esses cargos e com tudo se admirar, Plínio encontrou seu lugar em Miseno como comandante de frota naval.

Assim, ele, de pés descalços e de pés calçados, foi abundante em sua vida literária e laboral. Encontrou, propagou e criou novos traços da *humanitas* romana²⁶. Traços que a muitos calaram, já que seu modo de explicitar as glórias romanas não fora pelas histórias de sangue e carnificina, mas pelos louvores de um cotidiano marcado pelos afazeres do cidadão comum e da natureza em sua simplicidade. Natureza que deixava recém-nascida toda a afronta humana. Pensando bem, o melhor é dar a palavra a ele mesmo:

(...) a natureza mostra sua bondade em relação a nós (...) quando os ossos insepultos estão molhados com o nosso sangue, e, quando nossa loucura finalmente foi descarregada, ela chama a si mesma como um véu, e esconde até mesmo os crimes mortais²⁷.

Agora, então, explicitada a expressão cidadão tipicamente romano, retomo ao que ansiava com a longa citação da jovial epístola pliniana endereçada a Béblio Marcrino.

Ao interpretar a força das palavras de Plínio, o Jovem, na citada epístola 3, 5, per-

25 Plínio, o Jovem, expôs sua surpresa e admiração com este mundo de ocupações de seu tio. Ocupações literárias e políticas que lhe pareciam quase impossíveis de se realizar: “Acaso não te pareces, recordando quanto leu e quanto escreveu [Plínio, o Velho], que não é possível que tenhas desempenhado algum cargo ou mantido amizade com o imperador? E, pelo contrário, agora que conheces quanto se consagrou a seus trabalhos e estudos, não te pareces que não escreveu nem leu o suficiente? Suas ocupações oficiais colocaram todos os obstáculos possíveis, e não havia nada, todavia, que sua energia não pudesse superar” (Plínio, o Jovem. Epist., 3, 5).

26 “*Humanitas* é aquilo por que o homem se torna mais profundamente homem” (Marrou *apud* Rocha, 2002: 421).

27 Plínio, o Velho. NH., 2, 159.

cebe-se o interesse de tornar a seu tio um modelo ideal de cidadão, que flerta com o inalcançável ou com o quase divino. De pronto, a epístola 3, 5 expressa a sua eloquência a partir do excesso. Excesso de zelo. Excesso de familiaridade. Excesso de admiração. Excesso de interesses. Excesso de reverência que me toma ao mirar. Estando assim, amiúde nos excessos, seria ingenuidade não atentar que, conduzindo a seu tio por aquelas palavras de puro deleite, o jovem sobrinho, instruído pelas lições de Nicetas de Esmirna e Quintiliano, agregava a si mesmo os valores e a aparência oportuna de um erudito. Com distinto quinão e honraria, embarcou na nau, diria Homero em seu Canto XI, verso 534, da Odisseia. Ao navegar pelas veredas de Roma, o pujante sobrinho colhia as honrarias oriundas dos laços familiares que ele compartilhava com um dos melhores navegantes romanos. Plínio, o Jovem, teria ainda dito a Tácito,

Nada chama mais a minha atenção que o amor e o desejo de transcender; (...) estaria o fato de voltar, vencedor, através dos lábios da humanidade. Oh, sim! Só uma obra histórica pode prometer tal feito, pois a oratória e a poesia concedem pouco alcance (...) impulsiona-me a empreender tal esforço [escrever uma obra de história] o exemplo de minha própria família: meu tio – a quem considero, por adoção, como meu pai – deixou escritas obras históricas e, na verdade, de grande volume²⁸.

Ao atentar-se ao gozo familiar, compreende-se melhor as letras maliciosamente cândidas de Plínio, o Jovem, pregando sobre a sua própria educação: “aprendi, além do mais, com os sábios, que não existe maior mérito do que seguir os passos de seus próprios antepassados, sempre que tenham transmitido um caminho reto”²⁹. Exemplos de sua própria família. Adoção por parte de Plínio, o Velho³⁰. Educação pautada na tradição. Anseios de transcender pelos lábios da humanidade. Logo, alçava-se à Aurora da história ao lado de seu tio:

Para atenuar o temor de Pomponiano [amigo de Plínio, o Velho] com o exemplo de sua própria tranquilidade [Plínio, o Velho] direcionou-se ao banho e, uma vez terminado, sentou-se e comeu alegremente, ou, o que não pressupõe uma grandeza de ânimo menor, fingiu estar alegre³¹.

28 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 5,8.

29 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 5, 8

30 Plínio, o Jovem, fora adotado por seu tio no ano de 79, mesmo ano da erupção do Vesúvio e, por conseguinte, da morte de Plínio, o Velho. Disse noutro momento: “Ao se tornar tutor legítimo de Plínio, o Jovem, seu tio o alçou às grandes redes de clientelismo que dispunha – talvez o nome de Virgílio Rufo fosse o mais marcante da carreira de Plínio, o Jovem, e tal indivíduo estava vinculado às redes clientelares de Plínio, o Velho”. (STADLER, 2015, p. 91)

31 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 6, 20.

Nos limites desta epístola já se narravam os dias em que a terra se mostrava acinzentada com o sopro portentoso do Vesúvio. Plínio, o Velho, com impiedoso ânimo, comportou-se com vultosa sobriedade diante da catástrofe vesuviana. Novamente o banho surgiu como uma trivialidade. Novamente a alimentação foi um triunfo da felicidade. Até mesmo a disposição de espírito em fingir alegria num momento em que os deuses já eram postos na berlinda do outro lado do golfo. Aqui, como dito anteriormente, se observam traços das filosofias propagadas no mundo romano, em especial o estoicismo. Não quero afirmar com isso que Plínio, o Velho, fora um filósofo estoico romano. No entanto, basta folhear as inúmeras páginas da História Natural que, tal como amplo navio mercante, que cruza o grande abismo, expõe em seu tamanho as marcas profundas de seu pertencimento ao mundo filosófico. Cosmologia, agir humano, riquezas, luxúria, vida, morte. Numa expressão: modo de viver. Penso que os saberes estoicos presentes na epístola 6, 20 de Plínio, o Jovem, são mais bem elucidados com apoio no *Encheiridion*, do ex-escravo estoico Epicteto³²:

Quando vires alguém aflito, chorando pela ausência do filho ou pela perda de suas coisas, toma cuidado para que a representação de que ele esteja envolto em males externos não te arrebate, mas tem prontamente à mão que não é o acontecimento que o oprime (pois este não oprime outro), mas sim a opinião sobre 'o acontecimento'. No entanto, não hesites em solidarizar-te com ele com tuas palavras e, caso caiba, em lamentar-te junto. Mas toma cuidado para também não gemeres por dentro³³.

Plínio, avistando a aflição que tomava conta de seu amigo Pomponiano, buscou tranquilizá-lo com outros afazeres. A insensatez destruía. Quieto ou risonho, Plínio estava cômico de que as coisas externas em nada oprimem o humano. Ainda entre os vivos ficaria. Um simples banho e uma refeição simbolizavam o distanciar-se das opiniões que radiavam acerca do fenômeno natural que lhes aparecia. Em um só ânimo, com ideia e refletida decisão, julgou necessário solidarizar-se com os temores de

32 De acordo com Aldo Dinucci e Alfredo Julien: "O termo grego *encheiridion* se diz do que está à mão, sendo equivalente ao termo latino *manualis*, "manual" em nossa língua. Significa também "punhal" ou "adaga", equivalente ao latino *pugio*, arma portátil usada pelos soldados romanos atada à cintura (...). Assim, o *Encheiridion* serve não como uma introdução aos que ignoram a filosofia estoica, mas antes àqueles já familiarizados com os princípios do Estoicismo, para que tenham uma síntese que possam sempre levar consigo e utilizar. Tal uso se relaciona à tradição estoica da meditação diária, para o que o *Encheiridion* serviria de guia e inspiração". (DINUCCI, A.; JULIEN, A. **Introdução**. In: ARRIANO FLÁVIO. *Encheiridion de Epicteto*. São Paulo; Coimbra: Annablume; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014).

33 Epicteto. *Encheiridion*, 16.

Pomponiano, mas a outra ponta desta decisão clareava a responsabilização acerca da própria postura.

Depois do banho e de consumir comida e bebida, então Plínio, junto com seu amigo Pomponio, revelaria outro atributo do estoicismo, a chamada ataraxia. De modo pouco apropriado, eis que ela se apresenta nos dias de hoje como a tranquilidade da alma. Estar educado a tal ponto que os contatos com o mundo externo não sejam suficientes para perturbar o bom andar do caminhante, já que não seriam os acontecimentos os responsáveis pelos problemas do humano, mas as opiniões acerca dos acontecimentos. Com satisfação filosófica, Plínio demonstra, com seus atos, a qualificação da vida em torno da calma e do suave fluxo de vida, graças ao aprimoramento de suas virtudes, além do correto uso da proairesis e suas faculdades. Somente assim poderia banhar-se e mesmo fingir alegria sem gemer por dentro, pois estaria capacitado a julgar ou assentir e também a evitar tudo aquilo que não está no poder do humano³⁴.

O sábio diante do indiferente não necessita demonstrar preocupação, já que não há nenhuma possibilidade de alterar o fluxo dos acontecimentos. Ciente de que o tudo virará o nada se vive tranquilamente. Vive-se de modo completo. Estar diante do prelúdio final não é nem mais nem menos importante do que qualquer outro momento da vida. Mesmo sem fôlego ou sem voz não se demonstrariam nem remorso nem medo. Todos os homens estariam no mesmo estado a partir de seu último dia de vida em diante, assim como eram antes de seu primeiro dia de vida, e nem corpo nem a mente possuiu qualquer sensação após a morte³⁵.

Ora, é preciso sempre lembrar que esta imagem de Plínio, o Velho, como um sábio estoico diante dos dissabores que potencializam a vida vivida, era uma tarefa exercida por seu sobrinho mui astuto. Astúcia que honrou o seu tio com palavras que cruzariam os tempos, sempre seguras. Astúcia de envolver-se com fio purpúreo na roca da história, ao apropriar-se pelo viés intimista de um acontecimento natural-histórico que marcou a Antiguidade. Penso que todas essas astúcias satisfaziam ao sobrinho enquanto tudo isso não envolvia a narrativa da morte de seu tio. No entanto,

34 FONTOURA, F. C. da. **A ética do bem viver em Epicteto**. Porto Alegre: Fi, 2017, p.129.

35 Plínio, o Velho. **NH.**, 7, 188.

quando ficou responsável pelas palavras brônzeas que da morte silenciosa falariam, sua astúcia foi outra. Se não se pode vencer a morte cabe àquele que narra uma mui bela função: transformar a morte em glória imperecível, fazer do lote comum a todas as criaturas sujeitas ao traspasso um bem que lhe seja próprio e cujo brilho seja eternamente seu³⁶.

Vindo do pasto no bosque, para beber, pois o ímpeto da morte já lhe tocava, o sobrinho comoveu-se. Então, no juízo e no coração, se proporia, após acompanhar de longe a tragédia vesuviana e a fumaça sufocante, a relatar, à semelhança doutras mortes famosas, o fim de seu próprio tio. Não tenho dúvidas de que o pertencimento a uma mentalidade de oralidade fazia com que Plínio, o Jovem, buscasse ouvir uma voz mortuária. Brado que desde os tempos de Homero assim vociferava: “Ouvi meu discurso, companheiros, mesmo sofrendo. Amigos, não sabemos onde é a treva, onde, a aurora, nem onde o Sol ilumina-mortal vai sob a terra nem onde sobe”³⁷.

Talvez uma das principais narrativas que chegou ao grupo político e literário romano do século I e que influenciou de maneira marcante a construção das imagens dos sábios estoicos do Império Romano foi o diálogo de Fédon, de Platão. Sem o intento de tudo ordenar acerca deste diálogo, apenas indico que nele é narrada a última conversa de Sócrates com seus discípulos antes de sentenciar-se à morte com um cálice de cicuta. O trecho selecionado compõe parte da narrativa final do diálogo, justamente no momento em que Fédon contava a Equécrates sobre a postura ascética de Sócrates diante de sua própria morte,

Ora, meu bom homem, tu que conheces bem esse procedimento, diz-me: o que devo fazer? [perguntou Sócrates ao homem que ia administrar a cicuta]. Nada, ele disse, a não ser beber o veneno, caminhar até sentires tuas pernas pesadas e, em seguida, deitar. O veneno então produzirá seu efeito. Ao mesmo tempo em que falava ofereceu a taça a Sócrates. Este a tomou de sua mão, e muito suavemente, Equécrates, sem esboçar qualquer temor, qualquer mudança da cor de sua tez ou da expressão de sua fisionomia (...), ergueu a taça aos lábios e, com um ar misto de jovialidade e tranquilidade, sorveu o seu conteúdo totalmente³⁸.

Sem vociferar nenhuma palavra de ódio ou de descontentamento quanto ao

36 VERNANT, J. P. **A bela morte e o cadáver ultrajado**. Discurso, n. 9, 1978, pp. 31-62.

37 Homero. **Odisseia**, Canto X, 190.

38 Platão. **Fédon**, 177 b-c.

seu destino, Sócrates encerra sua vida da forma como sempre pretendeu vivê-la, instruindo-se pelo diálogo. Não dominando a linguagem da morte corpórea, solicita auxílio para compreendê-la e atendê-la. Bastava fazer aquilo que tão bem fazia nos espaços públicos ao debater com seus concidadãos acerca das virtudes, dos sapatos, das condenações, das palavras e de tantos outros assuntos. Bastava andar. Provavelmente com seus pés comportados em um par de sandálias tal como os pés de Plínio. O movimento do caminhar se revela como rei sublime e campeão pujante. Sócrates caminha com suas sandálias para tornar-se completo, tornar-se plenamente humano e no gesto simples, morrer. Erguendo a taça parece convidar o ausente vinho a misturar-se de forma cristalina e imaginativa no gole que selou o pacto com Tânato. Tranquilo e sem temor, rendeu-se de corpo inteiro e fitando a Críton disfarçou suas últimas palavras numa dívida adormecida a Asclépio.

Como conversava agora mesmo, não sem razão tal relato platônico fora aqui apontado. Plínio, o Jovem, foi quem, em epístolas, prestou glórias ao tom sublime e elevado dos discursos de Platão – “[sobre o filósofo Eufrates] seus discursos possuem um estilo brilhante, majestoso e elegante, e frequentemente adotam, inclusive, aquele tom elevado e sublime de Platão”³⁹. O mesmo Jovem contou sobre a morte de seu tio, o Velho. Narrativa que herdou ou se hospedou na linguagem mortuária de Platão. Talvez alguém não se convença, ou soe o brado dos amantes ultrajosos das interpretações únicas. Assim, apresento o relato da morte de Plínio, o Velho, nas justas intenções de seu sobrinho e endereçadas a Tácito:

(...) porque os densos vapores obstruíram sua respiração e fecharam sua garganta, que por natureza era fraca e estreita e se inflamava com facilidade. Quando reapareceu ali a luz do sol (três dias depois) seu corpo foi descoberto íntegro e ileso, todavia coberto com suas vestes, e refletia antes, a aparência de estar dormindo do que a da morte⁴⁰.

Ah sublime estado de espírito! Somente os vapores de um vulcão que rompeu o silêncio e soterrou Herculano e Pompeia. Inalando estes densos vapores, Plínio ofendeu seu fraco corpo, que reagiu com o fechar da glote. Se no terceiro dia ressuscitou dos mortos... não, não proferirei tamanha malícia. Se no terceiro dia o corpo de Plínio,

39 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 1, 10.

40 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 6, 16.

o Velho, estava íntegro e ileso não é preciso ser adivinho para consagrar-lhe uma morte tranquila e jovial como semelhantemente narrou Platão acerca de Sócrates. Já que a comparação foi exposta, espanto-me com um agravante: Plínio, o Velho, morreu sufocado pelos vapores do Vesúvio com a face alva de um Sócrates que tão somente bebeu um cálice de cicuta. Seria a chamada morte doce, que enchendo os pulmões com os vapores vulcânicos vitimiza o vivente com estupor?

Sobre o tempo que passou entre os vapores inalados e a integridade do corpo morto de Plínio, nem mesmo os deuses conhecem este segredo. Porém, o que se passa entre a narrativa da morte de Sócrates, que é levado a deitar para dormir o sono eterno, e a narrativa do corpo morto de Plínio, que se aparenta mais com o ato de dormir do que com o ato de morrer, eis algo que se celebra a parença sem o auxílio das divindades.

Quão formosa narrativa, que jubilosamente deita o corpo de um romano com prudência exemplar. Se não fosse o testemunho de outro romano não aparentado de Plínio, o Velho, apesar de vinculado a Plínio, o Jovem, ter-se-ia apenas a narrativa maravilhada de um sobrinho entusiasmado⁴¹. Suetônio admitiu uma breve descrição com ares de maior veracidade e menor beleza triunfal sobre a morte de Plínio, o Velho:

[Plínio, o Velho] Perdeu sua vida no desastre da Campania. Estava comandando a frota de Miseno durante a erupção do Vesúvio e investigava o fenômeno que ali ocorria, mas foi incapaz de voltar devido aos fortes ventos. Ele foi sufocado pela poeira e cinzas, embora alguns pensem que foi morto por um escravo, a quem pediu para apressar o seu fim, quando foi dominado pelo intenso calor⁴².

Plínio pôs em marcha sua frota naval em direção ao fenômeno natural que o sentenciou. Salvos ou perecidos, todos os seus comandados o seguiram. Brilha no re-

41 Suetônio pertencia ao círculo clientelar de Plínio, o Jovem. Esta íntima relação pode ser observada em uma epístola pliniana enviada ao imperador Trajano: “[1] Meu senhor, Suetônio Tranquilo é um homem perfeitamente honrado, absolutamente íntegro e extremamente erudito. Depois de seguir com atenção desde há muito tempo sua vida e seus trabalhos literários, o admiti em meu círculo mais estreito de amizades, e comecei a admirá-lo ainda mais nestes últimos tempos, já que agora pude observá-lo mais de perto. [2] Há dois motivos principais para que ele desfrute do privilégio dos três filhos: por um lado, é digno da boa opinião que os amigos possuem dele, e por outro, não foi agraciado com um matrimônio fértil, de tal forma que se vê obrigado a suplicar-te, invocando tua bondade e por meu intermédio, aquilo que a má fortuna lhe negou. [3] Estou cômico, meu senhor, de quão importante é a graça que solicito, mas a solicito a quem sei, por experiência, que atende com magnanimidade a todos os meus desejos. Além disso, podes deduzir facilmente com que avidez anseio obter tua graça pelo fato de que não te rogaria algo semelhante estando ausente de Roma se não o desejasse de todo coração”. (Plínio, o Jovem. *Epist.*, 10, 94).

42 Suetônio. *De Viris Illustribus*; Vita Plinii Secundi.

lato de Suetônio a figura daquele bravo curioso que investigava tanto os céus quanto os mares com a destreza de um Odisseu. Com um final pouco convencional, é verdade, ao herói grego, já que não se tratou de uma feliz travessia nem de um retorno triunfal a Ítaca. A travessia teve apenas o sentido de ida, pois os fortes ventos artificiosos tocavam firmemente o seu peito e impediram o retorno da embarcação, assim como o impediram de respirar. Até aqui o relato é o mesmo daquele apresentado por Plínio, o Jovem, mas um novo ingrediente fora acrescentado nesta história de virtudes complexas.

Imagino que, com a ponta de um punhal, gemendo e suando sob a vida fatigante de um comandante naval, Plínio não hesitou diante dos infortúnios orgulhosos da vida, que o sufocavam com vapores, poeira e cinzas e pôs-se nas mãos de um escravo, a quem pediu para apressar o seu fim, quando fora dominado pelo intenso calor. Com tal decisão tomada, enxuga os olhos que com lágrimas ofendiam o seu rosto e abre-se para o campo da divina natureza. Lágrimas não de tristeza, e sim de tamanha responsabilidade diante do que se desvelava. Pertencente aos meandros de um modo de viver estoico, Plínio sabia que a morte não deveria nem ser temida nem ser louvada, já que não se tratava de um encargo do humano. Assim, indiferença é a palavra de ordem no vocabulário mortuário de um estoico ou, caso se queira utilizar, de uma das belas expressões homéricas, “se é morto ou vivo é vão discurso”⁴³. Retomando o seu elogioso sobrinho nesta história de Suetônio, aquele diria que a diferença de seu tio com os outros cidadãos que enfrentaram o sopro vingativo de Vesúvio é a de que os outros cidadãos substituíam temores por outros temores, enquanto seu tio substituíam razões por outras razões⁴⁴.

Re-retomo a Suetônio. Plínio, o Velho, pôs-se nas mãos potentes de um escravo que o livrou do tumulto da existência. Dia 25 de agosto de 79. Morte. Sábio, discreto e respeitado, Plínio morreu como viveu e foi dono de sua morte como fora dono de sua vida. Seja pelas mãos de um escravo, seja pelo sopro vingativo do Vesúvio, Plínio saiu da vida vivida para entrar na obscenidade da história, que ora prefere vê-lo com seus pés descalços ora prefere vê-lo calçado com suas sandálias. Eu, após lavar e vestir

43 Homero. *Odisseia*, Canto IV, 640.

44 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 6, 16.

sandálias limpas no corpo de um Plínio histórico, prefiro compreendê-lo neste sacrifício historiográfico que, ruminando juízos desacertados, o contempla caído ao chão com um dos pés calçados e outro descalço.

2. OS PERCURSOS DA HISTÓRIA NATURAL

Ouso afirmar que nenhuma obra do mundo antigo pode fornecer tantas informações, conhecimentos, fantasias, tradições, pré-conceitos como a História Natural de Plínio, o Velho. Por essa característica, a obra foi consultada até o século XVI como um inventário de informações úteis⁴⁵. Conteúdos que vão desde geografia, antropologia, zoologia, biologia, medicina até agricultura, arte e mineralogia. Justamente por essa abrangência de áreas do conhecimento torna-se difícil encontrar um livro que aborde quaisquer aspectos de Roma que não inclua, ao menos em nota de rodapé, a *Naturalis Historia*. Ora, ciente de que meu esforço não abarcará toda uma história da recepção da NH, proponho que vocês acompanhem um pouco dos *percursos* que tanto a obra quanto o autor tiveram a partir de extratos e comentários feitos por pensadores ao longo de muitos séculos. Neste percurso será possível vislumbrar como as percepções de certos autores podem outorgar a outro pensador qualidades de um homem sábio e também vícios de um simples copista e imitador. Talvez a leitora e o leitor consigam vislumbrar como as imagens são construídas ao longo de séculos e, muitas vezes, chegam até os dias de hoje com características absolutamente conflitantes com os tempos antigos. No caso específico de meus estudos, foi com a ajuda desses autores que se tornou possível perceber a árdua tarefa de forjar o pensamento ocidental a partir da leitura da NH⁴⁶. Não ambiciono com a seleção de autores proposta dar conta de todas as minúcias históricas de cada período. Sei que cada pensador está dotado de ambições, vontades, ideais e perspectivas quando escreve sobre determinados temas ou cita determinados autores. Contudo, a minha intenção ao apresentar esses autores que citaram Plínio num longo percurso histórico é simples: demonstrar que a NH foi uma obra presente

45 DOODY, Aude. **Pliny's Encyclopedia: the reception of the Natural History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.02.

46 Para as leitoras e leitores mais curiosos dou uma informação importante. Até mesmo no período dos ditos "descobrimientos" (seria melhor, achamentos) a obra História Natural esteve presente nas malas dos viajantes. Quando os europeus chegaram no "Novo Mundo" traziam em suas malas alguns trechos e exemplares da História Natural com o intento de fazer estudos das plantas medicinais que aqui [no Novo Mundo] existiam. De tal modo que, a partir do século XV, houve uma enorme quantidade de edições da NH e, até mesmo, a tradução do latim para o castelhano. (ÁLVAREZ PELÁEZ, Raquel. **La Historia Natural em tiempos del emperador Carlos V. La importancia de la conquista del Nuevo Mundo**. Revista de Indias, 2000, vol.LX, núm.218, pp.13-31).

nos mais diversos ambientes literários da Europa Ocidental por muitos séculos. Cada pensador com seu tipo de leitura, mas todos, invariavelmente, divulgaram as imagens que fizeram de Plínio e sua magna obra. O atual desconhecimento acerca da obra e do autor se deve a tantas amnésias nos programas educacionais e também às revoluções do conhecimento científico que depositaram a autoridade noutros critérios⁴⁷.

* * *

O primeiro pensador que aqui apresento é um dos maiores nomes da retórica romana e, por tal habilidade com as palavras, deixou um enigma em seu discurso. Marco Fabio Quintiliano (35 - 95 d.C.) sempre é lembrado por seu talento e esforço em construir uma obra completa para a formação básica no campo da retórica romana. Sua obra *Instituição Oratória* foi um marco da sociedade romana do século I d.C. e, outro ponto de destaque para os meus estudos, tal obra foi um marco na educação de Plínio, o Jovem – sobrinho de Plínio, o Velho. Foi através dos ensinamentos de Quintiliano que o sobrinho aprimorou sua postura, tanto na forma de falar quanto na escrita, e buscou seu lugar nos cargos de prestígio na administração do principado de Trajano⁴⁸. Quanto ao tio – Plínio, o Velho – encontra-se explicitamente uma citação de Quintiliano em sua obra *Instituição Oratória*, Livro 3: “Sobre o mesmo [assunto] escreveu Cornificino [sobre retórica], algumas coisas Estertínio e Gallio, o pai; mas com mais cuidado que todos Celso e Lenas, anteriores a Gallio, e em nossos dias Virgínio, Plínio e Rutilio”. Nota-se que esta citação não apresenta ligação com a obra NH, pois a discussão que Quintiliano travava era em relação ao ensino da retórica. Tal como dito naquela “última conversa” na Introdução, deve-se lembrar que Plínio não escreveu apenas a NH, mas quando Nero assumiu o principado romano (de 54 até 68 d.C.) o pensador se retirou da cena pública e dedicou-se somente aos estudos. Neste período

47 Tanto metodologicamente quanto epistemologicamente a virada do século XVI para o XVII mostrou que nos assuntos ligados à natureza as obras da Antiguidade deveriam ser reavaliadas. A consequência direta desta reavaliação foi a postura adotada e reproduzida pela ciência moderna até os nossos dias: o que os estudiosos das humanidades veem como *passado* as ciências veem como *ultrapassado*.

48 HIDALGO DE LA VEGA, Maria José. **El intelectual, la realeza y ele poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p.105.

escreveu duas obras: *Sobre os eruditos* e *Problemas da língua*. Pelo teor da citação de Quintiliano acredito que suas palavras se direcionavam a essas obras plinianas.

O enigma deixado por Quintiliano encontra-se no Livro 10 da *Instituição Oratória* em que o autor propõe uma espécie de contraposição entre autores gregos e latinos, por exemplo, Tucídides a Salústio; Heródoto a Tito Lívio. Contudo, após elogiar os escritos de Servílio Noviano e Aufídio Basso, Quintiliano apenas relata algo sobre um autor não nominado: “Falta um que é o decoro e glória de nossos tempos, digno de memória dos séculos vindouros, de quem em outra ocasião se fará menção; agora já se entende quem é”⁴⁹. Através desta citação alguns estudiosos proclamam que o autor não nominado seria Plínio, o Velho. Contudo, tantos outros creditam tal passagem a Tácito sendo esta interpretação a mais bem aceita⁵⁰. Fato é que Quintiliano e Plínio viveram no mesmo período e desfrutaram de experiências comuns – retiro no período de Nero; escreveram textos sobre as palavras; um foi tio e outro foi mestre de Plínio, o Jovem. Dessa forma, a admiração de Quintiliano (doze anos mais jovem que Plínio) se faz absolutamente possível. Alguns poderiam sugerir que um autor das proporções de Quintiliano – no tocante à beleza da escrita – nunca teria admiração por alguém com uma linguagem pouco especializada, corrente e vulgar como Plínio⁵¹. Todavia, todos esses julgamentos estão limitados à obra NH, pois nenhuma das outras obras plinianas chegou até os dias de tais críticas⁵². E, mesmo levando apenas em consideração a NH, Plínio não usou uma linguagem “bárbara” por desconhecer os cânones da língua latina. Seria um abuso um autor que não conhecesse tais cânones e, mesmo assim, ousasse escrever tratados sobre os eruditos e os problemas da língua. Alguns autores, como J.F. Healy, pensam que a NH teve sua linguagem pensada a partir da necessidade de con-

49 Quintiliano. *Instituição Oratória*, 10, VI.2.

50 Nota adicionada pelos tradutores da *Instituição Oratória* na versão: *Instituciones Oratoria* (tomo II). Trad. Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier. Madrid: imprenta de Perlado Páez y compañía (Biblioteca Clásica), 1916, p. 470.

51 Este posicionamento não é o propagado por mim, mas o senso comum construído a partir das críticas feitas no século XIX por grande parte dos estudos de filologia clássica.

52 Obras escritas por Plínio, o Velho e citadas na Epístola 3.5 de Plínio, o Jovem para Baebio Macroso: 1º) Sobre o lançamento de dardos à cavalo; 2º) Sobre a vida de Pomponio Secundo; 3º) Das guerras com os germanos; 4º) Sobre os eruditos; 5º) Problemas da língua; 6º) Continuação da história da Aufídio Basso; 6º) História Natural.

struir uma síntese sobre “toda a natureza” e, assim como Lucrécio recorreu a termos “estrangeiros”, Plínio também o fez devido à escassez do vocabulário técnico latino⁵³. Sendo a citação de Quintiliano sobre Plínio ou Tácito, o interessante é que o próprio Tácito (56 - 117 d.C.) apresenta algumas facetas de Plínio que também não se remetem à NH, mas mostram a autoridade do autor em temas gerais e de importância política. Diz Tácito:

Uma mulher de espírito heróico, assumiu os deveres, de maneira geral, durante estes dias, e distribuiu roupas e remédios para os soldados, conforme eles eram feridos ou destituídos. De acordo com *Gaius Plinius*, o escritor das guerras germanas, ela estava na extremidade da ponte e deu louvor e gratidão quando as legiões retornaram⁵⁴.

Neste pequeno extrato dos *Annales* de Tácito temos o uso de Plínio como uma autoridade sobre a guerra contra os germanos. Seguramente, Tácito enviou uma carta para Plínio, o Jovem, pedindo informações sobre a vida e as produções de seu tio. Reunindo esta carta enviada por Plínio, o Jovem, a Tácito, com as outras epístolas⁵⁵ que constroem diretamente ou indiretamente a figura de seu tio, reconhece-se o porquê de Tácito referenciar Plínio, o Velho, em assuntos que escapam à NH. Assim como se vê no testemunho de Quintiliano o espaço ocupado por Plínio dentro das discussões sobre retórica, em Tácito, o uso de Plínio como autoridade quando o assunto era a guerra contra os germanos justifica-se através da obra *Das guerras com os germanos* em vinte volumes⁵⁶.

Plínio aparece nos *Annales* ao menos outras duas vezes⁵⁷ como uma autoridade sem referência explícita à NH, ou seja, talvez seus outros escritos ganharam maior importância no século I d.C. Ainda nos escritos de Tácito tem-se uma breve passagem em suas *Histories* (3.28) colocando Plínio como um autor de grande importância, mas que conflitava com alguns testemunhos de Messala⁵⁸. Tem-se a impressão, após as citações

53 HEALY, J.F. *Pliny the Elder on Science and Technology*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.79-82.

54 Tácito. *Annales*, 1.69.

55 As epístolas plinianas que versam sobre a vida e obra de seu tio: 1,19; 3,5; 5,8; 6,16; 6,20.

56 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 3.5.

57 Tácito. *Annales*, 13.20; 15.53.

58 Tácito. *Histories*, 3.28.

de Tácito sobre Plínio, o Velho, de que a presença da obra NH ainda se fazia pouco tocante aos relatos preferidos por tais autores. O lugar da obra ainda não se fazia claro.

Com outras intenções, mas no mesmo período de Quintiliano e Tácito, o testemunho de Suetônio (69 - 130 d.C.) sobre Plínio mostra-se apenas como uma rápida nota biográfica. Suetônio não se utilizou dos escritos e ideias de Plínio, mas praticamente repete – de maneira mais superficial – as informações que Plínio, o Jovem, nos brinda em suas cartas. Lê-se em Suetônio:

Plínio originário de Como, exerceu com diligência os cargos militares próprios dos equestres, e desempenhou sem interrupção, de forma íntegra e esplêndida, cargos de procurador; também deu grande atenção aos estudos liberais que mesmo os que gozavam do ócio pleno não escreveram tanto quanto ele. Por exemplo, escreveu 20 volumes sobre todas as guerras contra os Germanos, além dos trinta e sete volumes da História Natural. Perdeu sua vida no desastre da Campania. Estava comandando a frota de Miseno durante a erupção do Vesúvio e investigava o fenômeno que ali ocorria, mas foi incapaz de voltar devido aos fortes ventos. Ele foi sufocado pela poeira e cinzas, embora alguns pensem que foi morto por um escravo, a quem pediu para apressar o seu fim, quando foi dominado pelo intenso calor⁵⁹.

Esta descrição sobre a vida de Plínio não aparece “ao acaso” já que Suetônio pertencia ao seleto grupo de amigos⁶⁰ de Plínio, o Jovem, assim como Tácito. Diferente das epístolas de Plínio, o Jovem, neste testemunho de Suetônio, aparecem algumas divergências em relação à morte de Plínio, o Velho (como visto no capítulo *As sandálias de Plínio, o Velho*). Além desta curta biografia, Suetônio cita rapidamente o posicionamento de Plínio sobre o local de nascimento do imperador Calígula que, ao que indica o documento, teria dúvidas sobre tal tema. No entanto, o testemunho de Plínio aparece na mesma ordem da de outros pensadores:

Cn. Lentulus Gaetulicus pretende que Calígula nasceu em Tibur; Plínio em Tréveris, em um vilarejo de Ambiancino, além de Coblença, e ainda acrescenta como prova, que há ali um altar com a seguinte expressão: *Ob Agrippinae puerperium*. (...) Plínio afirma que *Gaetulicum* por adulação disse uma mentira que devia lisonjear a vaidade de um jovem príncipe apaixonado pela glória, dando-lhe uma cidade consagrada a Hércules (...). A inscrição que Plínio fala tampouco prova nada a favor de seu sentimento, posto que Agripina deu a luz a duas filhas no local onde se veem este altar, e que a palavra *puerperium* se aplica a todos os partos sem distinção do sexo do nascido, tendo chamado,

59 Suetônio. *De Viris Illustribus*.

60 Encontra-se em uma das cartas de Plínio, o Jovem (*Epist.*, 10.94) para o imperador Trajano um forte indicativo de amizade entre o sobrinho e Suetônio: “Suetônio, *domine*, não é apenas um erudito competente, mas também um homem da mais alta integridade e distinção. Admiro há muito tempo seu caráter e sua capacidade literária, e desde que se tornou meu amigo próximo, tendo agora a possibilidade de conhecê-lo mais intimamente, aprendi a estimá-lo mais ainda (...)”.

frequentemente, nossos antepassados às filhas *puerae* e aos filhos *puelli*⁶¹.

O princípio de autoridade aparece neste trecho, mas nota-se que Suetônio não se posicionou definitivamente ao lado de Plínio, pois propõe o embate entre as afirmações de Cneu Cornélio Lêntulo Getúlico – que esteve envolto em conspirações contra o imperador Calígula – e Plínio. Novamente não aparece o nome da NH como referência das discussões ligadas ao ambiente político romano. Cronologicamente mais próximos dos tempos de Plínio, o Velho, estes três pensadores – Quintiliano, Tácito e Suetônio – fornecem indicações da vida e das ideias de Plínio propagadas entre a elite romana, mas pouco ou nada indicaram sobre o espaço da NH dentro deste próprio círculo de poder e amizade. Indícios de que as outras obras de Plínio circulariam mais do que a NH ou, de modo especulativo, ainda não se sabia ao certo o *lugar* da História Natural enquanto uma proposta distinta de todas as outras escritas por Plínio.

Outro indivíduo que esteve mais distante temporalmente, mas mais próximo da NH, foi Aulo Gélcio (125 - 180 d.C.). Em sua obra intitulada *Noites Áticas* encontram-se diversas passagens que remetem à autoridade de Plínio e de sua NH. Diferentemente dos exemplos anteriormente apresentados, Aulo Gélcio reproduz trechos da obra pliniana e eleva o espírito de Plínio às alturas, pois o considerou “o homem mais dotado de talento e prestígio de sua época”⁶² – sem os enigmas de Quintiliano. Encontramos ao menos seis passagens na obra *Noites Áticas* que exaltam a figura de Plínio e sua História Natural. Dessas, duas dão nome aos títulos de dois capítulos da obra de Aulo Gélcio: “Capítulo XVI. Plínio, o Velho, homem sábio, não se deu conta e deixou passar um defeito de argumento que os gregos chamam *antistréphon*”⁶³ e “Capítulo XII. Sobre os presságios fabulosos que Plínio, o Velho atribuiu indignamente ao filósofo Demócrito; no mesmo capítulo uma invenção voadora que lembra um pombo”⁶⁴. Claramente nos títulos sugerem-se erros de Plínio, mas que se justificariam pela imensidão de temas tratados por um só homem. Juntamente aos elogios que Aulo Gélcio imprime noutras

61 Suetônio. *De vitiis Caesarum* – Calígula.

62 Aulo Gélcio. *Noites Áticas*, Livro 9, IV.13-14.

63 Aulo Gélcio. *Noites Áticas*, Livro 9, XVI.

64 Aulo Gélcio. *Noites Áticas*, Livro 10, XII.

passagens à figura de Plínio tem-se a confirmação dos usos da NH previsto por Plínio em seu prefácio epistolar. Noutras palavras, Aulo Gélcio fornece os primeiros testemunhos de que a NH ganhava o espaço de uma *enkyklios paideia latina*⁶⁵. Nota-se neste trecho:

Mas, como falamos sobre o ano de nascimento, de que Homero fala (...) acho conveniente não esquecer o que li no sétimo livro da *Historia Natural* de Plínio, o Velho. E como o que ele disse parece incrível, preferi transcrever as próprias palavras de Plínio: 'Assegura Masurio que o pretor Lucio Papirio, em um pleito movido pelo segundo herdeiro sobre uma herança, abriu mão da herança em favor da parte contrária, embora a mãe dizia que havia dado à luz no décimo terceiro mês, porque a ele não parecia haver uma data exata de produzir um parto'. No mesmo livro de Plínio, o Velho está escrito o seguinte: 'O bocejo durante o parto é letal, assim como o espirro durante a relação sexual é abortivo'⁶⁶.

O autor cita literalmente os escritos de Plínio para ganhar legitimidade em sua própria escrita. Como o trecho trata de um assunto que envolve as instâncias da justiça mescladas com discussões sobre o tempo de gestação humana percebemos que a utilidade da NH⁶⁷ não se mostra acidental, mas puramente intencional e legítima. Noutros trechos das *Noites Áticas* encontram-se os mesmos posicionamentos⁶⁸ – com ênfase no Livro 7 da NH, considerado hoje como o livro “antropológico”.

Ampliando os percursos da obra e do autor há a necessidade de apontar os escritos de Isidoro de Sevilha (570? - 636 d.C.) que também contemplam a NH. Em suas *Etimologias* é possível encontrar uma definição de História que num primeiro momento parece distante da proposta pliniana: a História “é a narração dos fatos acon-

65 A leitura que proponho ao longo deste livro não permite entender a obra pliniana vinculada a qualquer sistema de significação que respalde a noção moderna de enciclopedismo. Deve-se lembrar que o termo “enciclopédia” é construído apenas na Modernidade, pois a aproximação que muitos tentaram fazer entre o termo grego *enkyklios paideia*, usado por Plínio em seu Prefácio, e a palavra enciclopédia é deveras preocupante. Tomando por base que a palavra grega *enkyklios* se refere a “usual, corrente, vulgar, trivial, diário, circular” e *paideia* a “educação, formação” nada mais distante do que uma educação diária/circular e uma educação enciclopédica – nos termos modernos. Fora este ponto tem-se a ciência de que um texto enciclopédico deve visar à funcionalidade, ou seja, uma das características fundamentais de uma enciclopédia é a de informar e separar o ordinário do extraordinário, característica esta não encontrada na NH. Justamente uma das marcas mais visíveis da obra pliniana é a forte presença do maravilhoso mesclado com assuntos considerados úteis e sérios.

66 Aulo Gélcio. *Noites Áticas*, Livro 3, XVI.22-24.

67 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef. 33: “(...) não é preciso ler [a obra] – inteira, mas que cada um busque o que deseje e saiba onde encontrar [alusão ao Livro I]”.

68 Outras citações que aparecem Plínio, o Velho na obra *Noites Áticas* de Aulo Gélcio: 9, IV.7; 9, IV.13-14; 9, IV.16

tecidos, pela qual se conhecem os sucessos que tiveram lugar em tempos passados”⁶⁹.

Contudo, como afirma o historiador Renan Frighetto:

De fato, para o hispalense [Isidoro], as *Historias* eram destinadas aos leitores preparados para ‘verem’ com os próprios olhos os acontecimentos narrados pelos historiadores e transcrito pelos copistas, pois era muito melhor e mais verdadeiro ler e comprovar que simplesmente escutar e duvidar (...) Dessa forma a História, na concepção isidoriana, destinava-se à formação e à educação do conjunto da sociedade política hispano-visigoda⁷⁰.

Ao aproximar a concepção de História à formação e educação da sociedade, eis o papel desempenhado por Plínio em sua obra. Contudo, Isidoro não apresenta Plínio em questões como as de Tácito e Suetônio (envolto em política), mas aproxima-se mais aos escritos de Aulo Gélcio. Prova desta afirmação é o Livro XII das *Etimologias* que concentra todas as citações isidorianas acerca da NH. Tal livro é intitulado “Sobre os animais” e Plínio é citado ao menos seis vezes⁷¹. Indico algumas destas passagens:

O leopardo, que nasce da união de uma leoa e um pardo, pertence a terceira classe [classe de leões]. Na opinião de Plínio, em sua História Natural [8,42], procede do cruzamento de um leão com uma parda, ou um pardo com uma leoa, mas, em ambos os casos, o resultado da união é um produto híbrido, como a mula e o bardoto⁷².

Os lince, segundo Plínio [NH., 8,43], não admitem mais que um parto⁷³.

Lemos em Gênesis [3,1]: ‘a serpente era a mais sábia entre todos os animais da terra’. Se damos crédito a Plínio, a serpente continua com vida quando busca salvar a cabeça e dois dedos do corpo. Daí que, para defender a cabeça, joga todo o seu corpo a quem a fere⁷⁴.

Saliento que Isidoro estava envolto por questões religiosas e tem-se um claro exemplo no último trecho citado. Nota-se que primeiro aparecem as informações da Sagrada Escritura para depois, quase como um aval mundano, o conteúdo da NH corroborando com a intenção do autor cristão. De acordo com o Gênesis, a serpente seria

69 Isidoro de Sevilha. *Etimologias*, I,41.

70 FRIGHETTO, Renan. **Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo (Hispania, século VII)**. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, núm.05, 2010, p.75.

71 Citações que aparecem informações sobre a NH de Plínio nas *Etimologias* de Isidoro de Sevilha: Livro XII, II.9-13; XII, II.20; XII, II.28; XII, IV.43; XII, VI.45; XII, VI.63.

72 Isidoro de Sevilha. *Etimologias*, XII. II, 9-12.

73 Isidoro de Sevilha. *Etimologias*, XII. II, 20.

74 Isidoro de Sevilha. *Etimologias*, XII. IV,43.

sábia e tão sábia que preservaria a sua cabeça em detrimento do corpo (informação da NH). No início do Livro XII das *Etimologias* também há a afirmação de que “foi Adão o primeiro a colocar nomes a todos os seres animados (...) os povos, por sua parte, foram chamando a cada um com nomes característicos de sua própria língua”⁷⁵. Ao menos na língua latina um dos animais foi nomeado por Plínio, de acordo com Isidoro: “Chamam-se cachorros-lobos [*lycisci*], na opinião de Plínio [8,148], aos cachorros nascidos a partir do cruzamento entre lobos e cachorros”⁷⁶.

Penso que essas citações de Plínio não seriam o que um príncipe ideal isidoriano deveria lembrar a todo o momento – com certeza os *exempla* de sua *História dos godos* eram mais importantes –, mas atento para o fato da NH ter conservado o prestígio de um modelo de verdade sobre assuntos do mundo natural já no século VII e por um cristão. Além do mais, Isidoro propõe que “a recordação e a preservação do passado deviam ser eternizados, como autêntico monumento, ‘pelas letras’”⁷⁷, ou seja, por mais que as citações de Plínio não atingissem o *status* dos *exempla* apregoados por Isidoro, as suas próprias letras ajudariam a preservar o monumento chamado História Natural.

Não tão recordado como os testemunhos de Isidoro de Sevilha acerca da NH, a solitária lembrança de Paulo, o Diácono, (720 – 800 d.C.) em sua *História dos Lombardos* descreve apenas uma situação particular: “Plínio, o Velho também faz menção a esta ilha [Escandinávia] nos livros que compôs sobre as coisas da natureza. Esta ilha, de acordo com os relatos daqueles que a examinaram (...)”⁷⁸. Sem o rigor apresentado por Aulo Gélcio e Isidoro de Sevilha, muito menos com assuntos políticos de Tácito e Suetônio, Paulo, o Diácono, ao abordar a NH dá uma amostra do que o futuro reservaria aos escritos de Plínio: curtas citações, com pouca autoridade e muito perto do desnecessário. Todavia, ainda colocava Plínio como alguém digno de ser citado sobre a Escandinávia.

Ainda na linha dos pensadores cristãos que tiveram acesso à NH incluo o saxão

75 Isidoro de Sevilha. *Etimologias*, XII. I,1.

76 Isidoro de Sevilha. *Etimologias*, XII. II,28.

77 FRIGHETTO, Op.cit.

78 Paulo, o Diácono. *História dos Lombardos*, I, 2.

Hugo de São Victor (1096 – 1141 d.C.) com sua obra *Didascalicon*, ou *A arte de ler*⁷⁹. Nela o teólogo e místico buscou construir um “manual para o cristão” baseado nos estudos da Sagrada Escritura – alguns autores apontam para uma possível continuidade dos trabalhos de Isidoro de Sevilha. Na única citação encontrada sobre Plínio, Hugo de São Victor o recoloca num local de destaque:

Linus foi teólogo entre os gregos, entre os Romanos, Varrão; e em nosso tempo, João Escoto com seu “*A respeito das dez categorias em relação a Deus*”. Tales de Mileto, um dos sete sábios, iniciou os estudos sobre a natureza entre os gregos; enquanto entre os latinos, Plínio tratou⁸⁰.

Aqui percebo como alguns pensadores dimensionaram Plínio, o Velho. Vê-se que diferentemente de Aulo Gélcio, Hugo de São Victor não explicita o talento, prestígio, inteligência de Plínio. Todavia, coloca a NH e Plínio como precursores dos estudos latinos sobre a natureza, desprezando, consciente ou inconscientemente, as obras de Varrão e Celso, normalmente elencadas neste íterim. Fato no mínimo interessante, pois coloca o autor da *De re rustica* como um teólogo latino. A partir do trecho acima, exponho uma de minhas impressões sobre a NH, pois Plínio no Livro II também cita Tales como um dos sete sábios e recorda a primeira previsão de um eclipse atribuída ao grego. Contudo, logo em seguida, apresenta Sulpício Galo (cônsul em 166 a.C.) como o primeiro romano a prever um eclipse lunar⁸¹. Façanha atingida, como Plínio faz questão de mencionar, quando ocupava o cargo de tribuno militar. Um dos incontáveis exemplos que encontro na NH sobre os feitos dos romanos que não envolvem política, nem guerras, sangue, ou grandes homens. Esta constatação ficará mais clara ao leitor e à leitora que chegarem até o capítulo três⁸².

Se Hugo de São Victor colocou Plínio como o precursor dos estudos sobre a na-

79 Tal nome tem como origem o termo grego *Didásko*: “ensinar, derivado de *di-da-sko*, associado à raiz *dek* [agarrar, ter às mãos] indica uma atividade bastante repetida (...) com tendência a ser aceita: fazer aceitar alguma coisa a alguém. O termo é usual a partir de Homero: ‘De *didáskalos* [mestre] deriva substantivo *didaskalía*, que em grego indica a atividade do ensinamento’: ‘*didake* (...) está presente no grego desde os tempos de Heródoto e de Tucídides com o significado de ensinamento e de doutrina comunicada por meio da instrução – *didásko*”. (L. Coenen, E. Beyreuther & H. Bietenhard APUD SPINELLI, Miguel. *O nascimento da filosofia grega e sua transição ao medievo*. Caxias do Sul: Educ, 2010, p.153).

80 Hugo de São Victor. *Didascalicon*, Livro 3. cap.2.

81 Plínio, o Velho. *NH.*, 2.53.

82 Caso queira entender já sobre isto vá até o capítulo 3 na subdivisão 3.4 intitulada *Dos pequenos feitos*.

tureza, Dante Alighieri (1265 – 1321) elogiou a prosa pliniana. Num trecho de sua *Sobre a eloquência vernácula*, Dante cita alguns nomes dos indivíduos “padrões” da poesia e da prosa para que seus leitores desenvolvessem o hábito de lê-los:

Não é de se admirar, leitor, que eu chame a atenção para tantos autores; pois eu só posso mostrar o que quero dizer através dos maiores exemplos de construções [de linguagem]. Talvez fosse muito útil para adquirir o hábito de tal construção olhar para os poetas padrões, Virgílio, Ovídio na *Metamorfose*, Estácio e Lucano; bem como, outros indivíduos que usaram da mais alta prosa, como Lívio, Plínio, Frontino, Orósio e muitos outros que nos convidam a consultá-los⁸³.

Acréscimo interessante quando se trabalha com este trecho de Dante Alighieri é uma anedota contada por Petrarca (1304 – 1374) que expôs a fama de Plínio em pleno século XIV, mas nem sempre acompanhada de conhecimento. No trecho retirado do *Contra medicum quendam*, Petrarca estava discutindo alguns fazeres médicos quando relatou o seguinte:

Ele estava murmurando em vez de falar, como um médico faz; e em sua longa diatribe contra os poetas, chamou tanto Cícero e Plínio de poetas. Então perguntei o que ele entendia pela palavra ‘poeta’. Quando ele confessou que não sabia, para se adequar à ocasião, contei a ele uma história divertida que um grande autor contou. Considere isto para você também, caso consiga ouvir qualquer coisa que não envolva [a palavra] febre⁸⁴.

Em Dante os elogios à prosa pliniana saltam aos olhos do leitor, em Petrarca a anedota chega a colocar Cícero e Plínio como poetas. Noutra passagem do mesmo texto, Petrarca provoca o médico citando o que seria uma fala de Plínio. Lê-se:

Plínio, o amigo dos médicos e que por sua ignorância você o rejeita, cita esta causa dizendo: ‘Esta é a única profissão em que alguém que professa ser médico é ao mesmo tempo confiável e digno da mais perigosa mentira. Em seguida, falando como alguém do *populus*, acrescenta: ‘Mas nós não prestamos atenção ao perigo, tão grande é para nós a sedutora doçura de pensar em tais coisas’⁸⁵.

A partir deste trecho compreende-se a importância que Petrarca deu a Plínio – sem citar o nome da História Natural. O médico confundir a prosa pliniana – elogiada por Dante – com a poesia já era algo grave, mas Petrarca deu o golpe final ao afirmar que somente pela ignorância o seu interlocutor não conhecia os escritos de Plínio, pois este era “o amigo dos médicos”. Baseando-se neste segundo trecho a hipótese de que

83 Dante Alighieri. *De vulgata eloquentia*, Livro 2, VI.7.

84 Petrarca. *Invenctive contra medicum quendam*.

85 Petrarca. *Invenctive contra medicum quendam*.

a NH perdia espaço nas circunstâncias da saúde do homem fica abalada.

Por último, cito a obra *Philobiblon* de Richard de Bury (1287 – 1345) considerado um dos primeiros colecionadores de livros da Inglaterra – também de ordem religiosa. Em verdade, esta passagem tem como foco a grandeza de Aristóteles, considerado como um homem modelar da razão humana e ligeiramente inferior aos anjos. Para Richard de Bury, graças ao pensamento encontrado no Livro II da *Metafísica* aristotélica, indivíduos como Avicena, Plínio e Ptolomeu puderam desenvolver seus trabalhos:

Com efeito, Aristóteles – ainda que gozasse de um prodigioso talento, em quem a Natureza teve o prazer de modelar a medida da razão humana e a quem o Altíssimo criou apenas ligeiramente inferior aos anjos – não produziu da ociosidade suas admiráveis obras, obras estas que contêm nada menos do que o universo. Ademais, leu e releu com suas atentas pupilas os livros sagrados dos babilônicos, dos egípcios, dos caldeus, dos medos e dos persas, que a sábia Grécia tinha entre seus tesouros. E, recolhendo suas verdades, limou suas asperezas, os despojou de suas superfluidades e preencheu suas lacunas. Acreditou piamente, como ele mesmo afirma no segundo livro de sua *Metafísica*, que devemos tantas graças àqueles que nos dizem a verdade e nos instruem com ela quanto àqueles que erraram, posto que nos indicam o caminho mais adequado para chegarmos à verdade. Foi assim que vários juristas produziram as *Pandectas*, os médicos fizeram os *Tecnos*, Avicena criou seus *Cânones*, Plínio pode dar cabo de sua monumental *História Natural* e Ptolomeu deu a luz ao seu *Almagesto*. Além disso, não é difícil provar que os escritores posteriores se apoiam sobre aqueles que os precederam e estes, por sua vez, sobre outros, etc., sem o que não se poderia construir a história de tempos passados⁸⁶.

Claramente os elogios estão todos voltados a Aristóteles, pois seus pensamentos teriam ajudado outros gigantes. Outro ponto de destaque neste trecho é a relação entre o conhecimento Aristotélico de “dar valor ao erro” e a famosa passagem da epístola de Plínio, o Jovem, referente a seu tio: “E dizia [Plínio, o Velho] que não existia um livro tão ruim que não fosse possível aproveitar nenhuma parte”⁸⁷. Um erro poderia levar Aristóteles ao acerto, assim como, um livro ruim, poderia oferecer uma boa anotação para Plínio, o Velho. Essa relação de saberes entre Plínio e Aristóteles citado por Richard de Bury é confirmado a partir da lista de autores estrangeiros apresentada por Plínio no Livro I da NH. Lá encontra-se o nome de Aristóteles citado quatorze vezes e de seu discípulo, Teofrasto, outras vinte e sete vezes.

Poderia seguir com uma lista incontável de outros indivíduos que apresentaram, usaram, estudaram a NH e Plínio: Papa Pio II (1405 – 1464) em sua *Epistula Sigis-*

86 Richard de Bury. *Philobiblon*, Cap.10.

87 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 3.5.

mundo; Erasmo de Roterdam (1466 – 1536) em *De Laude Matrimonii* e *Libri Antibarbarorum*; Johannes Kepler (1571 – 1630) em *De nive Sexangula*; Robert Burton (1577 – 1640) em sua obra *Anatomy of Melancholy*; Johann Hildebrand Withof (1694 – 1769) em *De scientarium, in animi corporique enervando robore, damnosa efficacia*; Denis Diderot (1713 – 1784) na *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*; W.S. Landor (1775 – 1864) na *Simonidea*; contudo a minha intenção cumpre-se com os autores até aqui citados.

Do “homem mais dotado de talento e prestígio de sua época” de Aulo Gélíio; do “amigo dos médicos” de Petrarca; do comparativo com o Gênesis bíblico de Isidoro de Sevilha; do historiador das guerras germanas de Tácito; do exemplo de prosa de Dante Alighieri; do seguidor de Aristóteles de Richard de Bury – até mesmo Shakespeare teria usado Plínio para confundir seus leitores de Otelo⁸⁸. Tantas máscaras dadas ao nosso autor que chegam ao ponto da absoluta oposição de opiniões. Bastaria continuar com as definições de Plínio até chegarmos a Schopenhauer (1788 – 1860), por exemplo, e suas pesadas críticas sobre o “afluxo contínuo de pensamento alheio” encontrado na NH e o estilo repugnante de sua escrita. Conjuntamente a todas essas caracterizações do autor, foi possível mapear o modo como a leitura da NH ocorreu. De livro ignorado ou pouco lido lá no primeiro século da Era cristã; depois como manual de confiança para dados comparativos entre a Sagrada Escritura e a realidade vivenciada por cristãos; como depósito de informações que chegavam a legitimar discussões sobre a Escandinávia; indo ao ponto da companhia perpétua dos médicos. Eis o que acontece com uma obra e um autor que ficaram na linha de frente das leituras e consultas por mais de quinze séculos.

88 COLLINGTON, Philip D. *Othello the Traveller*. Early Theatre. 2005; v.8: 73-100.

3. TRAIÇÕES

Ao meu propor a escrever um trabalho que tem como efeito o desconforto e certa dose de temor acadêmico, devo amparar-me naquilo que acredito ser o correto, no meu caso, são as palavras de Plínio, o Velho: “só resta-me o atrevimento”⁸⁹. Tal atrevimento foi pensado por Plínio como o único sentimento possível para mostrar o respeito que nutria pelo futuro imperador Tito e, mais importante para mim, o sentimento necessário para dedicar uma obra para o futuro imperador e para todos os romanos⁹⁰. Resta-me, pois, o mesmo atrevimento para oferecer as minhas palavras aqui dispostas – não dedicadas a nenhum imperador, mas também não redigidas por mãos hábeis e mente erudita como a de Plínio. Tentando atender ao clamor do sambista Noel Rosa que advertia “Seja breve, seja breve, não percebi porque você se atreve a prolongar a conversa mole”, sintetizo o que a leitora e o leitor encontrará pela frente no tocante a minha leitura da História Natural.

Após tomar contato com quem foi Plínio e com um pouco do trajeto que a sua obra tomou durante alguns séculos, apresento o trabalho de um historiador por ofício. Ou seja: tal como dito na Introdução, é aqui que o leitor e a leitora tomarão contato com a *minha leitura* e com as minhas interferências no andar da escrita histórica. Já munido com muitas informações e descrições do autor e da obra, agora, é o momento de tentar adentrar no campo disciplinar. Para tanto, dou uma chave de leitura fundamental: não apresentarei a NH vinculada a nenhum autor trabalhado no capítulo anterior. Não verei a obra pliniana como um depósito de informações, como um comparativo às Sagradas Escrituras e nem buscarei refúgio em obras que não existem mais. Tenho como tese a demonstração de que a História Natural de Plínio, o Velho, é uma obra do gênero de história que não possui suas letras marcadas pela violência e pelo sangue das grandes batalhas. Para tal, devo comprovar a partir da própria NH o que digo. Isso será feito obedecendo quatro etapas: 1) Exporei como Plínio manuseava o termo

89 Plínio, o Velho. NH., Praef., 4.

90 Sei das dificuldades que o termo coloca: seriam os romanos de Roma; os romanos provinciais; os romanos letrados; os romanos não letrados, etc. Contudo, uso o termo da maneira mais geral: os romanos que estavam sob o apanágio do Império.

história no prefácio e no Livro I da NH; 2) Farei distinções entre a *história* e o poder das Musas (poesia) na construção da obra pliniana; 3) Analisarei dez autores utilizados por Plínio na composição de sua NH com vistas de elucidar a potência histórica de suas ponderações; 4) Apresentarei um novo aporte para se entender o gênero de escrita de uma história na Antiguidade a partir dos *pequenos feitos*. Chamei esses quatro pontos de *traições historiográficas* por contrariar grande parte dos estudos acerca da obra pliniana e mesmo dos textos da Antiguidade. Sem mais, começo.

Serei direto: parece-me claro que o domínio geográfico e cultural romano exercido desde o período monárquico até o momento de Plínio (e posteriormente, é claro) possuía características que necessitava, naturalmente, do apelo às armas. Dessa maneira, quando os pensadores romanos registravam o seu próprio tempo ou o passado glorioso o faziam recheado de histórias *contadas pelas armas* e pelos belos triunfos. Daí a necessidade de relatar os grandes homens, os grandes feitos, as grandes conquistas e grandes guerras. O papel legitimador da tradição/história era coroado com os exemplos e guias que conduziam os homens aos tempos e espaços dominados pela postura romana, pela *humanitas*. Cabe ressaltar que a carga semântica de *humanitas* é assemelhada ao que os gregos antigos chamavam de *paideia*, isto é, tudo o que compõe a formação integral do humano. Não por acaso, ao recorrer à etimologia do termo, chega-se ao duo *homo* (“o homem”) e *húmus* (“a terra”) formando, assim, “um conceito englobante que está relacionado a ideia de Homem, entendido como um ser terreno que, por sua vez, tem comportamentos inerentes à sua condição humana”⁹¹. Desse modo, o domínio romano pautado na dimensão da *humanitas* impunha todo um conjunto de educação, doutrinas, disciplinas, estudos, literatura, erudição, ação, cultivo do espírito e do corpo.

Contudo, quando imagino que todo domínio carece doutras legitimações que não apenas a armamentista entendo que as construções discursivas que usassem ou apresentassem outras “lutas”, que não as de carne e sangue, poderiam contribuir para

91 GRAÇA SILVA SOUSA, Soraia da. **Representações do conceito de *humanitas*. Experiências de compreensão do texto escrito nas disciplinas de português e de latim.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas) – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016, p.27

a ampliação e propagação da *humanitas* romana⁹² e, por conseguinte, do fortalecimento do poder dominante. Se além das armas, as ideias, imagens, fantasias, realizações que um cidadão comum pudesse vislumbrar como suas, pudessem contribuir para a legitimação geográfica e cultural tem-se na História Natural uma excelente amostra de como transformar *sangue e carnificina* numa narrativa histórica legitimadora dos feitos comuns romanos, ou como alguns espíritos irão proclamar, feitos ligados a uma História do cotidiano romano. Assumindo o grau de plausibilidade de tal proposta, percebo que Plínio apresentou um verdadeiro trabalho de investigação com características que colocam seus escritos no rol das obras do gênero de história e, além disso, inseriu elementos que podem levar-me a repensar alguns pontos sobre o próprio conceito de História utilizado e aplicado *na e pela* Antiguidade latina. A partir dessa afirmação exporei a minhas *traições* com o intuito de buscar bons argumentos (absolutamente pautados na fonte) que possam retirar Plínio do purgatório historiográfico e recolocá-lo na ordem das discussões referentes às noções de *história*. Claro que, para tanto, aqui não haverá nenhum temor ao chamar Plínio de *historiador*⁹³.

92 Dando mais ênfase ao termo, podemos nos perguntar, afinal, o que é *humanitas*? “A *humanitas*, nesta acepção do termo, significa a atenuação do rigor absolutista dos tempos primitivos, em que o homem não devia sua dignidade ao fato de ser homem, mas ao lugar que ocupava dentro de uma sociedade rigorosamente hierárquica, e às obras meritórias que realizava para o bem dessa sociedade. Devido à *humanitas*, os romanos tornaram-se mais “relativistas” nas suas relações inter-humanas, começando a abrir-se aos valores autênticos que outras pessoas tinham, prescindindo-se da sua posição social ou da sua nacionalidade. *Humanitas* é, portanto, abertura mental e relativismo nas relações inter-humanas”. (VAN DEN BESSELAAR, José. *Humanitas romana*. Revista de História, v.31, n.64, 1965, pp.265-286).

93 Vários são os problemas sobre usos de palavras que foram cunhadas na posteridade, mas que se aplicam para o passado. Alguns chamam apressadamente de “anacronismo”, mas se esquecem que a “anacrofobia” é tão danosa quanto o próprio anacronismo. Não vejo nenhum problema em utilizar o termo historiador, visto que é evidente que não abordo Plínio, o Velho, e sua NH da mesma maneira que abordaria Jules Michelet e sua História de França. Poderia ser feita a pergunta: então qual a necessidade de chamar Plínio de historiador? Para aqueles que já leram textos sobre Plínio e não o compreendem como um simples copista ou enciclopedista, a importância é enorme. Chamá-lo de historiador, assim como se faz com Heródoto, Tucídides, Políbio, Xenofonte, Tácito, Tito Lívio, etc., é compreender que Plínio também deve ser visto pela historiografia atual como um autor que pensou seu tempo de forma histórica – preocupado com a cronologia, com as relações entre os acontecimentos, com as lições que seus escritos ofereceriam, com debates com a tradição, atento às transformações de seu próprio tempo e autor de obras do gênero de história.

3.1.DA HISTÓRIA

Minha primeira *traição* diz respeito aos usos que Plínio imputou à palavra “história” tanto no prefácio epistolar dedicado ao futuro imperador Tito quanto no Livro I da NH (espécie de sumário/índice). Aqui apresento a minha interpretação acerca de alguns pontos da NH que podem gerar desacordos futuros, mas sigo à risca o aviso taxativo de Umberto Eco: “o leitor não pode dar nenhuma interpretação simplesmente com base em sua imaginação, mas deve ter certeza de que o texto de certo modo não apenas legitima, mas também encoraja determinada leitura”⁹⁴. Como visto no Capítulo 1, Plínio esteve intimamente ligado às atividades práticas que um cidadão romano de destaque poderia gozar. Contudo, sua formação no âmbito das letras também lhe deu projeção em sua trajetória como funcionário imperial. Assim, vê-se Plínio como um agente a serviço da política, claramente delimitado em seu espaço de atuação, mas também como um estudioso capaz de escrever sobre os mais distintos assuntos, inclusive sobre as transformações ocorridas em seu próprio tempo.

O estudioso português Francisco Oliveira, em sua obra *Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo*, constatou que Plínio possuía um bom olhar no tocante às evoluções/transformações políticas do passado romano: “A propósito da República Romana, Plínio assume a posição de um historiador que observa o evoluir de uma forma específica de constituição ao longo de vários séculos”⁹⁵. Percebe-se que o autor usou o termo “historiador” para se referir a Plínio e sua tarefa exercida na escrita da NH, ou seja, a percepção das evoluções políticas e sociais coloca-se como uma das funções que Francisco Oliveira deposita na figura do historiador romano do século I d.C.. Já se percebe que está longe a percepção de que todos os estudiosos da NH e de Plínio não o consideram como um autor digno de ser chamado de historiador. Além do mais, devo reforçar que apenas a NH chegou até os dias de hoje, ou seja, é unicamente a partir deste testemunho que os autores contemporâneos podem entendê-lo como um

94 ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. Trad. Marcelo Pen. - São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.35.

95 OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.105.

historiador ou um copista de luxo. Para fortalecer o argumento de que Plínio possuiu diversos traços de um historiador também compartilho os escritos de Guy Serbat que deu ênfase na característica cronológica desenvolvida por Plínio, pois “como bom historiador, se preocupou com a cronologia exata, procurando, por exemplo, estabelecer uma ligação precisa entre olimpíadas gregas e anos romanos”⁹⁶.

Se a percepção das evoluções políticas e sociais aliadas ao apego à cronologia exata não são suficientes para outorgar o título de historiador a Plínio é algo que envolve grandes debates e tantos outros argumentos⁹⁷. Contudo, é certo que a palavra “história” foi usada em quatro momentos distintos no prefácio epistolar e, a partir desses usos, terei boas indicações para qualificar a NH como uma legítima representante do gênero literário da história (posteriormente me aterei aos usos da palavra “história” no Livro I da NH).

A primeira aparição da palavra “história” acontece no início do prefácio epistolar. Lê-se:

Estes livros de História Natural, nascidos de minha última criação/juízo e que são uma nova tarefa para as Musas de seus cidadãos romanos, resolvi oferecê-los a ti com esta informal epístola, Gracioso Imperador (tal é, de fato, o título que mais se ajusta à sua pessoa, já que o de Máximo corresponde à velhice de seu pai).⁹⁸

Empregado pela primeira vez, o termo “história” já nos indica o título escolhido por Plínio para sua obra de maior durabilidade. Ora, a pergunta que é reconhecida-mente válida nesse momento é: qual o propósito de intitular a obra de *História Natural*? Se tal questionamento ainda é feito, fica claro que o simples uso da terminologia não apaziguou os problemas anteriormente levantados e, muito menos, incluiu a NH no rol das obras de História da Antiguidade meramente pelo seu nome. Justamente uma das dificuldades em compreender a obra pliniana foi potencializada pelo prob-

96 SERBAT, Guy. Op.cit., p.41.

97 Para muitos pesquisadores a NH não oferece conhecimentos de história – notadamente contrário ao posicionamento de nossa tese. Por exemplo: “Das artes que geralmente são apresentadas é possível reconhecer o conhecimento médico, fatos astronômicos e informações de agricultura abordados na obra de Plínio, mas nada de gramática, história ou música”. (DOODY, Aude. **Pliny’s Natural History: Enkuklios Paideia and the Ancient Encyclopedia**. Journal of the History of Ideas. Janeiro/2009; vol.70, n.1: p.1-21)

98 Plínio, o Velho. NH., Praef. 1.

lema de não encontrar uma pronta relação entre o título da obra, seu conteúdo e o seu gênero literário. Busco nas próprias palavras de Plínio um possível caminho para compreender este primeiro caso:

[nestes livros] Se descreve a natureza, ou em outras palavras, a vida, mas em seu aspecto menos brilhante e, em muitos pontos, recorri a termos rústicos ou estrangeiros, inclusive bárbaros, termos que realmente devem ser introduzidos com um pedido de desculpas⁹⁹.

Ao perceber a explicação dada por Plínio de que sua obra descreve a natureza, ou melhor, a *vida*, percebo algo importante: o título da obra pode ser entendido como “História da Vida”, pois o importante não seria apenas a exposição do mundo natural, mas a abordagem estaria voltada para outro patamar, o da “natureza histórica”. Assim, o emprego do termo “história” no título da obra pliniana possibilita a construção do seguinte raciocínio:

HISTÓRIA NATURAL ENQUANTO HISTÓRIA DA VIDA

Com um trabalho de investigação Plínio buscou tornar a natureza um objeto histórico.

Para tornar a natureza um objeto histórico era preciso entendê-la como vida.

A noção de vida amenizava a característica de que a obra apenas versava sobre o mundo vegetal, mineral e animal, pois a sociabilidade urbana também estava inserida no que se entende como vida.

O papel do homem ganhava destaque na construção do que se pode chamar de “mundo histórico”.

Para a natureza se tornar histórica foi preciso destacar o papel do homem *na* natureza.

Desse ponto de vista, o uso do título *História Natural* ganha um significado específico, pois o relato pliniano teria como referente os feitos dos homens *na* natureza, os usos da natureza *pelo* homem, ou seja, o conteúdo da NH estava voltado para o valor que o homem (principalmente o romano) dava aos fenômenos ali descritos. Ciente da ambição de falar sobre quase tudo que envolveria o mundo dos humanos, Plínio justificou-se: “Ninguém entre nós tentou [levar a cabo tal tarefa] e ninguém entre os gregos tratou sozinho de todas as questões [aqui apresentadas]”¹⁰⁰. Aqui já aparece, a

99 Plínio, o Velho. NH., Praef. 12.

100 Plínio, o Velho. NH., Praef. 14.

partir de sua ânsia pela totalidade e ineditismo, traços marcantes das obras consideradas históricas pelos Antigos. Seu sobrinho, Plínio, o Jovem, descreveu este sentimento como ninguém: “Nada chama mais a minha atenção que o amor e o desejo de transcender; (...) estaria o fato de voltar, vencedor, através dos lábios da humanidade. Oh, sim! Só uma obra histórica pode prometer tal feito, pois a oratória e a poesia concedem pouco alcance”¹⁰¹. Escrever uma “História da vida” seguramente garantiria a Plínio esta transcendência próprio dos livros de história.

Sigo um pouco mais com as reflexões sobre o uso do termo “história” no título da NH. Tenho a clara impressão de que o discurso específico e o trabalho de investigação pliniano foram reforçados pela consciência histórica dominante no período do século I d.C.. Talvez em uma das mais belas passagens da NH, Plínio reforça o traço característico encontrado em diversas obras do gênero de história do primeiro século: o vínculo entre tradição e inovação. Lê-se:

Esta árdua tarefa de dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso: em uma palavra, a todas as coisas sua natureza e à natureza tudo o que lhe pertence. Por isso, para nós, mesmo que não tenhamos conseguido, és belo e magnífico termos proposto [tal tarefa].¹⁰²

Escrever sobre a vida era atentar-se para o natural vínculo entre o que passou e o que se mostrava como presente. Daí compreende-se as preocupações típicas de um historiador com a cronologia, assim como com as mudanças sociais que em Plínio contrariam as ditas teorias triunfalistas, pois para ele o próprio engrandecimento do Império era a causa da decadência moral de Roma. O vínculo entre tradição e inovação deixou seus traços mais fortes na NH ao perceber o uso das autoridades de um passado remoto ou mesmo de um passado recente como fundamento para o desenvolvimento desta “nova tarefa” tão justificada por Plínio em seu prefácio epistolar. Assim, percebe-se que o primeiro uso da palavra “história” indica que o autor almejava com seus trinta e sete volumes algo além de um arsenal de informações que seriam pescadas à revelia. A composição de uma “História da Vida” (ou também como uma

101 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 5.8.

102 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef. 15.

História geral da terra¹⁰³), apesar da exagerada pretensão, não pode descaracterizar-se como integrante do gênero de história por esse fator, visto que outras obras do mesmo período também exageraram na ambição e nem por isso foram desconsideradas como exemplares válidos da História romana. Escrever sobre “quase tudo” não é um motivo de exclusão, mas sim, um incentivo para se perguntar: o que é esse “quase tudo”?

A segunda exposição do termo “história” no prefácio da NH está ligada ao nome de Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.). Tal pensador, de acordo com as palavras de Quintiliano em sua obra *Instituição Oratória*, era considerado um dos grandes pela eloquência e clareza de seus escritos:

Que Heródoto não me leve a mal ao igualá-lo a Tito Lívio, o qual não apenas em sua narração tem uma estranha suavidade e pureza acompanhada de muita clareza, mas também em seus discursos é mais eloquente do que é possível descrever (...) no que toca às emoções, especialmente aquelas que requerem mais doçura, para dizer em uma palavra, nenhum dos historiadores lhes deu maior realce¹⁰⁴.

A comparação entre Heródoto e Tito Lívio aponta para a importância que os escritos de Tito Lívio tiveram na formação do pensamento dos eruditos do século I d.C. em Roma. Sua obra mestra *Ab urbe condita* teve como objetivo compor uma História desde a fundação de Roma até meados do século I d.C. com a marca característica das produções daquele período: o culto a Roma. Inclusive, em uma das epístolas que Plínio, o Jovem, endereçou a Tácito contando a respeito do desastre que matou seu tio, tem-se uma citação direta que mostra a presença de Tito Lívio nos círculos intelectuais do século I d.C.: “Agora duvido que eu chame de constância de estudo sendo mais adequado chamar de imprudência o que fiz na época (tinha apenas dezenove anos): tomei um livro de Tito Lívio e, como se não tivesse outra coisa para fazer, comecei a ler e a copiar fragmentos”¹⁰⁵. Contudo, o que encontro nos escritos de Plínio, o Velho, não são as destacadas qualidades exaltadas por Quintiliano nem a admiração de seu sobrinho e, sim, a presença de críticas relacionadas à postura adotada por Tito Lívio em buscar glórias pessoais ao invés de glórias a Roma. É justamente nessa passagem

103 Aulo Gélíio. *Noites Áticas*, Praef.6-9.

104 Quintiliano. *Instituição Oratória*, Livro 10.1.

105 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 6.20.

que a palavra “história” aparece pela segunda vez na NH:

De minha parte penso que na composição do saber é particularmente meritória a causa dos que tem preferido o serviço útil de superar as dificuldades do que apenas buscar aquilo que dá prazer. Tenho praticado tal postura em outros estudos. E por isso declaro que me surpreendo de que Tito Lívio, o célebre autor, em um determinado volume de sua história que começa da fundação da urbe, tenha começado dizendo que ele havia alcançado muitas glórias e que poderia descansar se a inquietude de seu espírito não se alimentasse de trabalho. Porque deveria ter composto esses escritos para a glória do povo vencedor do mundo e do nome de Roma, não para glória pessoal¹⁰⁶.

De fato, Plínio se remete a Tito Lívio como o “célebre autor”, mas também revela um traço que fora ocultado nas palavras elogiosas de Quintiliano sobre tal autor: o gosto pela glória pessoal. Ora, Cícero, exemplo para todos os romanos posteriores a ele, em um trecho das Filípicas, afirmou que a glória era constituída pelo “elogio das ações honestas e dos grandes serviços prestado à República, que é confirmada pelo testemunho²⁶ não apenas dos ótimos concidadãos, mas também da multidão”¹⁰⁷, ou seja, Tito Lívio teria registrado em sua História os grandes atos dignos de glória, mas ao fazer isto, de acordo com Plínio, buscou a glória para si mesmo. Como dito anteriormente, sabe-se desde as epístolas de Plínio, o Jovem, que a escrita de uma obra de História era uma das maneiras de colocar o nome de seu autor nos lábios da humanidade e transcender. A postura crítica de Plínio, o Velho, quanto ao modo de Tito Lívio, sugere que ele estaria preocupado em dedicar os seus esforços e a sua NH para todos os cidadãos romanos (apesar da clara dedicatória ao futuro imperador). Notadamente tal recurso discursivo e social era comumente utilizado, pois com a elevação de Roma feita a partir de textos, os indivíduos que assim a glorificavam, também ganhavam lugar de destaque no construto dos registros e monumentos políticos e sociais. Fica a dúvida: por que Plínio atacou o célebre autor com essa questão das glórias se, ele mesmo, deixou registrado o seu nome ao lado do nome do futuro imperador romano? Sabia-se que uma obra histórica também era um traço que reconhecidamente lhe traria glórias pessoais. Para isso, não tenho nenhuma resposta a contento.

Cabe a pergunta: o uso da palavra “história” no caso da obra de Tito Lívio ajuda-me de que maneira? Analisando a sequência do prefácio, vê-se que antes da

106 Plínio, o Velho. NH., Praef. 16.

107 Cícero. Filípicas, I.29.

citação da obra de Tito Lívio, Plínio comentava sobre os usos das obras gregas e do embate entre tradição e inovação que seu trabalho geraria. Em seguida, o autor chama a atenção de seus leitores para a postura deplorável de um célebre autor romano que através de sua obra de História buscou a glória pessoal. Tal atitude não seria perpetrada por ele em *sua* obra História Natural, pois como um cidadão acostumado com os cargos de ação sabia o valor da preservação e glorificação do nome de Roma. Talvez ciente de que sua crítica a Tito Lívio pudesse gerar certo desconforto naqueles que o admiravam, sentenciou logo em seguida:

São vinte mil as informações dignas de atenção (porque como disse Domicio Pisão, deve-se construir *tesouros* e não livros), lidas em cerca de dois mil livros [alguns dos quais poucos estudiosos se detiveram devido aos assuntos difíceis de entender], obra de autores bem selecionados, que estão apresentadas em trinta e seis volumes¹⁰⁸.

Assim, Plínio deixou claro que sua obra não se tratava de algo pequeno e sem importância. Seu trabalho investigativo ganhou números altos e, com isso, respeito. As críticas feitas à obra de História de Tito Lívio seriam tecidas por um indivíduo que leu incontáveis obras e tinha uma vívida vida vivida, ou seja, na NH estaria aliada a tradição escrita com o papel dos *olhos* de Plínio. Ao analisar as duas passagens em conjunto (Praef.16-17) percebo que Plínio utilizou termos diferentes que podem destacar o papel proeminente de sua NH. Quando se referiu à noção de preferir os serviços difíceis aos prazerosos, Plínio completou a afirmação dizendo: “tenho praticado tal postura em outros estudos”. Contudo, ao se referir à NH, não conseguiu nem mesmo limitá-la ao padrão de livros, mas concordava com Domicio Pisão ao dizer que não se contentaria com a elaboração de livros, mas sim de tesouros. Logo, as críticas feitas a Tito Lívio e sua obra de História seriam validadas por um autor erudito e com grande vivência, mas, principalmente, por um indivíduo que produziu uma obra de História de maior fôlego e com temas dignos de lembrança.

Encerro as considerações acerca do segundo uso do termo “história” com um quadro expositivo dos principais autores usados por Tito Lívio em sua *História de Roma a partir da fundação da urbe* e, posteriormente, a relevância destes mesmos autores na

108 Plínio, o Velho. NH., Praef. 17.

composição da obra de Plínio, o Velho. Separo entre autoridades latinas e autoridades estrangeiras:

AUTORIDADES LATINAS

Fábio Pictor	Cíncio Alimento
Acílio	Calpúrnio Pisão
Cláudio Quadrigário	Valério Anciate
Asínio Polião	Licínio Macro
Élio Tuberão	Marco Varrão
Catão, o Censor	Célio Antípatro
César	Rutílio Rufo

AUTORIDADES ESTRANGEIRAS

Arato de Sicião	Sileno de Calas
Timagenes	Alexandria
Políbio	

A partir dessa pequena lista de autoridades romanas e estrangeiras utilizadas por Tito Lívio na composição de sua obra de história, pode-se retirar algumas informações preciosas. A semelhança entre as autoridades usadas por Tito Lívio para compor suas *Histórias* e a lista de autoridades apresentadas por Plínio em seu Livro I da NH é enorme. Indico o número de vezes que cada uma das principais fontes usadas por Tito Lívio aparece na lista de autoridades do Livro I de Plínio:

AUTORIDADES LATINAS

Fábio Pictor: 3	Cíncio Alimento: 1
Acílio: 0	Calpúrnio Pisão: 15
Cláudio Quadrigário: 0	Valério Anciate: 9
Asínio Polião: 1	Licínio Macro: 7
Élio Tuberão: 3	Marco Varrão: 31
Catão, o Censor: 16	Célio Antípatro: 1
César: 1	Rutílio Rufo: 0

AUTORIDADES ESTRANGEIRAS

Arato de Sicião: 1	Sileno de Calas: 0
Timagenes: 1	Alexandria: 0
Políbio: 4	

A comparação efetuada entre os dois pensadores consiste em mostrar que Plínio apoiou-se em autoridades que também foram trabalhadas numa obra considerada pertencente ao gênero de história da virada do século I a.C. para o século I d.C.¹⁰⁹. Obra de grande prestígio e com o autor igualado a Heródoto, nas pomposas penas de Quintiliano. Numericamente tem-se como resultado a equiparação de 78% dos principais autores latinos e 60% dos autores estrangeiros utilizados por Tito Lívio em sua *Ab urbe condita* e contidos no Livro I da NH. Desse ponto de vista, percebo que as críticas plinianas voltadas à postura de Tito Lívio frente à glória pessoal não são repetidas quando o assunto é a legitimação do conteúdo de sua obra¹¹⁰. Sendo assim, parece-me que o uso do termo “história” neste segundo momento demonstra a indicação do gênero da obra de Tito Lívio – filologicamente inegável –, mas também sugere uma possível comparação entre os escritos de Tito Lívio e a proposta de sua própria obra, ou seja, uma obra pertencente ao gênero literário da história. Deixo claro: não aludo ao conteúdo de ambas as obras, mas da proposta da obra, ou seja, ser uma obra de história.

O terceiro momento em que a palavra “história” aparece no prefácio da NH corrobora com a imagem de Plínio como um historiador. No seguinte trecho é possível imaginar o momento em que o autor estava justificando (para o imperador ou para si mesmo?) – suas intenções de escrita:

De todos vocês, de seu pai, de ti e de seu irmão, tratamos em uma obra como

109 Há grandes estudos sobre os usos das autoridades apontadas por Plínio em seu Livro I. Quase unânime, é a percepção de que diversos autores citados por Plínio no Livro I não aparecem no restante de sua obra. O contrário também ocorre: autores que não são elencados no Livro I ganham absoluta importância no restante da obra. Utilizo o caso de Homero que pode esclarecer a complicada *dinâmica de autoridades* na obra pliniana: no Livro I Plínio afirma que os escritos de Homero ajudaram a elaborar – serviram como autoridade – os livros 10; 16; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 28; 29. Contudo, quando nos deparamos com o todo da obra percebemos que Plínio mencionou o nome de Homero em muitos outros livros que não o contemplavam no Livro I – 2; 3; 4; 5; 7; 8; 9; 13; 14; 17; 18; 19; 30; 31; 32; 33; 34; 35; 36. Outro ponto que também nos chamou a atenção foi o inverso do que fora dito anteriormente: no caso de Homero, Plínio confirmou no Livro I que se apoiou nele para redigir o Livro 26, mas quando buscamos o nome de Homero neste livro nada encontramos. Notemos que todas essas questões não dizem respeito ao conteúdo da NH, mas permeiam a construção discursiva legitimadora da obra, ou seja, as vozes que forneceram o embasamento necessário para Plínio erigir seu *monumento* literário.

110 Ao que tudo indica Plínio utilizou as datações propostas por Tito Lívio: “Segundo o Livro 33.148-149, a grande crise moral deu-se entre 189 e 132 a.C., num período de 57 anos que viu chegar todas as formas de luxo oriental. De igual modo, os casos apontados no Livro 33.142-143 como ilustrativos da tradicional parcimônia romana, são datáveis de um período que vai de 275 a 168 a.C. Esta cronologia apresenta-se na linha da tradição analítica romana e é perfilhada por Tito Lívio, que põe especial ênfase na data de 188-187 a.C., data de regresso da Ásia de Gneu Mânlio Vulso”. (OLIVEIRA, Francisco. Op.cit., p.71)

era o esperado: ‘História de nosso tempo’, começando a partir do final dos escritos de Aufídio. Perguntarás onde está. Terminada há um bom tempo, está num lugar seguro e com a decisão de confiá-la a meu herdeiro para que não se pense que dediquei minha vida à adulação. Com isso deixo aberto o caminho para aqueles que queiram ocupar esse terreno e também favoreço aqueles que virão depois, pois sei que eles irão competir conosco assim como nós fizemos com nossos predecessores.¹¹¹

Aqui há um fato inquestionável: Plínio escreveu em seu tempo uma obra caracteristicamente pertencente ao gênero literário da história. Com isso quero dizer: uma obra que narrava sobre os grandes homens, grandes feitos, acontecimentos, guerras, intrigas, política, com a clara perspectiva do *exempla*. A obra referida neste trecho do prefácio seria uma continuação dos escritos do historiador Aufídio Baso que colocou o ponto final de sua narrativa entre os anos 31 a 50 d.C.. Desse modo, o lapso temporal permite inferir que a obra pliniana intitulada *História de nosso tempo* poderia abarcar desde o período de Tibério (14 – 37 d.C.) até os tempos de Vespasiano (69 – 79 d.C.), ou menos ampla, a partir de Cláudio (41 – 54 d.C.) até Vespasiano. Em ambas as possibilidades Plínio não abordou todo o período de Vespasiano, pois a obra foi escrita antes da NH e, além disso, Plínio morreu meses antes de Vespasiano¹¹².

Na epístola 3.5 de Plínio, o Jovem, endereçada a Bebio Macrino, fora elencada entre as sete obras de Plínio, o Velho, a *Continuação da História de Aufídio Baso*. Tenho como suspeita que tal obra não tivera uma grande recepção ou houve pouca divulgação, pois o seu próprio sobrinho não gastou muitas palavras para descrevê-la: “Continuação da História de Aufídio Baso, em trinta e um volumes”¹¹³. Falo isso, pois na descrição de todas as outras produções de Plínio, o Velho, aparecem comentários positivos como, por exemplo, sobre a própria NH: “História Natural, em trinta e seis volumes. Obra extensa e erudita, não menos variada que a própria natureza”¹¹⁴. Ora,

111 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef. 20.

112 Já abordamos a discussão sobre a cronologia das obras plinianas. Aqui vale a lembrança: a obra “História de nosso tempo” foi escrita antes da NH, mas publicada apenas após a morte de Plínio, o Velho. Assim, temos a publicização da NH em 77 e a “História de nosso tempo” após o ano 79 d.C.

113 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 3.5.

114 Plínio, o Jovem. *Epist.*, 3.5.

se a obra *Continuação da História de Aufídio Basso* tocou em assuntos acerca do irmão do futuro imperador Tito (Domiciano era o seu irmão e também fora imperador), Plínio, o Jovem, teria motivos de sobra para não louvar a obra de seu tio. O mesmo acontecendo com os estudiosos do círculo de amizade de Plínio, o Jovem (Tácito e Suetônio, principalmente) que viveram os tempos de Domiciano como imperador¹¹⁵. Todavia, bem aceita ou não, a obra foi referenciada por ambos os Plínios e publicada após a morte de Plínio, o Velho.

Notadamente, o uso do termo “história” neste último caso é o mais explícito, pois se remete a uma obra de história escrita pelo próprio Plínio. Embora não faça referência à obra aqui analisada, a aparição da palavra “história” no contexto específico, já dá suporte para pensar a produção pliniana com outras ferramentas. Se foi intencional ou não isso será sempre inacessível, mas a sequência do prefácio reforça o meu argumento de que não somente a palavra “história” se faz presente – o que bastaria fazer a leitura da obra –, mas algumas posturas de historiador também marcam os escritos plinianos. Logo após comentar sobre a sua obra *História de nosso tempo*, Plínio entra num assunto espantosamente atual: método de investigação e, como se chama em nossos dias, plágio. Note-se que tais comentários de Plínio não dizem respeito à produção da obra *História de nosso tempo*, mas sobre a sua pesquisa para elaborar a NH. O que chama a atenção é o local escolhido para falar sobre esses assuntos, qual seja, logo após a apresentação de sua obra de história e de sua percepção investigativa, em suas palavras: “[os futuros pensadores] irão competir conosco assim como nós fizemos com nossos predecessores”¹¹⁶. Eis a descrição de como ele desenvolveu sua obra NH:

A prova do esforço que tive com estes volumes está nos nomes dos principais autores que estão no princípio [da obra]. É, penso eu, uma prova de cortesia e cheia de simplicidade e decência confessar de quem te beneficiastes, coisa que não foi feita pela maior parte dos autores que usei. Porque tens de saber que comparando autores descobri que os mais apreciados dentre os contemporâneos tem transcrito literalmente os antigos sem nomeá-los¹¹⁷.

115 Domiciano (de 81 a 96 d.C.) foi retratado por Plínio, o Jovem, como o absoluto oposto do imperador Trajano. Domiciano teria instaurado um período profundamente desfavorável aos pensadores no estilo de Plínio, o Jovem e seus amigos.

116 Plínio, o Velho. NH., Praef. 20.

117 Plínio, o Velho. NH., Praef. 21.

Tudo isto aparece claríssimo no prefácio da NH: enquanto os autores célebres de seu tempo apenas faziam fama à custa da genialidade dos antigos, Plínio apontou a enorme lista de autoridades que ele usou para elaborar sua obra. Claro está que o problema não era o apoio dado pelos antigos – a admiração do velho e a audácia do novo andavam juntas –, mas a falta de decência em ocultar tal ajuda. Como exemplo dessa “decência”, Plínio cita a Cícero que se declarava discípulo¹¹⁸ de Platão e colocava-se numa posição de comentador do filósofo: “candura de Cícero que em sua República declarava-se discípulo de Platão”¹¹⁹. Já a outra característica proposta por Plínio dizia respeito ao seu método de investigação que ultrapassava a concepção da força do *olhar*, do *estar presente* para redigir uma obra de história, pois a *comparação de autores* o levou a enriquecer sua obra e a perceber os engodos de seu próprio tempo.

Essas posturas investigativas que se encontram na NH indicam que Plínio sabia como se posicionar perante os estudos históricos. Como a sua *História do nosso tempo* foi escrita antes da NH, pode-se pensar que tais posturas já eram adotadas nos estudos anteriores a História Natural. Dessa maneira, a partir do emprego da palavra “história” indicando outra de suas produções, penso sobre a possibilidade de Plínio munir-se de instrumentos teóricos e formais capazes de realçar a postura investigativa da NH. Mesmo os autores que o consideram um copista devem atentar-se para as dificuldades em conjugar diversas obras e não se pode ignorar a presença da investigação num trabalho dessa natureza.

O último uso da palavra “história” no prefácio epistolar proporciona uma excelente discussão especulativa. Após criticar a postura de seus contemporâneos enquanto meros copiadores sem decência, Plínio passou a justificar o título de sua obra. Viu-se que o primeiro uso do termo “história” foi justamente no momento de nominar a sua produção e dedicá-la às musas e ao futuro imperador Tito. Contudo, já ao final de seu prefácio epistolar surgem diversas inquietações e, em minha visão, diversas justificativas para empregar o título de História Natural. Plínio mostra certos desconfor-

118 Cícero. *De res publica*, I.43: “(Platão se expressa com tanta eloquência) eu vou tentar traduzir, se minhas forças puderem realizar tamanha empresa”.

119 Plínio, o Velho. NH. Praef., 22.

tos ou mesmo dificuldades em aceitar alguns títulos de outras obras, principalmente dos gregos, que não dizem nada ou prometem tudo. Lê-se:

Há entre os gregos uma admirável riqueza de títulos: uns usaram de título *keríon*, querendo que se entendesse ‘favo de mel’; outros, *kéras Amaltheías*, que é cornucópia¹²⁰, de modo que você pode esperar encontrar um projeto de leite de galinha em seus volumes; também *Ia, Musai, Pandectai, Encheiridia, Leimon, Pinax, Schedion* [‘Violetas’, ‘Musas’, ‘Recompilações’, ‘Manuais’, ‘Prado’, ‘Mesa’, ‘Improvisação’], títulos que quaisquer pessoas poderiam até esquecer-se de seus objetivos. Mas, por todos os deuses e deusas, quando você os lê, não há nada dentro!¹²¹

A imprecisão dos títulos levantados por Plínio proporcionava até mesmo o impossível: leite de galinha. Hoje, com o passar de tantos séculos e tantas críticas acerca da NH, percebe-se que a preocupação pliniana em não se aproximar dos problemas que ele mesmo detectava em seu tempo não foi eficaz. Um dos pontos mais criticados sobre a estrutura e conteúdo da NH foi justamente o de tratar sobre inúmeros assuntos e, de acordo com alguns críticos, sem o cuidado da seleção e ordenamento. Penso que essas críticas ignoram um fato importante: a seleção dos conteúdos e a estrutura da NH foram pensadas por Plínio – o que muitos teimam em aceitar, pois não é a ordenação e seleção *esperada*. Basta observar a que a estrutura da NH obedece a uma ordenação temática que copia o ordenamento do cosmos: parte das discussões dos astros, passando pelo ordenamento dos territórios e fronteiras, segue para as discussões sobre os povos e ordenações humanas, vai a um enorme campo expositivo das partes da natureza vegetal, animal e mineral para, por último, chegar na produção própria do humano, as artes. Como já dito, tudo isso mesclado com histórias fantasiosas, crenças e cotidianidades.

Voltando ao ponto anterior. O importante é perceber o desconforto de Plínio em nomear o que seria a sua última produção, pois parece que o autor não estava confi-

120 Nota de tradução: no original encontra-se *copiae cornu*. Esta expressão dizia respeito a um “corno de abundância”. Na mitologia greco-romana a fertilidade do solo/abundância poderia ser representada por um tipo de vaso na forma de um chifre. Tanto na tradução da edição Gredos em espanhol quanto na tradução da LOEB inglesa os tradutores usaram a expressão: “cuerno de la abundancia” e “Horn of Plenty”. Contudo, no português existe uma expressão para tal: cornucópia.

121 Plínio, o Velho. NH., Praef. 24.

ante naquilo que propunha. Plínio não se limitou a fazer uma varredura nos títulos das obras gregas, mas alguns títulos de obras latinas foram citados:

Os mais sérios dos nossos [autores] tem intitulado 'Antiguidades', 'Exemplos', 'Tratados'; os mais engenhosos, 'Elucubrações'. Suponho que é porque o autor era um bêbado e se chamava *Bibaculus*. Varrão é menos pretencioso em suas sátiras 'Ulisses e meio', 'Mesa dobrável'¹²².

Mesmo elencando alguns títulos comuns às produções latinas percebe-se que o seu título não se enquadrava em nenhum dos citados, embora se saiba que o conteúdo da NH correspondia aos vários temas suscitados pelos títulos por ele citado. De forma clara e concisa Clemence Schultze em seu texto *Encyclopaedic exemplarity in Pliny the Elder* contempla esta constatação:

Ao longo da História Natural, Plínio se envolve com o passado mais amplo da humanidade, lidando com a história cultural: arte, invenções e realizações. Ele faz isso de uma forma que consegue combinar situações políticas como guerras, conquistas e triunfos e as mudanças e maravilhas que elas trazem (...) ele explora os *exempla* como uma rota para atingir o passado¹²³.

Não se trata de Plínio ter buscado “leite de galinha” em sua NH, mas o vasto plantel de assuntos abordados em sua obra permite encontrar um pouco de “antiguidades”, de “exemplos”, de “tratados”, de “sátiras” e, inclusive, de “favos de mel”¹²⁴. Um claro exemplo encontra-se no Livro 2 quando Plínio relata diversos prodígios naturais que acompanharam acontecimentos políticos, ou seja, no mesmo trecho encontram-se abordagens pertencentes às *mirabilia* e questões que remetem à vida política romana:

Há também luzes meteóricas que somente são vistas ao cair, por exemplo, um desses atravessou o céu ao meio-dia aos olhos de todo o público quando *Germanicus Caesar* estava proporcionando um espetáculo de gladiadores (...) outras semelhantes luzes meteóricas são 'raios', em grego *dokoi*, por exemplo, uma apareceu quando os espartanos foram derrotados no mar e perderam o império da Grécia¹²⁵.

122 Plínio, o Velho. NH., Praef. 24.

123 SCHULTZE, Clemence. **Encyclopaedic exemplarity in the Pliny the Elder**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) **Pliny the Elder: themes and contexts**. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.170.

124 Plínio dedica parte de seu Livro 11 para comentar sobre as abelhas. Os estudos sobre as abelhas teriam ganhado força com Aristômaco de Soli que dedicou 58 anos aos estudos de tais animais. Outro que dedicou sua vida aos estudos das abelhas foi Philiscus de Thasos ganhando o apelido de “Homem selvagem” por morar em lugares desertos (NH., 11.19).

125 Plínio, o Velho. NH., 2.96-97.

Estrelas também são vistas durante o dia na companhia do sol e normalmente aparecem, na verdade, em torno do orbe do sol como guirlandas feitas de espiga de milho e anéis que mudam de cor – por exemplo, quando *Augustus Caesar* em sua juventude entrou na cidade após a morte de seu pai para assumir seu poderoso sobrenome¹²⁶.

Esses exemplos são elucidativos, pois compreende-se as incertezas e o desconforto de Plínio em buscar um título coerente com o conteúdo de sua obra. Nota-se o porquê de tantos pensadores se “perderem” nos labirintos classificatórios de gênero literário da NH. Daí a definição de “História da Vida” ganhar tanta força quando se passa a compreender a narrativa pliniana, pois mesclar assuntos que envolviam acontecimentos como as lutas de gladiadores e triunfos romanos com o maravilhoso/inusitado não é tarefa fácil.

Feitas estas considerações, sigo para o momento em que Plínio usou o termo “história” pela quarta e última vez em seu prefácio epistolar:

Diodoro entre os Gregos parou de brincar com as palavras e deu para sua história o título de *Bibliothēke*. Na verdade, Apião, o gramático [a quem Tibério César chamava ‘pratos do mundo’, quando melhor seria ‘tambor de sua própria fama’] deixou escrito que ele outorgava a imortalidade às pessoas em cuja honra compunha algo¹²⁷.

Após levantar os diversos títulos e a falta de correspondência entre o nome e o conteúdo das obras gregas; após enumerar os títulos mais usuais entre os latinos de seu tempo, Plínio utilizou o exemplo de outro autor grego que parou de brincar/jogar com as palavras e deu o título de *Bibliothēke* para a sua obra de história. É a partir deste ponto de vista que as especulações ganham visibilidade: como se Plínio parasse de comentar sobre obras das mais diversas naturezas e firmasse suas convicções exatamente com o exemplo de uma obra de história. Fora com um escrito de história que os títulos ganharam maior credibilidade ([advindo de um grego), mas que nas palavras de Plínio: “a devoção aos estudos era muito maior neles [gregos]”¹²⁸.

Para encerrar o problema dos títulos, Plínio ofereceu mais um desconforto já que após todas essas discussões o seu pensamento parece se perder diante de certas inseguranças:

126 Plínio, o Velho. NH., 2.98.

127 Plínio, o Velho. NH., Praef. 25.

128 Plínio, o Velho. NH., 7.8.

A mim não me pesa não ter inventado um título mais atrativo e, para que não pareça que ataco em tudo aos gregos, queria que se meu propósito fosse entendido à maneira dos famosos criadores de pinturas e esculturas que colocavam em suas obras já acabadas, e inclusive algumas que não cansamos de admirar, um título provisório, do tipo de *Apelles* o *Polyclitus faciebat*. Como se sua arte estivesse sempre num esboço e sem terminar (...). Não mais que três, creio eu, receberam, segundo a tradição, o título definitivo de *Ille fecit*. No lugar correto irei comentar sobre elas. Com isso se deu a entender que o artista havia alcançado grande segurança em sua arte, por conseguinte essas obras foram acolhidas com desafeto¹²⁹.

Com esta passagem Plínio desafia a olhar para seu título *História Natural* e interpretá-lo como provisório, como algo inacabado, tarefa difícil ao se deparar com a dimensão da mesma. Talvez a melhor forma de compreender este desafio é a exata noção da variabilidade da natureza e da vida, isto é, diferente de uma guerra que poderia ser narrada a partir de seu início e concluída com os resultados obtidos com o combate¹³⁰, as histórias sobre a vida e suas maravilhas estariam em perpétua construção. Fato é que mesmo com um título provisório a sua obra seria responsável por carregar e propagar as histórias que ali estavam gravadas, pois era através do papel/pergaminho que a imortalidade do homem poderia se espalhar¹³¹. Qual *imortalidade*, a das guerras ou dos feitos menores, ficaria a encargo de cada escritor. Plínio escolheu a dos pequenos feitos.

* * *

Até aqui expus os usos da palavra “história” no prefácio epistolar da obra *História Natural*. Agora passarei ao mesmo exercício, porém a partir do Livro I da NH. Ali se apresenta uma espécie de índice ou sumário que expõe tanto os temas quanto os autores latinos e estrangeiros que foram lidos/utilizados por Plínio para construir cada um de seus livros. Reproduzo a estrutura básica para que a leitora e o leitor possam se

129 Plínio, o Velho. NH., Praef. 26-27.

130 Como exemplo deste recurso de começar/encerrar uma narrativa de cunho bélico uso a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. Seu Livro I assim começa: “Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas (...)”. Encerra seu Livro I: “E os representantes voltaram para a sua pátria e posteriormente não mais foram enviadas embaixadas. Essas foram as acusações e as divergências de ambas as partes, surgidas antes da guerra, logo após a questão de Epidamo e Corcira (...)”. (Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*, Livro I. I; CXLV-CXLVI).

131 Plínio, o Velho. NH., 13.70: “a imortalidade do homem depende do uso e da circulação desse material [papiro]”.

assegurar melhor do que direi:

Livro VI. Conteúdos: situs, gentes, maria, oppida, portus, montes, flumina, mensurae, populi qui sunt aut fuerunt. [1] Ponti, Mariandynorum; [2] Paphlagonum; [3-8] Cappadocum; [4] Themiscyrena regio et in ea gentes. Heniochi; [5] regio Colica et gentes. Achaeorum gentes. ceterae eodem tractu gentes; [6] Bosphorus Cimmerius; [7] Maeotis. gentes circa Maeotim; [9] Armenia minor, Armenia maior; [10] Cyrus fluvius, Araxes fluvius; [11] Albania, Hiberia; [12] et iunctae portae Caesariae; [13] insulae in Ponto; [14] gentes a Scythico oceano; [15] Caspium et Hyrcanium mare; [16] Adiabene; [17] Media, portae Caspiae; [18] gentes circa Hyrcanium mare; [19] Scytharum gentes; [20] situs ab oceano Eoo. Seres; [21-23] Indi; [22] Ganges; [23] Indus; [24] Taprobane; [25] Ariani et iunctae gentes; [26] navigationes in Indiam; [27] Carmania; [28] sinus Persicus; [29] Parthorum regna; [30-31] Mesopotamia; [31] Tigris; [32] Arabia; [33] sinus maris Rubri; [34] Trogydyce; [35] Aethiopia; [36] insulae Aethiopici maris;

[37] de iis Fortunatis; [38] terrae per mensuras comparatae; [39] digestio terrarum in parallelos et umbras pares. Summa: oppida MCXCV; Summa: gentes DLXXVI; Summa: flumina clara CXV; Summa: montes clari XXXVIII; Summa: insulae CVIII; Summa: quae interciderunt oppida aut gentes XCV; **Summa: res et historiae et observationes MMCCXIII.**

EX AUCTORIBUS: M. Agrippa. M. Varrone. Varrone Atacino. Cornelio Nepote. Hygino. L. Vetere. Mela Pomponio. Domitio Corbulone. Licinio Muciano. Claudio Cesare. Arruntio. Seboso. Fabricio Tusco. T. Livio filio. Seneca. Nigidio.

EXTERNIS: Iuba rege. Hecataeo. Hellanico. Damaste. Eudoxo. Dicaearcho. Baetone. Timosthene. Patrocle. Deomdamante. Clitarcho. Eratosthene. Alexandro Magno. Ephoro. Hipparcho. Panaetio. Callimacho. Artemidoro. Agathocle. Polybio. Timaeo Siculo. Alexandro polyhistore. Isidoro. Amometo. Metrodoro. Posidonio. Onesicrito. Nearcho. Megasthene. Diogneto. Aristocreonte. Bione. Dalione. Simonide minore. Basile. Xenophonte Lampsaceno¹³².

Selecionei as informações referentes ao Livro 6 apenas como um exemplo positivo, mas pode-se tomá-lo como regra no que tange à estrutura: *conteúdos, autoridades latinas, autoridades estrangeiras*. É perceptível que ao encerrar a lista de conteúdo de cada livro Plínio deixou a seguinte sentença “*res et historiae et observationes*”. Essa tríade encerra a descrição dos conteúdos de quase todos os livros, já que em alguns livros os três elementos mudam para “*medicinae et historiae et observationes*”. Sendo mais exato: a primeira sentença aparece do livro 2 ao 19 e no livro 34, 36 e 37; a segunda expressão ocorre do livro 20 ao 33 e no 35. Nota-se que para a minha discussão o termo variável nas expressões não é o *historiae* e sim *res/medicinae*, ou seja, a minha análise não é perturbada pela alternância dos termos. Independente dos termos usados nas duas

132 Plínio, o Velho. *NH.*, 1.6

expressões, Plínio adiciona ao final da tríade um número, ou mais exato, a soma do que ele coletou e apresentou como *res/medicinae et historiae et observationes*. Por exemplo: a partir desta dinâmica de somas vê-se que no Livro 6 Plínio coletou/apresentou 2214 *res et historiae et observationes*. A dúvida que fica é a mais simples possível: o que tal expressão seguida por uma soma pode nos dizer? Para compreender a expressão e a soma é preciso decifrar o que cada um dos termos significava para Plínio.

Numa primeira reflexão pensei sobre a forma que duas edições contemporâneas da NH (Editorial Gredos e LOEB) traduziram a tríade *res et historiae et observationes*. Tal proposta leva em consideração o modo que os termos foram pensados e reconduzidos para outras línguas/realidades, pois a aproximação das traduções com o original pode informar a imbricada ligação entre forma e conteúdo e, talvez, como a NH foi percebida por outras tradições¹³³. Note-se: na versão em espanhol a tríade ficou “hechos, relatos, observaciones” e na versão inglesa “facts, investigations, observations”. No que diz respeito ao meu argumento, ou seja, a importância do termo *historiae*, vejo validade em ambas as traduções, pois havia comentado sobre a natureza investigativa desenvolvida por Plínio e a visível construção de relatos/narrativas acerca dos mais variados temas. Fator importante: a percepção de que *historiae* poderia significar o acúmulo de *atos/acontecimentos* se distancia da nossa proposta, pois penso que o termo está ligado à maneira de abordar os fatos e, não, nos fatos em si. É mais apropriado pensar que os fatos em si são tratados na expressão latina *res*. Já a expressão *observationes* ganha a dimensão de um aporte reflexivo e, por isso, penso que *historiae* estaria relacionada à noção de um tipo de abordagem do relato (abordagem esta que na NH mescla as chamadas *mirabilia* com aspectos anedóticos).

No entanto, o termo *historiae* não se encerra apenas como “anedotas de todos os tipos”, mas acrescento a essa concepção a visão mais investigativa que é própria da

133 Quanto às traduções: “Se é certo que Walter Benjamin clamava pela ‘transparência’ da tradução [para que ela não ‘ofuscasse’ o brilho do original] também é certo que, desde Anfré Lefevere, se tornou possível afirmar que não há transparência no uso da linguagem e, com isso, restou a perspectiva de que o tradutor não é [nem pode ser] transparente. Consequência disso, consideramos tradução ‘adequada’ aquela capaz de transmitir a informação semântica com poder ilocucionário análogo, afastando-se do texto original sempre e quando isso se faz necessário para se manter próximo a ele”. (KAHMANN, Andrea Cristiane. **Sobre tradições, traduções e trações**: o caso do Gaúcho (de cá e de lá). Revista Cultura & Tradição. 2011; v.1, n.1: p.01-09).

comprovação dos fatos narrados – se não a verdade, ao menos o crível:

Além do atrativo, da curiosidade, de todas as emoções que nos dão as narrativas, os contos e as lendas, além da necessidade de distrair, de esquecer, de proporcionar sensações agradáveis e terrificantes, o objetivo real da viagem maravilhosa é (...) a exploração máxima da realidade universal¹³⁴.

Aqui chego num ponto crucial de meu argumento, pois o uso do termo *historiae* no caso do Livro I mostra dois caminhos: 1º) a compreensão de que o uso do termo indica a função de um historiador e suas investigações; 2º) a compreensão de que o significado do termo não está ligado às investigações comumente levantadas noutros escritos de História. O primeiro caso é explicitado pelo próprio Plínio no Livro 3: “Não seguirei uma única autoridade, mas a que estiver mais próxima da verdade em cada um dos casos”¹³⁵. Neste livro em questão, Plínio propôs uma abordagem geográfica de várias regiões: Bética, Hispania Citerior, província Narbonense, Italia Transpadana, Panônia, Mesia, várias ilhas, rios famosos, etc. O interessante da afirmação que praticamente abre o Livro 3 é o respeito pela investigação que buscaria a verdade das coisas, dos acontecimentos, dos fatos. Tal proposta pliniana teria a validação através das autoridades no assunto, noutras palavras, o apoio legítimo da tradição. Além do mais, as investigações não visariam apenas às belezas e assuntos louvados por todos como está expresso no Livro 14:

Vamos continuar nossas pesquisas até mesmo em assuntos que já saíram de circulação, e não nos intimidaremos com a humildade de certos objetos, ainda mais quando estivermos tratando acerca dos animais, apesar de vermos que Virgílio, o príncipe dos poetas, era dominado por considerações que buscavam omitir os recursos para o jardim e, as [considerações] que ele gravou não foram mais do que colher a flor de seu tema, feliz e agradável como ele é^o.

Parece-me que as *historiae* de Plínio ficavam entre a cruz e a espada ou, em termos menos cristãos e mais historiográficos, entre Heródoto e Tucídides. Ao lado de Heródoto, a presença do maravilhoso na narrativa pliniana reporta a atmosfera da sociedade romana do século I d.C. e que, nas palavras de Clemence Schultze, mostrava que a escrita de uma História nos moldes de Plínio era uma “História com

134 MABILLE, Pierre. **Le miroir du merveilleux** APUD: LE GOFF, Jacques. *L’imaginaire médiéval*. Paris: Gallimard, 1991, p.35.

135 Plínio, o Velho. **NH.**, 3.1.

realidade”¹³⁶ – ninguém vive sem fantasias, maravilhas, contos, crenças, etc. Já ao lado de Tucídides¹³⁷, Plínio apresentava uma narrativa útil e com ares de dificuldade, de fatos narrados e menos atraentes – como dito no prefácio da NH, “a aridez do assunto tratado”.

Estou ciente de que os atuais estudos acerca da NH tendem a mostrar aproximações entre Plínio e Catão, Varrão e Celso ao invés de Heródoto e Tucídides. Estes estudos estão incorporados em minhas análises, apenas reafirmo que alguns estudos tendem a encarar as comparações diretas entre os escritos de Plínio com os de Varrão e Celso com certas ponderações, pois os conteúdos trabalhados foram distintos. Carmen Codoñer e Robert Fowler propuseram uma divisão didática para explicitar tais diferenças:

[Codoñer e Fowler] dividiram as enciclopédias antigas em dois grupos: aqueles que lidam com o mundo natural e aqueles inspirados no sistema educacional da *enkuklios paideia*, discutindo as várias artes – retórica, gramática e medicina. Mas, enquanto Catão, Varrão e Celso podem, com vários degraus de comparação certamente, ser colocados no segundo grupo, o primeiro contém apenas Plínio¹³⁸.

A citação não é de toda válida em meu livro, pois não vejo o trabalho pliniano como uma enciclopédia antiga, além de entender que a NH também goza de aspectos “educacionais da *enkyklios paideia*” não com abordagens de gramática e retórica, mas com a íntima relação entre a física e a ética (pressuposto estoico) que traria certas condutas para o homem romano do século I d.C. Desse modo, a citação é válida acerca da distinção entre os autores: Varrão e Celso não ocupam o espaço reservado unicamente a Plínio, mas o inverso não é totalmente verdadeiro. Novamente apoio-me nas palavras de Aude Doody para encerrar esse ponto: “Catão, Varrão, Cícero e Celso são colocados juntos menos pelos assuntos que eles tratavam e mais pelo local que ocuparam no panteão intelectual romano”¹³⁹.

136 SCHULTZE, Clemence. Op.cit., p.170.

137 Tucídides. **Guerra do Peloponeso**, I.22: “Muito penoso era o trabalho de pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos (...) e para o auditório o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente”.

138 DOODY, Aude. **Pliny’s Encyclopedia: the reception of the Natural History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.03.

139 DOODY, Aude. **Pliny’s Natural History: Enkyklios Paideia and the Ancient Encyclopedia**. Journal of the History of Ideas, vol.70, n.1, janeiro/2009, p.07.

Dessa maneira, sigo para a última constatação acerca da especificidade que o termo *historiae* sugere na leitura da obra pliniana. Ao perceber que o processo de elaboração da NH seguiu certos passos comuns à investigação histórica – levantamento bibliográfico, pesquisa, comparação, posicionamento frente à verdade, uso da tradição – também se perceberá que o *viés* proposto por Plínio escapa absolutamente daquilo que se chama de “grande História”. A preocupação e insegurança que percebo na escrita pliniana em seu prefácio ajuda a compreender que uma obra de história com a temática da NH não gozava do mesmo prestígio que, por exemplo, as Histórias de Tito Lívio.

Assim, ao pensar sobre a tríade *res et historiae et observationes* do Livro I, afirmo que o campo englobado pelo *historiae* constitui a forma mais autêntica, mais real e mais útil de trabalhar os assuntos referentes à civilização romana propagada por Plínio. Trata-se do modo, do *viés*, da forma, do tipo de abordagem que Plínio ofertará no tocante à exaltação de Roma. Como bem afirmou Ivana Lopes Teixeira em sua tese *Romanidade em Plínio, o Antigo, e a Naturalis Historia como um “projeto” político-pedagógico*: “A sua estratégia retórica [de Plínio] da comparação amplificante construiu hierarquias na NH que levaram a cidade de Roma a se converter no espelho ético-político e artístico da identidade romana imperial, lugar da memória e do saber”¹⁴⁰. Basta apenas uma passagem da NH para confirmar o dito: “O único povo de espetacular eminência em virtude entre todos os povos no mundo inteiro é indubitavelmente o romano”¹⁴¹.

Dessa maneira, a proposta de escrever uma História a partir da noção do natural, ou como vimos outrora, da vida, obrigou Plínio a levantar assuntos que pudessem ampliar a noção de *humanitas* romana por outro *viés* que não a habitual formação a partir do domínio militar, político, econômico: “como uma História *Natural*, o trabalho não é e não pode tratar sobre a História dos acontecimentos, ou a política como tal, ou tratar de assuntos mais abrangentes como uma biografia”¹⁴². Novamente percebo que

140 LOPES TEIXEIRA, Ivana. **Romanidade em Plínio, o Antigo, e a *Naturalis Historia* como um “projeto” político-pedagógico**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, p.132.

141 Plínio, o Velho. **NH.**, 7.130.

142 SCHULTZE, Clemence.op.cit.

o pensamento de Schultze não nos contenta de forma integral, pois talvez o problema da NH não verse sobre a impossibilidade de tratar sobre a “História dos acontecimentos”, mas sim, devemos nos questionar sobre *quais acontecimentos Plínio falaria em sua obra de História Natural*. Por exemplo: o registro da primeira votação sobre a mulher mais nobre de Roma¹⁴³; o fato de quem trouxe os primeiros barbeiros para Roma¹⁴⁴; o registro de quem foi e quais os motivos de construir o primeiro relógio em Roma¹⁴⁵. Percebemos que o trato sobre “acontecimentos” está presente na NH, embora os acontecimentos não sejam os esperados por um historiador acostumado com os grandes feitos da Antiguidade.

Encerro esta etapa com duas passagens da NH: “a natureza mostra sua bondade em relação a nós (...) quando os ossos insepultos estão molhados com o nosso sangue, e, quando nossa loucura finalmente foi descarregada, ela chama a si mesma como um véu, e esconde até mesmo os crimes mortais”¹⁴⁶. Passagem de uma beleza sepulcral e que indica uma das maldições do espírito humano: a loucura por crimes e sangue. O papel da natureza era cobrir as vergonhas humanas, noutras palavras, o véu da natureza retratada por Plínio escondia os resultados da complacência humana com as histórias de matanças que alimentavam tantos escritos das histórias-batalha¹⁴⁷, mas não da *sua história*. A última passagem apresenta uma verdadeira lição (*exempla*) do que Plínio priorizava como uma *história* a ser narrada e, por conseguinte, lembrada:

[Ditador César] Ele também lutou cinquenta batalhas campais e sozinho bateu o recorde de Marco Marcelo [conquistador de Siracusa, 212 a.C.] que lutou trinta e nove – eu mesmo não contaria tal feito para a sua glória que, além de conquistar seus concidadãos, matou em suas batalhas 1.192.000 seres humanos, um prodígio mesmo que negativo infligido à raça humana, como ele mesmo confessou não era para ser publicado o número de vítimas das guerras civis. Seria mais justo creditar a Pompeu, o Grande, a captura dos 846 navios de piratas; enquanto a César vamos atribuir, para além dos fatos mencionados acima, a distinção peculiar da clemência em que [mesmo que tenha se arrependido posteriormente] ele superou todos os homens, também ele proporcionando um exemplo de magnanimidade sem paralelos¹⁴⁸.

143 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.120.

144 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.211.

145 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.60.

146 Plínio, o Velho. *NH.*, 2.159.

147 SERBAT, Guy. *Op.cit.*, p.43.

148 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.92-93.

Apesar da notável hostilidade que Plínio nutria pela figura de César, vê-se no trecho selecionado algo que vai além do posicionamento político. Num primeiro momento Plínio não queria relatar os fatos que envolviam batalhas, conquistas e mortes – apesar do fator prodigioso – que poderiam ser vistos como um alimento à glória de César. Se o texto terminasse naquele ponto, a interpretação mais familiar seria: não relatar os feitos de César mostrava o real descontentamento que Plínio nutria pelas causas cesarianas. Contudo, na continuação do texto, Plínio faz questão de pontuar a virtude da clemência e o exemplo de magnanimidade do próprio César – mesmo que César tenha se arrependido posteriormente. Assim, concordo com a assertiva de Guy Serbat: não serão as guerras, mas a civilização e o simbolismo da *paz* que irão importar na narrativa pliniana¹⁴⁹. Partindo dessa constatação, no primeiro momento da passagem o problema não era a figura de César – ou somente a figura de César –, mas também aquilo que Plínio já pontuara no Livro 2.159: o sangue e a maldição da história-batalha que de alguma forma fascinava o homem. A tal ponto que na sequência a mesma figura polêmica aparece com qualidades que deveriam ser pontuadas e lembradas (símbolos da *paz* e clemência) e sem as ressalvas do início do trecho: “eu mesmo não contaria”. Talvez toda a disposição pliniana em relatar sobre guerras e sangue se esgotara com sua Guerra contra os germanos.

149 SERBAT, Guy. Op.cit., p.41.

3.2.DAS MUSAS

Carlo Ginzburg em sua obra *O fio e os rastros* escreveu uma frase que me ajudou a pensar sobre o tema aqui tratado. Disse: “Procuro contar, servindo-me dos rastros, histórias verdadeiras [que às vezes têm como objeto o falso]”¹⁵⁰. Acusado de retratar magias, crendices, medicações e mágicas, Plínio apresentou a sociedade em que vivia, pois como um homem de seu tempo e com o objetivo de abordar a *vida* em sua obra seria falso omitir certos costumes de sua época. Daí a ajuda de Ginzburg em nossas reflexões: Plínio apresentou histórias verdadeiras sobre alguns objetos que ele mesmo considerava incertos ou errados. O exemplo mais ilustrativo é a questão da magia, pois muitos leitores apressados veem em Plínio um indivíduo propagador de todas as crendices e superstições de sua época quando, a partir de uma leitura centrada e visando a totalidade da NH, percebe-se o distanciamento do autor em relação a tais assuntos¹⁵¹. Claro que o autor continua sendo um cidadão romano do século I d.C. com crenças e posturas que hoje entender-se-iam de outra maneira¹⁵², todavia, é grande a diferença entre o que o autor relata como “histórias verdadeiras com objetos falsos” e “histórias verdadeiras com objetos verdadeiros”. Como não é o objetivo deste livro discutir o conceito de verdade – apesar da intrínseca ligação com o conceito de História na Antiguidade¹⁵³ – direciono a discussão para dois pontos que permeiam a noção de verdade

150 GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. Rosa Freire d’Aguiar, Eduardo Brandão. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.07.

151 No Livro 26.18-20 da NH encontra-se um dos posicionamentos plinianos contrário aos efeitos da magia: plantas mágicas que prometiam secar rios; situações que fariam os inimigos abandonarem a linha de batalha em pânico; etc. Plínio até afirma que seria maravilhoso se as crenças dos antigos fossem verdadeiras, mas o homem sábio deveria buscar a moderação e nesse ponto Asclépio seria mais indicado que as propagações das magias (Plínio, o Velho. NH., 26.18-20).

152 Quaisquer críticas que exigem de autores da Antiguidade certos posicionamentos muito “modernos”, tais como a recorrente postura sobre a insuficiência da história antiga quando comparada aos rumos posteriores do pensar e da disciplina da História, são claras demonstrações da mais absoluta cegueira intelectual ou, de forma mais branda, uma exigência a-histórica de seus críticos.

153 Dou destaque às palavras do historiador Renan Frighetto que em poucas linhas sintetizou a intrínseca ligação do conceito de verdade com o de História: “Evidente que o princípio da verdade é uma das premissas fundamentais apresentadas desde a mais longínqua antiguidade, pois o relato histórico verdadeiro teria, por certo, maior credibilidade e, também teria sua preservação garantida às futuras gerações. Porém nós, Historiadores de ofício, sabemos perfeitamente que existiram verdades construídas e verdades efetivas apresentadas ao longo do tempo por aqueles que foram responsáveis por legarem a História de forma oficial, bem como por aqueles mesmos ou outros indivíduos que deixaram suas impressões pessoais, biográficas, autobiográficas, epístolas, documentos dos mais variados, em papiro, pergaminhos, gravados em pedra, fontes históricas que ao lado dos utensílios,

e possibilita o desenvolvimento de meu argumento acerca da inclusão da NH como uma obra de História: o saber das Musas e a força das autoridades como signos da tradição.

Para falar sobre as Musas é preciso atenção. Por isso, traço algumas considerações sobre os limites do saber das Musas. Os familiarizados com o tema poderão se assustar com a proposta, pois as Musas *sabem tudo* como já nos apontava Homero:

Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito peregrinou, dêz que espez as muralhas sagradas de Troia; muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes, como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma, para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta (...) Deusa nascida de Zeus, de algum ponto nos conta o que queiras¹⁵⁴.

Graças a elas o poeta/aedo poderia contar tudo o que acontecia, pois instruído pelo poder das Musas, qual seja, o de saber do presente, do passado e do futuro, era possível desenrolar narrativas impregnadas de verdades ou, como as Musas hesiodianas¹⁵⁵, com a dose certa de *engano*: “elas [Musas] dizem que sabem dizer coisas enganosas assemelhadas a coisas reais, sabendo ao mesmo tempo como levar a ouvir coisas verdadeiras”¹⁵⁶. Claro que Plínio não almejou nem o papel de aedo, nem de adivinho e muito menos de rei justiceiro¹⁵⁷ com sua tarefa de abordar a vida ou a natureza

armas, mosaicos e construções dão-nos uma percepção bastante próxima da verdade histórica mais efetiva”. (FRIGHETTO, Renan. **O valor do estudo da História Antiga**. In: STADLER, Thiago David. **O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.)**. Curitiba: Juruá Editora, 2013, p.11)

154 Homero. **Odisseia**, Canto I, 5-10.

155 Como não busco as exatas distinções entre os papéis desempenhados pelas Musas ora na obra homérica ora na obra hesiodiana, cito a clareza e erudição com que Jacyntho Lins Brandão apresenta o tema: “Entretanto, em Hesíodo, não se trata de mera repetição do que declara o poeta da *Iliada*, pois as Musas não se limitam a afirmar que *sabem*, acrescentando que sabem não só anunciar coisas verdadeiras [*aléthea*], como também dizer *muitas mentiras* [*pseúdea pollá*]. Com efeito, se na *Iliada* o poeta declara, dirigindo-se às Musas, que elas presenciam e sabem tudo [*pánta*], em Hesíodo, as deusas, dirigindo-se ao poeta, declaram que sabem sim, mas não simplesmente *pánta* – isto é, é preciso esclarecer que seu saber inclui coisas verdadeiras [*aléthea*] e também mentiras [*pseúdea*]”. (BRANDÃO, Jacyntho Lins. **As musas ensinam a mentir (Hesíodo, Teogonia, 27-28)**. *Ágora – Estudos Clássicos em Debate*. 2000; 2: 7-20).

156 HESÍODO. **Teogonia**, vv. 27-28.

157 Pierre Vidal-Naquet em seu Prefácio à obra *Mestres da verdade na Grécia Arcaica* de Marcel Detienne levantou estas três figuras (aedo, adivinho e rei justiceiro) com um traço em comum: o privilégio de dispensadores da Verdade pelo simples fato de terem qualidade que os distinguem: “O poeta, o vidente e o rei compartilham de um mesmo tipo de discurso. Graças ao poder religioso da Memória, *Mnemosýne*, o poeta e o adivinho têm acesso direto ao além, enxergam o invisível, enunciam ‘o que foi, o que é, o que será’”. (VIDAL-NAQUET, Pierre. **Prefácio**. In: DETIENNE, Marcel. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. Trad. Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p.VIII).

em suas facetas menos belas, mas a vontade de verdade estava presente. O problema da verdade e do engano inseridos no discurso que carrega o peso das Musas como olhos e bocas de tudo e de todos aparece no momento em que Plínio inicia seu prefácio-epistolar:

Estes livros de História Natural, nascidos de minha última criação e que são uma nova tarefa para as Musas de seus cidadãos romanos, resolvi oferecê-los a ti com esta informal epístola, Gracioso Imperador (tal é, de fato, o título que mais se ajusta à sua pessoa, já que o de Máximo corresponde à velhice de seu pai)¹⁵⁸.

Absolutamente oposto ao início do Canto I da *Odisseia* em que Homero pede “Musas, reconta-me os feitos do herói astucioso” e, aparentemente, sem indicações das muitas mentiras que as musas hesiodianas poderiam oferecer, vê-se em Plínio a autonomia diante do poder das Musas. Claramente tal postura coloca a NH fora dos meandros do encantamento, embora não signifique que temas relacionados ao encantamento e, principalmente, ao maravilhoso estejam impedidos de aparecerem na obra pliniana. Este ponto é de grande valia, pois a leitura da NH proporciona inúmeros relatos prodigiosos aliados aos fatos político-sociais. Contudo, ao se pensar que a presença do encantamento enfraquece o argumento de que a obra em questão é de caráter histórico, estarei negando a vivacidade e pluralidade da vida humana. Aceitaria novamente as críticas de um Voltaire, por exemplo, que negava a História Antiga devido às suas origens repousarem em narrativas pertencentes ao reino das opiniões e da tolice – “narrativas absurdas transmitidas através de gerações, provas da cega credulidade humana”¹⁵⁹.

Não nego que as discussões sobre as Musas ganham maiores significados quando se aportam os poemas, já que os estudos da nossa contemporaneidade e os escritos datados de longínquos períodos mostram a íntima relação entre as “patronas” e a poesia. No tocante à História lembro da *História* de Heródoto que fora dividida em nove capítulos e, cada um deles, intitulado com o nome de uma das Musas: Clio, Euterpe, Talia, Melpómene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia, Calíope. Quem

158 Plínio, o Velho. NH., Praef. 1.

159 MENEGUELLO, Cristiana. **Algumas considerações sobre o conceito de História segundo Voltaire**. Locus – Revista de História. Universidade Federal de Juiz de Fora, vol.3, n.2, 1997, p.71.

abre o livro é, justamente, a Musa da História. Plínio citou Heródoto como uma de suas autoridades estrangeiras [nos Livro 2, 5, 7, 8, 12, 13, 19, 36] embora a presença dos poetas Homero, Hesíodo e Calímaco, numericamente, seja mais relevante que o próprio Heródoto ou Tucídides. Homero é citado dez vezes na lista de autoridades do Livro I; Hesíodo outras quinze vezes; Calímaco catorze vezes e Tucídides apenas três. Notadamente essas constatações não ignoram que as principais fontes utilizadas por Plínio são as obras dos latinos, mas busco alguns aportes que podem ajudar na noção de história encontrada na NH. A presença de poetas na lista de autoridades externas ganha relevância quando se vê a citação pliniana do poeta latino Catulo (84 - 54 a.C.) já nas primeiras linhas de seu prefácio epistolar. Lê-se:

Pois você costumava pensar que minhas ninharias valiam alguma coisa..., digo, para citar rapidamente de passagem Catulo, meu 'paisano' – você também conhece esta palavra dos jargões militares. Ele, como sabes, mudando a ordem das primeiras sílabas, resultou um pouco mais áspero do que queria que pensassem seus amigos Veraniolos e Fabulos¹⁶⁰.

Aqui pode-se unir duas situações: o uso de um poeta como legitimador do discurso inicial da NH e a NH vista como um novo trabalho para as Musas romanas. A aparição de Catulo no início do prefácio é controversa justamente por se tratar de um poeta que, como Plínio faz questão de lembrar, era da mesma região que a sua – Catulo era de Verona, na Gália Cisalpina e Plínio de Como. Nota-se que a citação usada e alterada por Plínio entra nas abordagens do primeiro ponto levantado no início de nosso parágrafo: com ironia ele buscou a atenção do leitor, no caso o futuro imperador romano. Dar valor às ninharias que Plínio escrevia seria uma das características esperadas de Tito. O uso do poeta também ganha outro sentido quando Plínio exalta a Tito no *Praef.5*: “quão grande és na poesia!”. Ao usar uma citação de um poeta¹⁶¹ conterrâneo, Plínio inseria sua obra num terreno comum entre ele e Tito marcado por certo conhecimento de poesia e a malícia dos jargões militares compartilhados pelos cidadãos de ação.

A citação de Catulo também sugere outra aproximação com a NH, pois o poeta

160 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef. 1.

161 Plínio, o Jovem [*Epist.*, 1.16] também teceu elogios a Catulo em uma de suas epístolas: “Pompeyo Saturnino [...] compõe versos, semelhantes aos de meu querido Catulo e aos de Calvo; quanta delicadeza, doçura, melancolia e sentimento possuem!”.

latino está inserido na categorização dos “poetas novos” – Cícero assim o considerou – o que significa que sua linguagem se mostrava mais ligada ao cotidiano e seus temas eram “menores” que os da poesia épica homérica, por exemplo. Dessa mesma maneira a NH foi vista pela longa tradição que a interpretou: quando compreendida como uma obra de história era uma “história menor” e sua linguagem diferente das obras que versavam sobre as “grandes histórias”. Talvez o uso que Plínio fez de Catulo estivesse apenas vinculado ao fato de compartilhar uma mesma origem, mas a ideia que liga a ambos em torno dos “temas menores” é mais forte para o que defendo.

Antes de prosseguir as discussões acerca das autoridades usadas por Plínio em sua NH retomarei um ponto: “os livros de História Natural (...) são um trabalho novo para as Musas de seus cidadãos romanos”. Desta frase que abre o prefácio e impõe às Musas um papel diferente daquelas que *tudo sabem*, retiro duas possibilidades de leitura: 1º) Plínio apresentava sua nova obra também para as Musas dos romanos; 2º) a NH era um trabalho novo *até mesmo* para as Musas dos romanos. Ambas as possibilidades colocam as Musas longe daquele ideal homérico, pois o trabalho de Plínio ganhava destaque diante dos saberes das Musas. Apresentei noutra momento que Plínio exaltou os seus esforços dizendo que nenhum romano e nenhum grego construiu um “tesouro” literário como o dele – dando crédito para alguns gregos que trataram de *alguns* assuntos que ele apresentou na NH, mas ninguém trabalhou com *todos* os temas em apenas uma obra [Praef.14].

Justamente esta exaltação dos traços de novidade que chamou a atenção quando envolvida com a aparição das Musas na abertura do prefácio epistolar. Se as Musas tudo sabem¹⁶² como poderiam receber um trabalho novo das mãos de um humano? Plínio estaria apenas oferecendo sua obra como um tributo ou pode-se pensar doutra maneira? Deixando a resposta mais pronta de lado [tributo] proponho algumas rápidas elucubrações. As características do saber das Musas envolvem o *ver, ouvir e prever* – daí o conhecimento do passado, presente e futuro –, mas algo figura como uma característica tipicamente humana e marcante na produção de uma obra de história:

162 Homero. *Iliada* II, 484-487: “pois sois divinas e tudo sabeis; sois a tudo presentes”.

a prerrogativa da *leitura*. As Musas inspiram os poetas, os adivinhos e reis justiceiros com suas visões e saberes conquistados pelo *ver, ouvir e prever*, mas é somente o homem que possui a capacidade da *leitura* e do *registro da memória*. Cabe neste momento buscar uma rápida ajuda na etimologia da palavra história:

Esta forma deriva da raiz indo-européia *wid-, weid-*, ‘ver’. Daí o sânscrito *vet-tas*, ‘testemunha’, e o grego *histor*, testemunha no sentido de ‘aquele que vê’. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à ideia de que *histor*, aquele que vê, é também ‘aquele que sabe’; *historien*, em grego antigo, é ‘procurar saber’, ‘informar-se’. *Historie* significa, pois, ‘procurar’. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início de suas *Histórias*, que são ‘investigações’, ‘procuras’¹⁶³.

Assim, na raiz da palavra história e ampliando a discussão para a investigação histórica, tem-se fortes traços no *olhar* o que mantinha certa proximidade com os poetas/aedos¹⁶⁴ inspirados pelas Musas que pareciam testemunhas oculares de fatos que decididamente não poderiam presenciar. A diferença, claramente, seria a presença física do historiador para “ver com os próprios olhos” o acontecido ou, no que seria posteriormente interpretado como a primeira deturpação histórica, “ouvir com os próprios ouvidos” o ocorrido – na hierarquia dos relatos a visão ocupava o mais alto escalão, logo a audição era inferior em veracidade. Como François Hartog pontuou em sua obra *Os Antigos, o passado e o presente*: “Na realidade, para a Musa, ver, saber e dizer caminhavam juntos. O *wie es eigentlich gewesen* [como verdadeiramente aconteceu] era seu pão cotidiano!”¹⁶⁵. A semelhança com a afirmação de Jacques Le Goff acerca do historiador na Antiguidade é enorme: aquele que vê é também aquele que sabe. Daí novamente o estranhamento causado pelo papel que as Musas ocupam no prefácio pliniano: o ver, saber e dizer das Musas ignorava o ver, saber e *registrar* do historiador.

Apresso-me em dizer que não é o registro propriamente dito que coloca Plínio e sua NH no rol das obras de História – um poema também é um registro escrito

163 LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. - Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.18.

164 Homero. **Odisseia**, VIII, 487-491:

“[Demódoco] Tão verazmente cantaste as desgraças dos homens aquivos, quanto fizeram, trabalhos vencidos, e o mais que sofreram, como se o visses tu próprio, ou soubesses de alguém fidedigno”.

165 HARTOG, François. **Os Antigos, o passado e o presente**. Trad. Sonia Lacerda, Marcos Venen, José Otávio Guimarães. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, p.24.

com outros objetos. Todavia, a primazia do *ver* dá espaço ao *ler* e conseqüentemente *registrar*. Daí a marcante característica da NH: ler sobre aqueles que viram, ler sobre aqueles que ouviram e ler sobre aqueles que leram. De leitura em leitura chega-se ao ponto de alguns estudiosos alcançarem o extremo quando afirmam que a NH seria um “livro sobre livros”. Embora seja verdade que, diante da longa lista de autoridades latinas e estrangeiras que Plínio propõe em seu Livro I, tal posicionamento não é de todo estranho. Assim, diferente da inspiração única das Musas, Plínio ofereceu com sua NH diversas vozes que lhe conferiam maior legitimidade e autoridade sobre os mais variados assuntos: “a História Natural é [composta] por muitas vozes: sua autoridade não está enraizada numa única experiência pessoal de mundo”¹⁶⁶. Daí a principal divergência entre o *olhar singular* inspirado pelas Musas e o *olhar diversificado* do historiador voltado para o registro das memórias e da constituição de uma tradição.

O *ver* e o *estar presente* não garantem e não exigem a aliança com a *tradição*, pois estão ligados ao acontecimento, ao instante, ao presente. Logo, a leitura dos registros de um passado que outrora fora o presente vivido por outros indivíduos vincula a memória do sujeito que vive o atual presente com aquele passado trajado com máscaras da tradição. Se as Musas poderiam saber o que foi, o que é e o que será, a NH de Plínio proporcionava a preservação e interpolação do passado rejuvenescido e do presente envelhecido com um viés distinto de quaisquer saberes das Musas: a ligação entre o *ver*, *ler*, *saber* e *registrar* a *História romana* que se formava através da memória individual (Plínio) e coletiva (autoridades) e pela evocação do passado *no presente* (tradição \times inovação).

Se o meu raciocínio está correto percebo que a superioridade da NH frente aos saberes das Musas – no caso da NH ser um “trabalho novo até para as Musas romanas” – leva-me para a afirmação de que o escrito de Plínio é um exemplar de uma obra de história no mundo Antigo. Vejamos: tradição, inovação, autoridades, leitura, olhar, registro, método, conteúdo específico. Todas são características absolutamente inerentes a NH e partícipes das obras reconhecidamente históricas de um século I d.C.

166 MURPHY, Trevor. **Pliny the Elder's Natural History: the Empire in the encyclopedia**. Oxford: Oxford University Press, 2004, p.10.

Clemence Schultze afirma em seu texto *Encyclopaedic exemplarity in Pliny the Elder* que uma das principais qualidades das obras históricas romanas, os *exempla*, perpassa toda a NH: “Assim, com os *exempla* plinianos, às vezes é difícil dizer se um *exemplum* denota uma coisa boa ou ruim, algo a ser seguido ou algo a ser evitado”¹⁶⁷.

Contudo, a minha inquietação diz respeito aos temas elencados por Plínio que seriam considerados dignos de imitação/guia por parte dos romanos que tivessem acesso a sua monumental obra. A importância dos temas e exemplos encontrados na NH repousa na noção de *memória institucionalizada*. Daí a importância de meu livro versar a respeito da inclusão dos pequenos feitos romanos, mas memoráveis, assim como, dos cidadãos destacados não pelas virtudes políticas, guerreiras, etc., mas pelas pequenas descobertas, pelas *primeiras* exposições públicas romanas, etc¹⁶⁸. Todavia, para compreender como o autor construiu seus argumentos rumo à imortalidade da memória através de seu registro histórico deve-se partir da seguinte ideia: a obra pliniana foi constituída por inúmeras vozes de autoridades latinas e estrangeiras. Assim, se faz necessário incluir os usos das principais autoridades citadas por Plínio, pois as mesmas ajudarão a perceber os temas elencados na NH. Note: muitos dos temas tratados por Plínio são totalmente vinculados à tradição – nada mais justo para quem se propõe escrever uma obra com as características da NH –, mas ver-se-á que a abordagem que Plínio deu a muito desses temas o olhar específico de sua inovação. Nas próprias palavras do autor: “Na maioria destes casos não comprometo minha própria fé e, preferencialmente, deve-se atribuir os fatos às autoridades que serão indicadas para todos os pontos duvidosos”¹⁶⁹. Não se pode esquecer da afirmação já feita: foi o humano que tornou este mundo histórico, ou seja, precisamos levantar quais humanos ajudaram o autor a tornar a sua NH uma obra de história.

167 SCHULTZE, Clemence. Op.cit., p.186.

168 Caso queira saber mais sobre isto vá até a subdivisão 3.4 intitulada “Dos pequenos feitos”.

169 Plínio, o Velho. NH., 7.8.

3.3.DOS ESTRANGEIROS E LATINOS

Ao ler a História Natural de Plínio, o Velho, dois pontos tornam-se explícitos desde o princípio: i) a influência dos autores gregos na composição da NH; ii) a influência dos autores latinos na composição da NH. São citadas no Livro I mais de trezentas autoridades estrangeiras – que em sua quase totalidade são gregas – e mais de cem autoridades latinas que compõem o plantel de possíveis consultas de Plínio para a composição de sua magna obra. Diante deste grande plantel de autores consultados por Plínio para a elaboração de sua NH selecionei cinco latinos (Marco Terêncio Varrão, Celso, Sêneca, Tito Lívio e Cícero) e cinco estrangeiros (Demócrito, Hesíodo, Heródoto, Políbio e Tucídides) para me guiar na tarefa de buscar o conceito de história na NH¹⁷⁰. Justifico as minhas escolhas:

- 1) Demócrito: a autoridade estrangeira mais citada no Livro 1;
- 2) Hesíodo: ao lado de Homero um dos grandes nomes da formação educacional do homem grego (poeta) antes/depois dos chamados fisiológicos;
- 3) Heródoto: considerado como o “pai da História”, compõe suas *Histórias* divididas em capítulos intitulado com os nomes de Musas (as Musas também apareceram no prefácio epistolar de Plínio);
- 4) Políbio: historiador grego que narrou as glórias romanas;
- 5) Tucídides: considerado como uma antítese ao pensamento de Heródoto também escreve sua *História da Guerra do Peloponeso*. Nota: um filósofo da *physis*; um poeta vinculado às cosmogonias; três historiadores.

Dentre os latinos:

- i) Varrão: autoridade latina mais citada no Livro 1 e fonte inesgotável para muitas discussões sobre Plínio;
- ii) Celso: segunda autoridade mais citada no Livro I e normalmente elencado como base fundamental para a escrita da NH;
- iii) Sêneca: contemporâneo de Plínio e escreveu uma obra chamada *Questões*

¹⁷⁰ Para maiores aprofundamentos acerca da enormidade de autoridades citadas por Plínio, o Velho, indico a leitura de minha tese de doutoramento: **Por uma noção de história em Plínio, o Velho** defendida no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná no ano de 2015.

Naturais, mas que foi pouco citado na obra pliniana. Tal escolha foi impulsionada pela dúvida do porquê Plínio o deixou de lado;

iv) Tito Lívio: autor que, apesar das críticas feitas por Plínio em seu prefácio epistolar, aparece citado algumas vezes na NH. A escolha levou em consideração o forte papel de T.Lívio na História Romana;

v) Cícero: maior expoente da República romana e referência obrigatória – até mesmo em uma obra intitulada História Natural. Nota: um grande erudito; um médico (“enciclopedista”); um filósofo; um historiador; um orador.

Reafirmo que a minha tarefa só será compreendida a partir da perspectiva de que a NH não é um amontoado de informações inúteis, um livro de curiosidades, uma enciclopédia, mas um exemplar legítimo do gênero de história na Antiguidade¹⁷¹. Assim compreendida, a NH fornece a possibilidade de leitura da história romana pelo viés cultural e social e, por conseguinte, provê condições de se pensar a construção de identidades – individuais e coletivas. Começo com as autoridades estrangeira e, posteriormente, passo às latinas.

* * *

Na medida em que se percebe o papel dominante que Demócrito exerceu na lista de autoridades pliniana [Livro I] há de se compreender de que forma tal pensador foi utilizado no todo da NH. Demócrito aparece citado nominalmente em 30 dos 36 livros e, por tal presença intensa, poder-se-ia deduzir que Plínio trabalhou com Demócrito em termos de aprovação daquilo que o filósofo dizia ou fazia. Todavia, não é dessa maneira que o cidadão de Abdera aparece, como se vê na seguinte passagem:

Considero uma marca da fraqueza humana tentar descobrir a forma de Deus. Quem quer que seja Deus – desde que haja um Deus – e em que local está, ele consiste de pleno sentido, visão e audição, plena alma, pleno de espírito, pleno de si. Para acreditar num sem número de deuses, aqueles que os correspondem aos vícios do homem, bem como as suas virtudes, como a deusa da Modéstia, Concórdia, Inteligência, Esperança, Honra, Clemência, Fidelidade – ou então, como Demócrito propôs, apenas duas divindades, Punição e

171 Caso ainda não esteja claro: penso o gênero de história na Antiguidade latina a partir das noções de temporalidade, exemplos virtuosos e exemplos viciosos – que devem ser seguidos e negados, respectivamente –, a centralidade de Roma e do homem romano nos relatos, o aporte da tradição literária, a presença do narrador em fatos narrados e sua voz autorizada para compor o texto, a proximidade com o relato verdadeiro e crível.

Benefício, atinge uma altura ainda maior de loucura. Frágil, mortal, lembrado de sua própria fraqueza [o homem] dividiu essas divindades em grupos, de modo a adorá-las em seções (...) por esta razão, podemos inferir que a população de seres celestiais é maior que a dos seres humanos, já que os humanos fazem deuses por conta própria adotando seu próprio Juno¹⁷².

O uso de Demócrito nesta passagem indica descrédito e não confiança na autoridade. Plínio comenta que para cada vício e virtude havia uma divindade criada pelos próprios homens e Demócrito atingia grandes níveis de loucura nesse tema. A mesma constatação de desconfiança em relação às autoridades citadas é uma constância no todo da NH. De partida percebo que a postura adotada por Plínio não era a de simplesmente citar e concordar com os expostos de suas autoridades – como muitos leitores contemporâneos apregoam. Também não se pode forçar o argumento e esperar de um autor do século I d.C. – com os seus modos de pensar e trabalhar com as fontes – que sua análise incluísse críticas internas e externas ao contexto citado. Contudo, fica evidente o método que pressupõe: a leitura, seguida de explicação e certas críticas ao texto (ou tradição oral) que estão presentes na NH. Noutra passagem, Plínio novamente cita Demócrito em termos negativos:

Existem vários problemas relacionados com os espíritos dos mortos após o enterro (...) Estes são delírios de absurdos infantis e pertencem a uma gananciosa mortalidade de uma vida incessante. Semelhante é a vaidade em preservar os corpos dos homens e sobre a promessa de Demócrito de nosso retorno à vida – que ele mesmo não retornou¹⁷³.

Mais do que desacreditar a autoridade de Demócrito no que se refere às questões da morte e da alma, Plínio usa de sua marcante ironia. Se falar sobre a forma dos deuses era uma marca da fraqueza humana, da mesma forma, a ganância humana não conseguia compreender o caráter finito do homem. Daí a exposição irônica de que nem mesmo aqueles que comentavam sobre o possível retorno do homem conseguiram realizar tal feito. Notadamente a postura de Plínio não é a de um mero copista, mas de alguém que participa ativamente na construção dos saberes e, no caso do último trecho, sobre assuntos que interessavam a todos os homens da aristocracia romana – alma, morte, sonhos, premonições eram temas e crenças fortes no período do princi-

172 Plínio, o Velho. NH., 2.14,16.

173 Plínio, o Velho. NH., 7.188-190.

pado romano¹⁷⁴. A ironia e o descrédito apontados por Plínio ganham maior relevância quando no Livro 28.112-113 Demócrito é deslegitimado pelo uso de fantasias/magias e absurdos:

[Sobre o camaleão] Demócrito escreveu um volume em que cada parte do corpo recebia atenção separadamente. Ele proporcionou-me grande diversão ao ler sua exposição de fraudes e mentiras gregas. (...) Demócrito relata que queimar a cabeça e a garganta [do camaleão] em troncos de carvalho causaria tempestades e chuvas de trovões, assim como se queimasse o fígado em telhas. O restante do que ele diz pertence às magias e, embora eu acredite que não seja verdade, omitirei tudo, exceto quando algo deva ser refutado pelo seu absurdo¹⁷⁵.

Talvez o mais interessante dessa passagem seja a virulência com que Plínio ataca as “fraudes e mentiras gregas”. Novamente a autoridade de Demócrito é posta em xeque e percebe-se que a escrita da NH não se assemelha a um texto puramente informativo, mas recheado de posicionamentos do autor. Inclusive, um dos problemas mais associados ao nome de Plínio e da NH foi a sua demasiada proximidade com as fantasias, magias e crendices de seu tempo o que, de acordo com o trecho citado, era algo que Plínio propunha “limites” – se alcançasse o patamar do absurdo. Isto não significa que a posição adotada por Plínio era uma exceção dentre os autores latinos, mas o incluiu entre os pensadores que expunham suas próprias ideias. Recurso que mostra a preocupação do autor em passar informações confiáveis, verdadeiras, críveis, ou seja, dignas de adentrarem o espaço da memória coletiva e, conseqüentemente, da produção histórica romana.

Notadamente as citações feitas de Demócrito não se limitam ao reforço negativo, mas contemplam acertos do pensador da *phýsis*: “Demócrito pensa que o clima durante o inverno é o mesmo que foi no dia mais curto e nos três dias em torno dele [do dia mais curto], ele também pensa assim em relação ao verão e o clima no solstício de verão”¹⁷⁶; “[Hortelã] com o alume é bom para as amígdalas, com o mel para língua

174 “As chamadas forças *imateriais* podem ser entendidas pelas situações em que presságios, prodígios e interpretações divinas ligam-se diretamente à realidade *material* – a ascensão ao poder, a ida ou não a uma guerra, as relações de amizade e traição, etc.”. (STADLER, Thiago David. Op.cit., p.49). Podemos usar como exemplo uma das epístolas de Plínio, o Jovem trocada com Licínio Sura: “Gostaria de saber se os fantasmas existem, se você considera que eles possuem forma própria e uma foca divina, ou, não havendo consistência e realidade, recebem aparência somente de nossos temores (...)”.

175 Plínio, o Velho. NH., 28.112-113.

176 Plínio, o Velho. NH., 18.231.

áspera e somente ela para espasmos internos e para as queixas pulmonares. Com suco de romã, como nos diz Demócrito, cessa soluços e vômitos¹⁷⁷. Em certas questões da natureza, dos aspectos do sensível, as indicações de Demócrito possuem validade e contribuem com a função de instruir o homem romano – mesmo com suas fantasias e fraudes noutros assuntos.

O desenvolvimento discursivo de Plínio ora valorizando parte da tradição ora questionando suas bases também atingiu a Hesíodo. Marcado por suas duas obras, *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*¹⁷⁸, Plínio não deixou de apontar o lado fantasioso de algumas proposições hesiodianas – críticas que Hesíodo já sofrera na constituição da nova Paidéia grega com os filósofos gregos clássicos, ou seja, a crítica não era nova. Apesar da não novidade do posicionamento de Plínio frente aos escritos de Hesíodo, o que nos chama a atenção é a marcação do fantasioso frente ao que seria o verdadeiro. Postura que demonstra clareza no campo investigativo obrigatório a uma obra que participaria do gênero de história na Antiguidade:

Hesíodo, o primeiro a lançar algumas observações sobre o assunto, colocou muitas criaturas acima do homem no que se referem à longevidade, fábulas, penso eu; atribui nove de nossas vidas para o corvo, quatro vezes a vida de um corvo para veados, três vezes de um veado para corvos e para o restante, num estilo mais fabuloso, no caso da Fênix e ninfas¹⁷⁹.

A clara ânsia pliniana em anotar os “primeiros” em cada uma das ações é percebida na passagem sobre Hesíodo. O pensador da Beócia teria sido o primeiro a observar a questão da longevidade nos animais, embora fosse um pensamento nublado por fábulas. Plínio ainda aponta ao final da passagem que os casos que envolviam as ninfas e a Fênix ganhavam ares mais fabulosos ainda, pois remontavam aos aspectos míticos dos gregos. Do ponto de vista da natureza física, ou melhor, das questões referentes à agricultura, o nome de Hesíodo é rememorado com prazer e admiração tendo,

177 Plínio, o Velho. *NH.*, 20.149.

178 “Se na *Teogonia* Hesíodo mostra como se organiza o mundo dos deuses, apresentando-nos sua genealogia, mostrando sua linhagem e como foram distribuídos seus lotes e honras, em *Os trabalhos e os dias*, ele nos mostra algo diferente: a organização do mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações, seus deveres, revelando-nos, assim, em que se fundamenta a própria condição humana”. (NEVES LAFER, Mary de Camargo. **Introdução**. In: Hesíodo. *Os trabalhos e os dias*. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. – São Paulo: Editora Iluminuras, 1996, p.13).

179 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.153.

inclusive, mais uma indicação de “primeiro” em algum feito: “Hesíodo, o primeiro da humanidade na transmissão de instruções agrícolas, deu apenas uma data para a sementeira (...), pois ele escreveu a partir da Beócia, onde, como já dissemos, tem-se como costume a semeadura”¹⁸⁰. O que para Plínio estava em questão era o apontamento de boas instruções para que o cidadão romano pudesse gozar de certos ensinamentos úteis. Contudo, diferente de uma enciclopédia, a NH apresenta esse jogo de autoridades quase à revelia do autor da obra. O *quase* fica por conta da própria afirmação de Plínio: “(...) tenho me esforçado para encontrar pontos de vista quase universalmente aceitos, e tenho preferido trabalhos cuidadosos à abundância de materiais”¹⁸¹, ou seja, a tradição tem seu peso na hora dos apontamentos embora não oculte os “penso eu” de Plínio.

Sob o aspecto de a tradição estar presente para legitimar um escrito talvez uma das passagens mais emblemáticas da NH seja a do Livro 14.3-4. O nome de Hesíodo aparece na referida passagem, mas apenas como um indicativo temporal: “quando milhares de anos atrás, no alvorecer da literatura de Hesíodo”. Apesar da indicação do pensador grego ser fugaz não deixarei de reproduzir o trecho completo, pois ajudará no reforço do que defendo:

Por que não admitir que agora a comunicação foi estabelecida em todo o mundo pela majestade do Império Romano, a vida tem avançado através do comércio e pelo orgulho da paz, e mesmo as coisas que outrora estavam escondidas foram postas em uso? Mas, *Hercules*, não encontramos muitas pessoas familiarizadas com o que os escritores de antigamente transmitiam: muito mais produtivo foram as pesquisas dos homens do passado, ou então mais bem-sucedidas foram suas investidas, quando milhares de anos atrás, no alvorecer da literatura de Hesíodo, começaram a brotar as regras para a agricultura (...) – tem sido uma fonte de mais trabalho para nós, na medida que nos dias de hoje é necessário investigar não só as descobertas posteriores, mas também aquelas que já haviam sido feitas pelos homens de antigamente, pois uma negligência geral decretou a destruição total de registros. (...) Fato é que outros costumes entraram em voga e as mentes dos homens estão ocupadas com outros assuntos: as únicas artes cultivadas são as artes da avareza¹⁸².

A passagem deixa clara a vinculação da obra com o seu próprio tempo, visto a exaltação comum ao Império Romano e sua magnificência frente aos outros povos e lugares. Não menos perceptível é a tristeza com que Plínio aponta para os homens de

180 Plínio, o Velho. NH., 18.201.

181 Plínio, o Velho. NH., 28.2.

182 Plínio, o Velho. NH., 14.3-4.

seu tempo que não estariam familiarizados com os textos dos antigos, ou seja, com a tradição escrita e o conseqüente registro histórico. Os homens não estavam preocupados com as investigações produtivas dos seus antecessores e, pelo meu entendimento, não compreendiam a difícil tarefa à qual Plínio se propunha: investigar as descobertas do *próprio* tempo além dos trabalhos da *Antiguidade*. A causa de toda a negligência era a presença do vício da avareza, próprio do ser mais lamentável e presunçoso, chamado homem¹⁸³.

Como dito, a presença de Hesíodo no trecho quase não é percebida quando se atenta para as duras palavras de Plínio aos homens de seu tempo e, concomitantemente, para as belas palavras voltadas para os homens do passado. A sua preocupação em delimitar os trabalhos no tempo, assim como acrescentar críticas aos contemporâneos, nos aponta para uma clara construção de um discurso histórico. Eis que ainda no mesmo trecho lê-se sobre a negligência que causou a destruição total de registros. Daí a necessidade de construir novos registros por homens que não estivessem com a mente tomada pelo vício da avareza. Capazes de resolver problemas que iriam além da política e de levantes bélicos como, por exemplo, as confusões em torno das interpretações de textos dos antigos: “Alguns tem pensado que Hesíodo chamava de *halimon* quando falava de asfódelo, mas acredito que esse posicionamento é falso (...) [tal problema] tem sido a causa de confusão entre nossas autoridades”¹⁸⁴. Não quero afirmar que os problemas bélicos e políticos não tivessem importância para Plínio, ou mesmo que não foram abordados na NH. Se problemas bélicos eram enfrentados durante o dia (enquanto funcionário imperial), a noite era reservada para assuntos do intelecto.

Plínio estava ciente de que muito de seu esforço intelectual não atingiria os louros que outras obras do período alcançaram. Pela leitura do Livro 22.15 os problemas para o provável fracasso da NH poderiam ser dos homens de seu tempo que não entendiam a importância de sua obra:

183 Plínio, o Velho. NH., 2.24.

184 Plínio, o Velho. NH., 22.73.

A maioria das pessoas riem de mim por realizar pesquisas nesses assuntos, sou acusado de me ocupar com coisas de pouco valor. É, no entanto, um conforto para mim no meu grande trabalho saber que também a Natureza, e não somente eu, fica sujeita a este desprezo, pois mostrarei que ela colocou remédios até mesmo em plantas que não gostamos, dando propriedades curativas mesmo para aquelas [plantas] armadas com espinhos e abrolhos (...) Esta mesma coisa que nós odiamos foi concebida para o bem da humanidade¹⁸⁵.

Os historiadores contemporâneos provavelmente possuem certas dificuldades em imaginar que as suas fontes eram motivo de riso. Levar em conta os temores, humores, amigos e inimigos dos antepassados não é tarefa fácil para os estudiosos (aquilo que falei sobre o *se* na apresentação deste livro). No meu caso, o autor da fonte de meus estudos, apesar de indicar o desprezo que seu trabalho estava gerando pela maioria das pessoas, acabou atentando-se para um fato que tornava as críticas de seus contemporâneos interessante: a Natureza deixava seus remédios em plantas odiadas. Seria, então, a NH uma obra desprezada com boas medicações dentro? Se as medicações fossem entendidas como instruções necessárias para a vida cotidiana, além de um espaço que continha informações, conhecimentos, crenças e inverdades dos mais distintos campos, tempos e locais, a resposta é positiva. Diante desses diálogos francos entre Plínio e seus contemporâneos fica claro os equívocos daqueles que leram a NH apenas como uma obra isenta de autoria e dominada por opiniões alheias. Com uma leitura atenta, ela se revela um produto que buscou dar conta de diversos segmentos do saber – com opiniões conflitantes e a *própria* opinião do autor¹⁸⁶.

Direcionando as discussões para a presença de Heródoto na NH percebo que a confirmação por parte de Plínio de algumas ideias do historiador grego reforça o argumento de que as autoridades antigas davam legitimidade, mas também eram questionadas:

[Sobre canibais] Muitas autoridades, Heródoto e Aristeu de Proconeso são os mais ilustres, escrevem que estas pessoas [Arismaspi] conduzem uma guerra contínua em torno de suas minas contra uma espécie de besta selvagem com asas, como comumente relatado, que cava ouro de suas minas e os Arismaspi

185 Plínio, o Velho. NH., 22.15.

186 No tocante à medicina, por exemplo, “Plínio se posiciona como uma espécie de mediador entre as opiniões mais antigas e os costumes romanos de seu tempo, com relação aos médicos, à instituição da medicina em Roma e às terapias e aos preceitos utilizados para tratamentos”. (BASÍLIO VIEIRA, Ana Thereza. **Reflexões sobre a recepção da medicina na obra de Plínio, o Velho**. RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, 2009, v.7, n.1, p.49).

tentam tirar dela, ambos com notável cobiça¹⁸⁷.

No assunto em questão, a autoridade de Heródoto não é questionada, e, sim, exaltada como um ilustre autor. Mas note que se trata de um assunto envolto em fantasias, pois uma besta selvagem com asas estaria em contato com humanos atrás de ouro. Aqui, como em outros trechos das autoridades já apresentadas, há apenas o reforço de legitimidade. Sem nenhum tipo intervenção por parte de Plínio nem dúvidas sobre o relatado, mas deve-se salientar algo importante: não é possível confirmar a crença de Plínio no que fora relatado. Muitas leituras foram conturbadas no sentido de colocar no plantel de crenças de Plínio todas as coisas relatadas por ele. Note-se que no trecho anterior não aparece nada que comprove a existência de tal besta, mas tão somente que Heródoto e Aristeu de Proconnesus seriam as fontes de Plínio no momento da escrita. Seria exagerar no argumento contrário a Plínio pressupor que o autor acreditasse em tudo o que consta mais de 2.500 páginas¹⁸⁸. A função da NH seria instruir o outro e não apresentar todas as crenças do autor.

Para encerrar as discussões em torno de Heródoto apresento quatro pequenos trechos que corroboram com a minha proposta. Neles aparecem os quatro posicionamentos que o autor toma em relação ao uso das autoridades presentes na NH:

Dúvida	Legitimação	Descrença	Comparação
--------	-------------	-----------	------------

Perceba a dinâmica do pequeno quadro acerca do modo como Plínio enfrenta as suas próprias fontes:

Dúvida: “Se crermos em Heródoto, houve mar acima de *Memphim* tanto quanto as montanhas da Etiópia e também para as planícies da Arábia, e mar ao redor de *Ilium* (...)”¹⁸⁹;

Legitimação: “[elefantes] Eles mesmos sabem que a única coisa que possuem que torna a pilhagem desejável são suas armas que Juba chama de ‘chifres’; mas que o autor muito mais antigo, Heródoto, emprega um melhor termo chamando-as de

187 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.10.

188 Tendo como referência a edição da LOEB.

189 Plínio, o Velho. *NH.*, 2.201.

‘presas’¹⁹⁰.

Descrença: “Em relação ao *cinnamomum* e *casia* uma narração fabulosa tem sido relatada pela antiguidade, e antes de tudo por Heródoto, que elas são obtidas a partir dos ninhos de aves e, principalmente, o da Fênix”¹⁹¹.

Comparação: “[labirinto egípcio chamado Heracleopolis] Este, o primeiro a ser construído foi erguido, segundo a tradição, 3.600 anos atrás pelo Rei Petesuchis ou Rei Tithoes, embora Heródoto tenha atribuído todo o trabalho aos ‘doze reis’, sendo o último Psammetichus”¹⁹².

Atenção. A possível dúvida não está na efetividade dos acontecimentos, mas na crença ou não acerca dos relatos advindos de Heródoto que, por sua vez, determinaria a validade do conteúdo. A legitimação se baseia inteiramente na noção do mais antigo, pois em comparação com o Rei Juba, as palavras e definições de Heródoto seriam muito anteriores e, por tal fato, mais corretas. Percebe-se que a legitimação do mais antigo nem sempre se confirma, pois no terceiro trecho justamente o contrário acontece: por se tratar de situação fabulosa e advinda da antiguidade (desde e por Heródoto) a situação narrada perdeu sua veracidade, caindo em descrença. Já no último trecho a ideia de comparação entre fontes acontece entre Heródoto e a tradição (não é especificada qual tradição), mas Plínio fez questão de apontar o posicionamento de Heródoto numa questão que era histórica.

Praticamente sem divergências aparecem as citações de Políbio no decorrer da NH. Contudo, diferente do que poder-se-ia imaginar, a presença do historiador grego, que enobreceu as instituições romanas, não é marcada pelos elogios, lições ou espetáculos que os romanos ofereciam. Esta constatação indica que a concepção de obra histórica e, como será visto depois, do conceito de história encontrado na NH, não se alimentava das contribuições teóricas de Políbio, por exemplo. Apesar de a NH trazer os louvores típicos da literatura latina do século I d.C., não há nenhuma aproximação entre a clássica abertura das *Histórias* de Políbio e os apontamentos feitos por Plínio no

190 Plínio, o Velho. NH., 8.7.

191 Plínio, o Velho. NH., 12.85.

192 Plínio, o Velho. NH., 36.84.

decorrer da NH. Lê-se em Políbio:

(...) pois quem dos homens é tão vil ou leviano que não desejaria conhecer como e devido a que tipo de constituição em cinquenta e três anos incompletos quase todo o mundo habitado caiu submetido a um único poder, o romano, fato nunca antes ocorrido; e quem ainda é tão apaixonado por algum outro espetáculo ou lição que os tornaria por algo mais útil do que esta experiência?¹⁹³

Nada seria mais útil do que a experiência trazida pelo domínio dos romanos. Nesse ponto Plínio e Políbio estão absolutamente concordantes, mas com uma distinção radical: na NH, Plínio é o representante romano que busca demonstrar as riquezas que estão sob os domínios do Império. Não as valiosas experiências políticas, mas as manifestações naturais e culturais que seriam significativas para a coletividade re-memorar e comemorar. E o que seria mais significativo e poderoso do que coletar e agrupar todas as manifestações numa obra que levasse no título o nome de *História*? Fato é que os usos de Políbio por parte de Plínio são todos de caráter confirmativo, como pode-se notar nos seguintes trechos: 1º) De acordo com Políbio a distância em linha reta entre os dois estreitos, o de Dardanelo e o de Kaffa, é de 804 quilômetros¹⁹⁴; 2º) “Mas logo no início da Bética vem Cádiz, a 40 quilômetros da boca do Estreito, uma ilha que, de acordo com Políbio, mede 19 quilômetros de comprimento e 4 quilômetros de largura”¹⁹⁵; 3º) “Políbio afirmou que a amplitude da Europa partindo da Itália para o oceano é de 1850 quilômetros, mas a exata magnitude não havia sido apurada até mesmo em seus dias”¹⁹⁶; 4º) “Políbio e Eratóstenes, que são considerados escritores extremamente cuidadosos, propuseram que a distância do Oceano até a Grande Cartago é de 1770 quilômetros”¹⁹⁷.

Há, aqui, elogios direcionados aos cuidados que Políbio tinha com os assuntos que abordava – praticamente apenas questões de métrica entre regiões. Não surgem dúvidas em relação às informações transmitidas pela tradição, apenas uma inconsistência no terceiro trecho: a exata medição não existia nos tempos de Políbio, mas

193 Políbio. **Histórias**, Livro 1, 5-6.

194 Plínio, o Velho. **NH.**, 4.77.

195 Plínio, o Velho. **NH.**, 4.119.

196 Plínio, o Velho. **NH.**, 4.121.

197 Plínio, o Velho. **NH.**, 5.40.

mesmo assim ele propôs uma medida. Talvez as experiências de Políbio derivavam da mesma atividade desempenhada por Plínio no período de Vespasiano: viagens em embarcações. Plínio notadamente foi comandante da tropa de Miseno, mas no Livro 5.9 relembra as atividades que Cipião Emiliano delegou a Políbio: “Cipião Emiliano, durante seu comando na África, colocou uma frota de navios à disposição do historiador Políbio com a finalidade de fazer uma viagem de descoberta em diversas partes do mundo”¹⁹⁸. As viagens eram reveladoras de grandes segredos, perigos, fantasias e mesmices.

Na continuação da passagem, Plínio comenta que Políbio descobriu algumas espécies de animais selvagens na África, mas nada ligado aos assuntos da História de Políbio. Penso que o principal motivo dos escritos históricos de Políbio não aparecerem com a força esperada é a recusa de Plínio abordar a “história de sangue e carnificina” em prol de uma história centrada numa concepção de *humanitas* mais próxima das regras de urbanidade, polidez e cortesia e também nos exemplos que colocassem os pequenos feitos romanos num espaço de destaque. Outro fator que não se pode desconsiderar é o posicionamento de Políbio frente às investigações históricas baseadas em pesquisas de livros. Notável é o apoio e orgulho que Plínio tem nas autoridades do passado e seus textos. Desse modo, como Políbio desferiu ataques¹⁹⁹ ao historiador que não vai ao local e vê o ocorrido, poder-se-ia entender que Plínio não o considerou partícipe daquela tradição que tinha na leitura um dos grandes motes da escrita de uma obra de história. Assim sendo, a veemência²⁰⁰ de Políbio em exaltar o poderio bélico e político romano aliada a desvalorização da investigação em livros desvirtuava o novo sentido que Plínio pretendia dar para a sua própria obra.

O pensador estrangeiro que encerra nossas discussões sobre a forma como Plínio

198 Plínio, o Velho. NH., 5.9.

199 “As pesquisas em livros podem ser feitas sem perigos ou dificuldades, e dependem apenas do acesso a uma cidade onde haja abundância de documentação ou uma biblioteca disponível. Depois disso resta ao pesquisador apenas realizar tranquilamente a sua tarefa, cotejando os relatos de escritores diferentes sem enfrentar qualquer problema”. (Políbio. **História**. Trad. Mário de Gama Kury. - Brasília: Ed. UNB, 1996, p.417).

200 “A respeito da preparação da guerra e de toda situação de combate, têm um poder quase autocrático, pois lhes cabe dispor os aliados como bem lhes pareça (...) são soberanos para punir os subordinados quando em combate”. (Políbio. **Histórias**, Livro 6, 12-8)

usou as autoridades é Tucídides. Não é pela sua *História da Guerra do Peloponeso* que Tucídides apareceu na NH, pois o conteúdo tratado pelo grego recaía nos conflitos, sangue e carnificina. Contudo, em uma das passagens em que Plínio o cita, tem-se algo que nos importa: “Tucídides como comandante militar foi condenado ao exílio pelos atenienses, mas como historiador foi lembrado: eles admiravam a eloquência de um homem cujo valor tinham condenado”²⁰¹. Apesar da condenação de Tucídides no que se referia ao mundo público/político foi a sua destacada atuação no mundo intelectual que o salvou. Interessante que nas três únicas citações de Tucídides em toda a NH uma delas foi dedicada totalmente a elevar o espírito do historiador grego já que a passagem não nos dá nada de informativo. Por exemplo, em outra passagem, percebe-se a mesma dinâmica de concordância com a autoridade estrangeira aparecida em Políbio: “No que se refere à fama a ilha de Sicília está acima de todas as ilhas do Mediterrâneo, chamada por Tucídides de Sicania e por um bom número de autores de Trinacria ou Trinacia devido sua forma triangular”²⁰².

Se Tucídides prometeu um relato “preocupado com a fidelidade e uma severa delimitação do tema que excluía considerações sobre a vida interna das cidades sob o ponto de vista político, econômico ou cultural para fixar-se no aspecto militar”²⁰³, Plínio também prometeu uma obra que não aqueceria debates, nem serviria para digressões e diálogos e, ao menos nesse ponto, a concordância dos autores foi absoluta: ambos não cumpriram suas promessas.

* * *

Dentre as autoridades latinas mais citadas e exaltadas por Plínio está a figura de Marco Terrêncio Varrão. Claramente a obra *Rerum Rusticarum de Agricultura* foi muito consultada e usada na construção da NH pliniana, embora apresentei que o uso que

201 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.111.

202 Plínio, o Velho. *NH.*, 3.86.

203 ALMEIDA PRADO, Anna Lia Amaral de. **Introdução**. In: TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso** – livro I. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p.XVI.

Plínio faz de suas autoridades afasta-se de um “ladrão de ideias”. Todavia, outra obra de Varrão também ganhou destaque na NH, a *De Lingua Latina*: “Quanto a nossa palavra *caelum*, sem dúvida tem o significado ‘gravado’, como é explicado por Marco Varrão”²⁰⁴. Tal passagem encontra-se no *De Lingua Latina* V.18 e indica que a erudição de Plínio é um caráter inegável. Talvez a enorme lista de autoridades levantadas por Plínio em seu Livro I represente a gana do autor em colocar-se ao lado dos nomes que ali foram citados. Esta postura não é estranha, pois com a publicização da NH, o nome de Plínio, conservar-se-ia juntamente com, por exemplo, o de Varrão. Estar ao lado de um indivíduo que, conta-se, escreveu cerca de 620 obras tendo conhecimento profundo de filosofia, gramática, poesia, oratória, agronomia seria uma boa tática na busca pela *imortalidade* tão cara aos homens do passado. Das obras que foram catalogadas e dadas como de autoria de Varrão cito apenas algumas que Plínio teria tido contato para elaborar as discussões da NH: *Antiquitates* (41 livros, de 56 a.C.); *De uita populi Romani* (4 livros, entre 56 e 44 a.C.); *De familiis Troianis* (de 68 a.C.); *Rerum urbanorum libri III* (3 livros); *Liber Tribuum* (entre 47 e 45 a.C.); *Annalium libri III* (3 livros); *De gente populi romani libri IV* (4 livros, após 43 a.C.); *Legationum libri III* (3 livros); *Aetia* (de 60 a.C.); *De Pompeio libri III* (3 livros); *De sua uita libri III* (3 livros); *De Lingua Latina* (25 livros, entre 47 e 45 a.C.); *De origine linguae Latinae libri III* (3 livros, entre 56 e 47 a.C.); *Liber de philosophia* (1 livro); *Rerum rusticarum libri III – De re rústica* (3 livros, 37 a.C.)²⁰⁵.

A mesma erudição encontrada em Varrão – apenas no *De Lingua Latina* o autor cita coerentemente Platão, Aristóteles, Pitágoras, Epicuro, Zenão de Cício, Crates, Aristarco, etc. – pode ser compreendida em Plínio. Nunca forçaria o meu argumento ao ponto de comparar os escritos varronianos com os plinianos, mas ao ler a NH é fácil encontrar em Plínio um modelo de erudito da Antiguidade. A aliança entre as leituras, as viagens e o desempenho nas atividades públicas tornou Plínio um cidadão dotado de grande capacidade intelectual e discursiva – a *beleza* da escrita é um problema para os filólogos. Todavia, como alertado anteriormente, a comparação entre Varrão e Plínio

204 Plínio, o Velho. NH., 2.9.

205 RUY, Maria Lucilia. **Formação de palavras – Livro VIII da gramática de Varrão**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2006, p.16.

fica apenas no imaginário, pois mesmo Plínio o considerava como alguém inatingível:

Na biblioteca fundada em Roma por Asínio Polio, a mais antiga biblioteca do mundo estabelecida a partir dos despojos de guerra, a única estátua erguida para uma pessoa viva foi a de Varrão, (...) constituindo uma distinção não menos, na minha opinião, de quando Pompeu, o Grande deu ao mesmo Varrão uma coroa naval pela sua condução na guerra com os piratas²⁰⁶.

A construção de uma estátua para um cidadão vivo era rara e digna das mais altas honorarias. Lembro de um caso posterior ao período de Plínio, o Velho, mas memorado nas palavras de seu sobrinho. Plínio, o Jovem mandou uma epístola ao então imperador Trajano pedindo permissão para levantar uma estátua: “(...) Peço para que, primeiramente, permita que eu adicione uma estátua tua junto às outras, que irá adornar o templo que pretendo construir (...)”²⁰⁷. Plínio, o Jovem, obteve a concordância como resposta, mas o imperador Trajano expressou certa relutância: “Você tem permissão para montar a minha estátua no lugar escolhido; geralmente eu estou relutando em aceitar estas espécies de honras, mas eu não desejo parecer que pus qualquer empecilho em seus sentimentos leais em relação a minha pessoa”²⁰⁸. A aceitação de tamanha honraria era preocupante, pois não poderia recair em adoração divina – caso aceito apenas com a morte do Imperador.

O interessante da passagem de Plínio, o Velho, sobre a estátua de Varrão, é compreender além do monumento: a estátua foi erguida num espaço com características específicas, uma biblioteca. A outra mensagem que contribui para o meu argumento é a honraria que Varrão recebeu pelos serviços navais prestados a Pompeu, isto é, o mesmo indivíduo foi saudado nos dois campos de atuação: o intelectual e o político. Daí o porquê de Varrão ser considerado um ideal de cidadão romano por Plínio e tantos outros latinos. Nota-se que a construção da estátua não feriu os sentimentos do autor, pois sua narração é de louvor e não de crítica pelo monumento levantado a alguém vivo. Desse modo, a legitimidade da autoridade latina mais citada no Livro I foi exaltada ao ponto do inquestionável, fato absolutamente oposto à autoridade estrangeira mais citada no mesmo livro (Demócrito, como vimos, foi mais citado para

206 Plínio, o Velho. **NH.**, 7.115.

207 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 10.8.

208 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 10.9.

mostrar a sua ineficácia).

Basta citar outra passagem em que Varrão aparece para dar conta da dimensão que Varrão ganha na obra pliniana:

A existência de uma forte paixão por retratos em dias passados é evidenciada por Ático, o famoso amigo de Cícero, que publicou obra a respeito e sobre a mais benevolente invenção de Varrão que, na verdade, insere em uma prolífica produção cerca de setecentos retratos de pessoas ilustres, não permitindo que as imagens deles desaparecessem ou que o lapso da idade prevalecesse sobre a imortalidade nos homens. Aqui Varrão foi o inventor de um benefício que até mesmo os deuses poderiam invejar, pois ele não somente concedeu a imortalidade, mas a espalhou por toda a terra, tornando seu assunto onipresente, como os deuses²⁰⁹.

A importância de um feito de Varrão chegava a provocar inveja nos deuses, pois através dos retratos não era apenas a imortalidade que se apresentava ao homem ali pintado, mas também a divulgação em todos os lugares do mundo de um retrato sem as marcas do tempo e da idade. Percebe-se com os dois extratos de fontes que não foram os grandes feitos políticos romanos que marcaram a importância de Varrão. Um deles aborda a construção de uma estátua numa biblioteca (espaço da sabedoria) e o outro relata sobre uma obra contendo retratos que garantiriam a imortalidade para alguns ilustres escolhidos, mas também ao ilustre Varrão. Note que os ilustres escolhidos não seriam lembrados por feitos grandiosos, mas graças ao trabalho de Varrão e à inveja dos deuses. Uma obra garantiria o sucesso e a imortalidade. Esta é uma das acepções que figurava como característica de uma obra de História do século I d.C. e justamente a NH estava guardando tais conteúdos em seu interior e, portanto, tornando-se também histórica.

Ciente da vastidão das opiniões que as autoridades possuíam sobre os mais diversos assuntos, Plínio parece seguir as palavras de Heródoto: “em verdade, minha obrigação é expor o que se diz, mas não sou obrigado a acreditar em tudo”²¹⁰, pois justifica-se quando ideias diferentes das de Varrão poderiam ser boas verdades: “Há exemplos importantes de opiniões contrárias a de Varrão no que diz respeito à História do papel”²¹¹. Nem mesmo Varrão estaria com as melhores respostas para todos os as-

209 Plínio, o Velho. **NH.**, 35.11.

210 Heródoto. **Histórias**. Trad. Mário da Gama Kury. - Brasília: Ed. UNB, 1988, p.382.

211 Plínio, o Velho. **NH.**, 13.84.

suntos, por isso era função de Plínio expor as opiniões contrárias. Esta seria outra postura que aproxima a NH ao gênero literário da história, pois evidencia a intenção de construir uma memória de acontecimentos diversos respaldados numa prática investigativa. A necessidade de conferir estatuto de verdade e, em alguns momentos, o estatuto de crível para todo o conteúdo de sua obra fez com que Plínio sempre apontasse as autoridades e, quando necessário, se posicionasse em relação ao assunto. É dessa forma que ele indica Varrão como uma das maiores autoridades sobre temas da agricultura:

[sobre tratados de agricultura] Mas colocamos no início uma lista de pensadores originais e poetas eminentes, assim como ilustres autores que iremos seguir neste volume, embora menção especial deva ser feita a Varrão, que se sentiu inclinado a publicar um tratado sobre o assunto em seu octogésimo primeiro ano de vida²¹².

Como a legitimidade de um escrito de história não poderia mais se basear nas verdades anunciadas pelas Musas, a resposta era trabalhar com um grande número de legitimadores – Varrão com lugar de destaque. Tenho a clara percepção de que a presença do *olhar* também guiou muitos tópicos da NH, mas invariavelmente a concepção de história para Plínio estava pautada mais na tradição do que na visão. Seus diversos temas (nem todos históricos) foram trabalhados com a ânsia de torná-los descobertos, sem os véus que outrora os cobriam. Longe das ambições de Tucídides em narrar guerras na expectativa de que tal fato seria grande, vê-se em Plínio a confirmação de pequenos feitos dos romanos, mas dignos de lembrança. Certo de que os feitos grandes teriam seus registros noutros espaços, Plínio procurou atentar para circunstâncias que preenchessem melhor as histórias: “A água do próprio Mar Cáspio foi considerada por Alexandre, o Grande, como doce para ser bebida e também Varrão afirma que a água transmitida para Pompeu era dele [Mar Cáspio], quando ele estava nas vizinhanças do rio durante a Guerra Mitridática”²¹³. Difícil entender essa passagem como uma referência à Terceira Guerra Mitridática (75 – 65 a.C.), pois Plínio nada informa sobre o conflito ocorrido na Ásia Menor. Na realidade, o cerne da passagem repousa nas propriedades da água do Mar Cáspio que desde Alexandre, o Grande, já eram admiradas.

212 Plínio, o Velho. NH., 18.23.

213 Plínio, o Velho. NH., 6.51.

A guerra e sua produção de sangue não são importantes, mas o fato de Pompeu – durante a guerra – beber da água do Mar Cáspio é o fato a ser lembrado.

Assim como as autoridades estrangeiras, aqui, com Varrão, as citações plinianas também visavam à exatidão de certos dados que apenas comprovavam a legitimidade do autor citado: “De acordo com Varrão devemos a descoberta do papel à vitória de Alexandre, o Grande, quando ele fundou Alexandria no Egito, antes daquele tempo o papel não era usado”²¹⁴; “Varrão aconselha que se corte o cabelo logo após a lua cheia, como precaução contra a calvície”²¹⁵. Para reforçar a ideia de que Plínio questionava as suas fontes, até mesmo com Varrão, seu exemplo de cidadão e erudito, aparece o erro: “Varrão deu esta data fixada pelo sol ocupando o décimo grau de Touro, como a teoria então declarada; mas a verdadeira explicação é que um ou outro - de acordo com as latitudes dos vários observadores (...)”²¹⁶. Claro que o erro de Varrão estava justificado, pois ele apenas seguia a teoria determinada em seu tempo. Contudo, noutro exemplo percebe-se que Plínio fez questão de distinguir entre Varrão e “outras autoridades”: “No Locri começa a projeção da Itália chamada Magna Grécia, retirando-se as três baías do Mar Ausonii, chamado por seus primeiros habitantes de Ausones. De acordo com Varrão seu comprimento é de 138 quilômetros, mas a maioria das autoridades fala em 120 quilômetros”²¹⁷. Aqui entendo algumas críticas feitas ao modelo pliniano, pois ele não buscou posicionar-se diante da resposta mais verdadeira limitando-se a apresentar as diferentes possibilidades. Contudo, no que se refere à citação passada o autor corrigiu a informação, pois não se pode tirar do horizonte das discussões o objetivo expresso da NH: informar e ser útil aos cidadãos romanos. Ao informar e servir aos anseios dos romanos a obra deveria corresponder a certas realidades (a noção de realidade não exclui as crenças) que seriam compreendidas por grande número de pessoas. Daí a sua função de produzir e lembrar memórias coletivas transformando-as em relatos próprios dos romanos.

214 Plínio, o Velho. NH., 13.69.

215 Plínio, o Velho. NH., 16.194.

216 Plínio, o Velho. NH., 18.285.

217 Plínio, o Velho. NH., 3.95.

O segundo autor latino que selecionei para compreender a forma como as autoridades foram pensadas por Plínio foi Aulo Cornélio Celso. De seu estudo intitulado *Artes*, só nos restou o trecho chamado *De Medicina*, mas a sua contribuição na Antiguidade atingiu diversas áreas do conhecimento. Se os escritos de Varrão podem ser agrupados tematicamente em dialética, retórica, gramática, aritmética, geometria, astronomia, música, arquitetura e medicina, os de Celso contemplam a agricultura, ciência militar, medicina, oratória, jurisprudência e filosofia – como visto, a tradição outorgou-lhes o grau de “enciclopedistas”²¹⁸. Notável que a formação dada pelos escritos de Varrão atende ao que no período do Medievo foi chamado de Sete Artes Liberais (com o acréscimo da medicina e arquitetura), mas em seu próprio tempo obras como as *Disciplinae* de Varrão e *Artes* de Celso possuíam a função da *encycliōs paideia* – termo utilizado por Plínio em seu prefácio epistolar –, função esta que o autor da NH afirmou ter cumprido com maior primazia, pois nenhuma obra abordava todos os conteúdos num só exemplar.

Celso recebeu vinte citações na lista de autoridades construída por Plínio no seu Livro I da NH. Todavia, durante a leitura de todos os outros livros da NH, aparece certa contradição com tamanha proporção que Celso ganhou no Livro I, pois numericamente foram apenas quatro citações nominais no decorrer das linhas da NH. Não estou na posição de afirmar que Plínio não se utilizou dos textos e propostas de Celso sem o citar nominalmente. Claramente o “direito autoral” não é um legítimo problema para homens do século I d.C.. Embora Plínio, em seu prefácio epistolar, lance duras palavras para os seus contemporâneos que “apenas transcrevem literalmente o que os antigos escreviam”²¹⁹, citar as autoridades seria um gesto de cortesia aos antigos.

Justamente foi num caso de cópia que o nome de Celso apareceu pela primeira vez citado na NH: “Grecino, que geralmente tem copiado Celso, pensa que não é devido à natureza desta videira que faz da Itália um solo não frutífero, mas o modo de cultivá-la, pois os produtores estão muito ansiosos para que ela coloque para fora

218 MURPHY, Trevor. Op.cit., p.196. Mesmo entre estudiosos brasileiros há àqueles que o chamam de “enciclopedistas”. Vide, por exemplo: TREVIZAM, Matheus. **Maravilhas zoológicas na enciclopédia de Plínio, o Velho, a partir de duas sugestões de Ítalo Calvino**. Anu. Lit., 2015, n.Esp.1, pp.143-155.

219 Plínio, o Velho. NH., Praef. 21-22.

seus brotos”²²⁰. Percebe-se que a informação original advinha de Celso, mas acabou dita e propagada por Grecino. Plínio fez questão de mencionar este fato atendendo ao prometido em seu prefácio. Claro que os tortuosos caminhos do destino fizeram com que Plínio sofresse das mesmas acusações impostas a Grecino. A NH seria uma cópia de vários trabalhos dentre os quais o do próprio Celso, pois de acordo com as leituras posteriores a enciclopédia de Plínio estava imersa nas enciclopédias de Varrão e Celso. Todavia, numa escala de importância das autoridades, Celso decaiu enormemente se comparados o Livro I e o todo da obra. A partir disso, retirar que Plínio não usou os textos de Celso é um posicionamento apressado e talvez leviano. Por isso, limito-me a expor e compreender os usos nominais feitos por Plínio.

A escolha de Celso para a minha análise teve como intento o apaziguamento das críticas de copista que foram dadas a Plínio. Para tanto, será preciso compreender rapidamente o que chamo de dinâmica das autoridades. Dou um exemplo: Varrão foi citado 31 vezes no Livro I e apareceu nominalmente outras 98 vezes no todo da obra. Já Celso teve 20 citações nominais no Livro I e tão somente 4 citações no todo da obra. Se Varrão e Celso foram tão importantes na elaboração da NH por que um é elevado ao máximo nas duas partes da obra e, o outro, é praticamente esquecido durante a escrita da NH? Não tenho uma resposta a contento para isto. Fato é que as outras citações de Celso na NH não são capazes de fornecer ajuda: “Celso também prescreve uma decocção da raiz em vinho como um linimento para casos de gota, sem inchaço”²²¹ – nas duas outras passagens 21.176 e 27.132 abordam-se temas relacionados a grupos de vegetais. Nada de estátuas, elogios, honrarias, devoções. Celso é tratado como mais uma das tantas autoridades latinas, ou seja, sem o lugar de destaque que lhe foi garantido no Livro I. Dessa maneira, o uso de Celso na NH contribui para não classificar a Plínio como um mero copista, mas levanta a dúvida sobre a real participação deste autor na elaboração do todo da NH.

Com alto grau de honraria e pouca relevância no todo da NH aparece o terceiro pensador: Sêneca. Pensador, político e filósofo do século I d.C., normalmente é

220 Plínio, o Velho. NH., 14.33.

221 Plínio, o Velho. NH., 20.29.

considerado como um dos maiores expoentes do estoicismo romano. Viveu no mesmo período de Plínio e, como dito noutra oportunidade, escreveu uma obra intitulada *Questões Naturais*. Ora, como um indivíduo como Sêneca que é considerado tal qual uma personificação do *doctus orator* ciceroniano, que prestou importante ajuda na formação de um imperador romano, foi pouco citado numa obra monumental como a NH? Talvez a pergunta direcione para respostas erradas, pois a importância de Sêneca não seria colocada em xeque pelo não uso de Plínio. Deve-se atentar que só a presença do nome Sêneca na NH já indica sua relevância, pois notável é a suprema presença de autores antigos e não contemporâneos a Plínio. Sêneca dividiu o mesmo tempo, as mesmas estruturas políticas e sociais de Plínio, claro, também é verdade que de angulações diferentes – principalmente no período de Nero.

Entendo que Sêneca tenha se aproximado mais daquele ideal de estoico que viveria e morreria por sua filosofia – o que Paul Veyne chamou de “o verdadeiro modo de ser filósofo era viver a doutrina de sua seita, modelar a ela sua conduta e quase seu traje e, ao final, morrer por ela”²²². Contudo, numa comparação entre alguns trechos do prefácio-epistolar da NH e uma das epístolas de Sêneca para Lucílio vê-se como ambos os autores se assemelham no tocante à postura social e literária. Sêneca assim escreveu:

Se eu me recolhi em casa e fechei as portas foi para poder ser útil a um maior número. Nem um único dia me chega ao fim na ociosidade; parte da noite, reservo-a para os meus estudos; não me disponho ao sono – sucumbo a ele, e deixo repousar sobre o meu trabalho os olhos cansados da vigília e já prestes a cerrar-se. Retirei-me não só dos homens, como dos negócios, começando com os meus próprios: estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil (...)²²³.

Destaco alguns pontos: utilidade; estudos/ociosidade; vigília e trabalho para a posteridade. Com tudo o que apresentei até aqui fica perceptível a semelhança com a proposta pliniana em sua NH. Quando Plínio escreveu que seu trabalho era “dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso”²²⁴, deixou claro que seu trabalho poderia servir

222 VEYNE, Paul. *Seneca y el estoicismo*. Trad. Mónica Utrilla. - México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p.11.

223 Sêneca. *Cartas a Lucílio*, 7.

224 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef. 15.

de testemunho para a posteridade, pois elevava temas da tradição mesclados com seu viés da inovação – tudo em nome do povo romano. Noutra passagem do prefácio-epistolar tem-se a confirmação de que Plínio também dedicava as noites aos estudos, mantendo-se sempre vigilante ajustando seu sono apenas na medida em que a saúde pedia²²⁵. A semelhança entre a postura literária de ambos converge ainda mais quando a *utilidade* se mostra como meta. Talvez o recurso mais propagado por Plínio fosse o de tornar seu texto útil para aqueles que o leriam, a tal ponto que apresentou um índice para cumprir com suas ambições. As semelhanças entre ambos os pensadores podem encerrar-se com essa rápida comparação, todavia alguns apontamentos ainda são precisos.

Noutra de suas cartas a Lucílio, Sêneca coloca aquilo que poderia guiar as decisões de pensadores do seu tempo. Se por pensador escolho Plínio e por tempo escolho os anos de Nero, a epístola carregaria muitas verdades: “Quando um estoico se der conta de que está envolvido numa situação opressiva, dúbia, ambígua deve recuar; não voltar às costas, mas sim retirar-se gradualmente para um lugar seguro”²²⁶. Esta passagem remete ao período em que Plínio retirou-se de Roma, o que torna tudo mais interessante, no justo período em que Sêneca e Nero estavam no comando do principado romano. Saliento que esta situação pode exercer influência no pouco *uso* que Plínio fez das obras senequianas, mas não foi o suficiente para apagar a grandeza de Sêneca. Nas palavras de Plínio: “Sêneca, a pessoa mais erudita do nosso tempo, e eminente no poder que ao final cresceu em excesso e desabou sobre seus ouvidos – um homem que estava presente em todos os eventos, mas não era admirador de frivolidades (...)”²²⁷. Se Varrão poderia ser invejado pelos deuses pelo benefício dado a poucos escolhidos (imortalidade e jovialidade das pinturas), Sêneca ficou gravado como o indivíduo mais erudito do tempo presente. Por isso, os aparentes exageros em considerar Sêneca como o *doctus orator* ciceroniano ou, se o pensas nos termos de autores de seu próprio tempo, como disse Quintiliano, o *vir bonus discendi peritus*, não se estaria cometendo

225 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef. 18.

226 Sêneca. *Cartas a Lucílio*, 22.

227 Plínio, o Velho. *NH.*, 14.51.

nenhuma afronta de acordo com Plínio.

Foi visto que Celso era uma das autoridades mais citadas no Livro I da NH, mas sua importância decaiu no todo da obra. Com Sêneca a rotatividade não foi brusca (3 citações no Livro I e 4 ao todo da obra), mas sua posição superou a de Celso no que tange aos elogios. Contudo, creio estar certo ao afirmar que durante a leitura da NH ambos os pensadores – Celso e Sêneca – acabaram esquecidos por Plínio. Com isso não quero afirmar que a importância de Celso no tema tratado na NH deva ser desconsiderada, ou que as obras e pensamentos de Sêneca são descartáveis na hora da produção e posterior leitura da obra pliniana. O que posso sugerir deriva diretamente do método que aqui utilizo para abordar a NH: através do mapeamento dos nomes e posterior análise dos trechos percebe-se que ambos os autores não compõem o plantel mais inspirador para Plínio. Justamente o elogio – *pessoa mais erudita do nosso tempo* – ganhou destaque, pois as outras três citações em que Sêneca aparece na NH são da mesma estirpe que as de Celso, ou seja, rápidas e pouco informativas: “Sêneca também, que entre nossos próprios escritores ensaiou uma descrição da Índia, enumera seus rios em 60 e suas raças em 118”²²⁸; “[sobre a longevidade dos peixes] Sêneca escreve que em viveiros da propriedade de César um peixe jogado por Polio Veditius morreu após atingir a idade de 60 anos”²²⁹; “[tomar banho frio em períodos frios para possíveis tratamentos] Disso temos nos dias de hoje uma confirmação nos escritos de Sêneca”²³⁰.

Certamente as três passagens não fazem relação com o *vivere naturae* dos estoicos somente pelo fato de abordarem temas do mundo natural – geografia, peixes, curas terapêuticas – mas retomando a primeira passagem, compreendo em que ponto o estoicismo de Sêneca e Plínio estão ligados: “um homem que estava presente em todos os eventos, mas não era admirador de frivolidades”. A questão estoica surge no tocante ao *fin último* da vida que deveria ser interpretado sem as vaidades, impulsos, frivolidades e fortunas da vida comum. Estar ciente de que a finitude do homem não é mera ilusão e por isso dever-se-ia dar valor às coisas verdadeiras, pois o luxo seria um

228 Plínio, o Velho. NH., 6.60.

229 Plínio, o Velho. NH., 9.167.

230 Plínio, o Velho. NH., 29.10.

impeditivo na concretização de quaisquer obras²³¹.

No Livro 7 se lê o mesmo lamento de Plínio quando afirma que “somente para o homem foi concedida a tristeza e o luxo; só ele tem a ambição, avareza, o apetite incomensurável pela vida, a superstição, a ansiedade sobre o sepultamento e até mesmo sobre o que vai acontecer depois que ele não existir mais”²³². Noutra passagem Plínio usou da ironia ao falar dos perfumes – maiores expoentes supérfluos da luxúria, segundo ele –, pois além de caros, até mesmo um escravo de Nero os usava, logo não poder-se-ia considerar isso um privilégio de príncipe²³³. Sutil é a contribuição para nossas discussões acerca do conceito de história, mas presente está. Apresentarei futuramente a importância que o desdém às luxúrias representa na construção discursiva, nas escolhas de personagens e na concepção do que deveria ser lembrado e, posteriormente, tornar-se partícipe da história romana através dos escritos plinianos. Se a influência de Sêneca não apareceu com tanta força na NH tal constatação não exclui a presença do estoicismo e das abordagens feitas por tal pensador sobre questões que norteiam a noção de História na Antiguidade.

Noção de história é o que guiou a escolha do quarto pensador latino: Tito Lívio. Com sua obra *Ab Urbe Condita Libri* pautada no conjunto de costumes/tradições ancestrais (*mos maiorum*), Tito buscou elevar eventos de outrora com um discurso que se voltava ao crível. Tito Lívio, diferente de Plínio, gozou de certo prestígio nos estudos históricos do século XIX e XX. Na onda das fundações nacionais e gritos de ordem e política uma obra que buscava contar a História de Roma desde a sua fundação até o início do século I d.C. possuía mais prestígio do que uma história sem apelos às conquistas, guerras, grandes feitos. Certo é que T.Lívio também passou pelo ostracismo historiográfico oitocentista tendo sofrido alguns ataques a respeito das não-verdades

231 “Homens ocupados são aqueles que não têm tempo para a meditação, para o recolhimento, para si mesmos, para inspecionar o passado, para dobrar-se sobre si mesmos e contemplar-se. A vida desses homens é muito breve. No desejo de viver, fingem o que não são, lisonjeiam a si mesmos, enganam-se por meio do prazer. (...) Diferente desses, apenas os verdadeiros ociosos [não, no entanto, aqueles ‘ociosos’ que enchem o seu ócio com atividades prazerosas, ‘úteis’ e constantes] estão livres para a sabedoria”. (SEIBT, Cezar Luís. **Sêneca e a finitude da vida**: o que a finitude pode ensinar sobre a vida. Integração. 2009; ano XV, n.59: p.371-378).

232 Plínio, o Velho. NH., 7.5.

233 Plínio, o Velho. NH., 13.23.

contidas em seu texto:

Ao entrarem em contato com a narrativa liviana, os estudiosos oitocentistas aplicaram métodos de análise concernentes a essa incessante procura da verdade literal do passado (...) Ao evidenciarem que Lívio não descartou os mitos de fundação de Roma, nem mesmo aplicou os métodos da disciplina História segundo paradigmas objetivistas, os pesquisadores oitocentistas concluíram que a obra liviana, como fonte de estudo sobre o passado de Roma, não tinha relevância concreta²³⁴.

Percebe-se que algumas das críticas levantadas contra a NH também atingiram a obra de T. Lívio, mas certamente não foram fortes o suficiente para caracterizar a obra liviana como um escrito não histórico – talvez a força da tradição doutros séculos superou as feridas feitas nos séculos XVIII e XIX. Todavia, para o argumento aqui apresentado a ideia do ostracismo oitocentista duplo – Tito e Plínio – não contribui no esclarecimento das escolhas e usos que Plínio fez para escrever sua obra. O que interessa é o ostracismo feito pelo próprio Plínio, pois T. Lívio não ocupou nenhum lugar de destaque em sua NH. Já apresentei que T. Lívio apareceu no prefácio-epistolar justamente por buscar glórias pessoais com a sua obra histórica. Tal postura seria digna de repúdio por parte de Plínio e por todos aqueles que buscassem elevar a constituição da *humanitas* em termos formativos gerais e não de meras glórias pessoais. Contudo, a minha proposta evidencia outra situação: o pouco uso de T. Lívio (3 citações no Livro I e 2 no todo da obra) decorre da tipologia da NH. Relembro que Plínio escreveu uma obra intitulada *História de nossa época* que foi uma continuação da História escrita por Aufídio Basso, talvez nesse escrito a presença de T. Lívio estaria mais evidente. Como a proposta da NH fugia das propostas normais de escritos históricos a ausência de Lívio estaria justificada pelo tema e não somente pela busca de glórias pessoais. Se Plínio algum dia escutou seu sobrinho saberia que uma obra de história seria o máximo da glória pessoal, ou seja, acusar T. Lívio era uma acusação a si mesmo.

Dessa maneira, as duas citações em que o nome de Tito Lívio aparece não se remetem ao Tito Lívio historiador, mas o mostram como uma autoridade dentre tantas outras: “[sobre o Oceano Atlântico] Tito Lívio e Cornélio Nepos indicam que a largura

234 COLLARES, Marco Antonio. **Representações do senado romano na Ab Urbe Condita Libri de Tito Lívio**: livros 21-30. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.72.

no ponto mais estreito é até 11 quilômetros e no mais amplo até 16 quilômetros”²³⁵ e “O comprimento dos Alpes do Adriático para o Mediterrâneo (...) por T. Lívio é 603 quilômetros”²³⁶. Apesar de T. Lívio aparecer ao lado de informações geográficas, não foram por tais estudos que Plínio o citou em seu prefácio-epistolar. No tocante à constituição de uma obra de história a presença de T. Lívio aparece como outro autor próximo de Plínio, assim como Sêneca. Notadamente os pensadores da Antiguidade não interpretavam o uso excessivo de seus antepassados como algo ruim, por isso muitos autores contemporâneos eram preteridos por outros já legitimados pela tradição.

É a partir da percepção de ausência de T. Lívio que reforço o argumento da NH trazer uma proposta diferente ao cidadão romano que poderia olhar para sua história sem a presença do conflito armado e os desgastes políticos. Os pequenos sucessos (espetáculos locais, animais selvagens, comidas, virtudes comuns) também são acompanhados de cerimônias e ritos que deveriam ganhar registro²³⁷. Se sangue e carnificina não enriqueceriam a *humanitas* oferecida pela formação pliniana, se os assuntos além da abóboda do céu não dizem respeito ao homem e não estão ao alcance da mente humana²³⁸, Plínio registraria memórias e apresentaria feitos e autoridades que contribuiriam ao tipo de história por ele perseguido. Esta proposta ganha força dentro dos recentes estudos de História Antiga, visto que alguns estudiosos direcionam suas discussões para os aspectos da vida cotidiana entre os antigos. Tal constatação já há muito é feita nos trabalhos que se apoiam na chamada cultura material, mas entender esta dinâmica do dia-a-dia através da tradição escrita é vista com alguns receios. Estes receios são compreensíveis quando se elege os cânones da historiografia antiga e se excluem quaisquer outras possibilidades de entender o mundo antigo. Richard Hing-

235 Plínio, o Velho. NH., 3.4.

236 Plínio, o Velho. NH., 3.132.

237 “Plínio, o Velho, relata nos livros 8 a 11, por exemplo, alguns casos de punição a pessoas que maltrataram animais, ainda que fossem raros esses episódios e, talvez por isso mesmo, dignos de nota. A empatia das pessoas para com algumas espécies servia-lhes como uma certa consciência moral, exigindo a punição aos culpados de lesarem um animal sem nenhuma justificativa convincente. Exceção feita aos espetáculos, é claro”. (BASÍLIO VIEIRA, Ana Thereza. **A exposição dos animais na obra de Plínio, o Velho: exotismo e monstruosidade na *Naturalis Historia***. REVISTA CLÁSSICA, 2017, v.30, n.2, p.95).

238 Plínio, o Velho. NH., 2.1.

ley em sua obra *Globalizing roman culture. Unity, diversity and empire* expõe acertadamente suas conclusões acerca do que tenho dito:

(...) na Eneida de Virgílio (12: 827-30), Juno se refere a aspectos da cultura que remetem à identidade latina. Ela não trata de governo ou religião em grandes detalhes, mas concentra-se em aspectos comuns da vida diária: “trajes típicos”, como os Latinos chamam-se a si mesmos, e a sua “voz” [sua língua]. Isto sugere que, para Virgílio, muitas das maneiras com que os latinos se identificavam uns com os outros eram íntimas e pessoais.²³⁹

Estou certo de que Virgílio não foi atingido com a mesma intensidade de fúria com a qual Plínio foi atormentado nos últimos séculos. Contudo, a passagem esclarece que o poeta romano também sugeriu as pequenas coisas, os pequenos encantos, os pequenos feitos como dignos de lembrança. Não por acaso, Virgílio aparece no Livro I como uma autoridade citada nove vezes. Interessante que o texto de Richard Hingley segue com observações em torno da obra *Agricola*: “Tácito menciona que o estilo romano de se vestir – toga – foi adotado na Grã- Bretanha no final do primeiro século de nossa Era juntamente com banheiras, banquetes etc”²⁴⁰. Chamado por Hingley de “interesse pela vida do cotidiano”, esta postura de Tácito foi amplamente assumida na NH. Para ficar com exemplos parecidos, no Livro 9.137 da NH, Plínio recorda que foi Lêntulo Espínter, Edil no período de Consulado de Cícero (63 a.C.), quem usou pela primeira vez a cor púrpura em um manto bordado²⁴¹. O mesmo indivíduo também foi o primeiro romano a esticar toldos de cambraia²⁴² em um teatro nos jogos de Apolo²⁴³.

São temas como estes que sugerem que alguns autores da Antiguidade, principalmente Plínio, viam nesses pequenos elementos uma força suficiente para conectá-los à identidade do cidadão romano. Elementos esses que ora vinculavam-se ao cotidiano de uma elite romana ora serviam para exaltar até mesmo os indivíduos da mais baixa condição social. Ser o cidadão romano a realizar a primeira luta entre leões em

239 HINGLEY, Richard. **Globalizing roman culture**. Unity, diversity and empire. London: Routledge, 2005, p.75-76.

240 HINGLEY, Richard. Op.cit.

241 Plínio, o Velho. NH., 9.137.

242 Tipo de tecido feito de algodão ou linho.

243 Plínio, o Velho. NH., 9.23.

Roma²⁴⁴ (Quinto Cévola) dava ênfase aos pequenos feitos de uma elite; ser o primeiro homem a seccionar uma carapaça de tartaruga²⁴⁵ exaltava a habilidade na produção de utensílios de luxo (Carvílio Polião); mas também consta, mesmo que anonimamente, que o maior exemplo de *filiae pietati* romana adveio de uma mulher pobre (*humilis in plebe*) – uma filha amamentou a própria mãe²⁴⁶.

Assim, a escrita da NH contempla diversos estratos sociais, diversos feitos dignos de atenção e lembrança e com a forte característica de uma obra de história tipicamente romana, qual seja: o amparo da tradição escrita. A autonomia do escrito, a importância do papel, a necessidade do registro, a conservação de uma memória selecionada, mas que visava à identidade universal de um cidadão romano, a valorização das fontes antigas como subsídio das futuras lembranças.

Num dos trechos em que o nome de Cícero aparece – último autor latino a ser apresentado aqui – tem-se uma indicativa da importância dada por Plínio no que diz respeito às fontes antigas: “Assim são os antigos escritos: eu os vi na casa de Pompônio Segundo, vate e cidadão ilustríssimo, [escritos] pelas mãos de Tibério e Caio Graco há quase duzentos anos; agora, em verdade, vemos inúmeras vezes [os escritos] de Cícero, do divino Augusto e de Virgílio²⁴⁷”. Essa passagem ajuda a entender que algumas das críticas feitas a Plínio não seriam válidas, pois o contato com os escritos era possível e efetivo – não apenas baseado na oralidade. Justamente a partir desse apego ao testemunho escrito que entendo a passagem do Livro 13.70: “a imortalidade do homem depende do uso e da circulação desse material [papiro]”²⁴⁸. Se para Plínio a memória era o benefício mais necessário para a vida, nada melhor do que resguardar as diversas memórias numa só obra histórica. Como a memória depende de propagação para ser conservada, mas possui como característica a fragilidade²⁴⁹, uma das funções da NH

244 Plínio, o Velho. *NH.*, 8.53.

245 Plínio, o Velho. *NH.*, 9.39.

246 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.121.

247 Plínio, o Velho. *NH.*, 13.83.

248 Plínio, o Velho. *NH.*, 13.70.

249 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.88;90.

era aliar a ânsia pela imortalidade com o registro do passado – o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro, nos diria Le Goff²⁵⁰. Assim, o que antes era vida ativa passa a ter a vida resguardada pelo livro.

Apesar da aparente morte da vida ativa que todo registro gera ao colocar em palavras organizadas acontecimento por acontecimento, memória por memória, não se deve ignorar a vivacidade que as gerações posteriores possuem ao acessar os registros de outrora. Renan Frighetto já nos atentava para isso quando afirmou que Isidoro de Sevilha passava por uma interação cultural – usando termos de Momigliano – quando estava diante da obra NH, mas vivenciando a sua própria realidade²⁵¹. Daí a importância do resguardo da memória e do poder que as obras históricas possuíam/possuem nas remodelações do universo vivido por cada um. Claramente a realidade vivenciada não é prontamente organizada como o Livro I da NH – apesar das semelhanças de organização mental, pois tem-se a confortável sensação de pensarmos os planos físicos (céu, mar, terra) separadamente do plano metafísico (divindades) e das classificações dos seres vivos (animais irracionais, humanos, plantas). Contudo, muito dos registros subtraem a vivacidade das experiências por pura inabilidade do registrador. Este não é o caso do último pensador latino que aqui analiso: Cícero.

Na passagem anteriormente citada percebe-se que Plínio apresenta Cícero como uma fonte acessível e muito presente em seu tempo – assim como Augusto e Virgílio. Notável que essa afirmação não possui nada de espantoso, pois os louvores e escritos do grande orador romano foram laureados por mais de um milênio e meio:

Ambrósio escreveu a sua obra sobre os deveres do clérigo tendo como modelo *De officiis* de Cícero; Agostinho foi levado à pergunta pelos valores verdadeiros da existência humana na escola retórica por meio da leitura do *Hortensius*; as *Tusculanae*, *De officiis* e alguns outros escritos de Cícero faziam parte, na Idade Média cristã e para além dela, do cânon das obras antigas constantemente lidas, pelas quais ainda Martin Lutero tinha grande admiração; Copérnico sentiu-se estimulado por Cícero, e até a filosofia do idealismo alemão

250 LE GOFF, Jacques. Op.cit., p.10.

251 Nas próprias palavras do historiador: “Ora, com esse exemplo encontramos-nos diante daquilo que Momigliano definira como ‘interação cultural’, acentuando a ideia de que o presente não pode, simplesmente, apagar o passado (MOMIGLIANO, 1970, p.94-95). Ou seja, tanto Pacato como Isidoro tinham conhecimento – e muito provavelmente tiveram diante de si manuscritos – da *História Natural* de Plínio, o Velho, e do *Epítome da História de Tito Lívio*, de Floro, o que demonstra que em termos de pensamento existia uma sólida ‘ponte’ entre o passado clássico e as realidades vivenciadas quer por Pacato, no século IV, quer por Isidoro de Sevilha, no século VII”. (FRIGHETTO, Renan. **Política e Poder na Antiguidade Tardia**: uma abordagem possível. *História Revista*. Jan./jun. 2006; v.11, n.1: p.161-177)

ainda é marcada pelo recurso a escritos de Cícero²⁵².

Noutros estudos²⁵³ já realizados, vi a importância de Cícero para o sobrinho de Plínio, o Velho. Nesse aspecto foi a declaração de Marcial que avivou nossas discussões: “Ele dedica os dias inteiros à exigente Minerva, enquanto prepara para os ouvidos dos centúviro algo que as gerações vindouras poderão comparar com as obras do Arpinte”²⁵⁴. Faz sentido apontar que o seu sobrinho, Plínio o Jovem, não concordou com a comparação proposta por Marcial. Apenas escreveu uma carta para Cornélio Prisco quando Marcial morreu (43 – 104 d.C.) reproduzindo parte do Epigrama citado anteriormente e com o seguinte dizer: “[Marcial] Deu-me o melhor que tinha, e se pudesse, teria me dado mais, pois, o que mais se pode dar a um homem do que um tributo que lhe traga fama e imortalidade? Talvez possa questionar que estes versos não serão imortais, talvez não, mas ele os escreveu com essa intenção”²⁵⁵.

Se Marcial propôs a honrosa comparação entre Plínio, o Jovem, e Cícero, no prefácio epistolar da NH tem-se uma alusão a Cícero. Lê-se: “[Não escrevo] para os muito doutos/letrados. Não quero Manio Pérsio de leitor, mas quero Junio Congo”²⁵⁶. Esta teria sido a resposta de Cícero aos críticos de sua obra *De res publica* e Plínio a usou prevendo as críticas acerca de sua própria obra. Contudo, com uma grande diferença: Plínio dedicou sua obra para um homem letrado e douto²⁵⁷, o futuro imperador Tito.

252 LEONHARDT, Jürgen. **Cícero: filosofia entre cepticismo e confissão**. In: ERLER, Michael & GRAESER, Andreas. **Filósofos da Antiguidade II: do helenismo até a Antiguidade tardia, uma introdução**. Trad. Nélio Schneider. – São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, p.81.

253 Algumas semelhanças entre Cícero e Plínio, o Jovem, realmente são pontuadas pela historiografia. Destaco: “um e outro tiveram a sorte de nascer no seio de uma família da ordem equestre, que lhe proporcionou os meios necessários a uma formação intelectual e moral de elevado nível. Ambos se prepararam, através de estudos na área do direito e da retórica, para o exercício de funções de relevo como a de advogado, a profissão que abria então o caminho ao exercício de outras funções públicas. Ambos passaram pela experiência militar [obrigatória] e ambos se revelaram pouco atraídos por ela. Prosseguiram, depois, a carreira da vida percorrendo todos os degraus do *cursus honorum* e, por essa via, ingressando na política. Alcançando o topo da carreira política [o consulado], ambos exerceram a funções na qualidade de governadores de uma província na Ásia Menor [Cícero na Cilícia, Plínio na Ponto-Bitínia], ambos foram encarregados por provinciais de fazer a sua defesa em tribunal, ambos ocuparam o honroso cargo de águere”. (STADLER, Thiago David. Op.cit., p.82)

254 Marcial. **Epigramas**, 10.20.14-27.

255 Plínio, o Jovem. **Epist.**, 3.21.

256 Plínio, o Velho. **NH.**, Praef. 8.

257 Provavelmente Tito estava distante do ideal ciceroniano de *doctus orator*, mas mesmo assim Plínio louvou a oratória e o domínio da poesia do futuro imperador.

Logo, ele esperava as críticas de alguém específico e não de um tribunal de críticos anônimos ou de pseudo-letrados. Apesar de a NH visar a um público amplo, não se pode tirar do horizonte que era uma obra monumental – pela extensão e conteúdo – e continha em sua primeira linha a expressão *Plinius Secundus Vespasiano Suo S.* Dessa maneira, a resposta ciceroniana é melhor compreendida no sentido de “até mesmo Cícero foi alvo de críticas”, pois Plínio não poderia esperar, verdadeiramente, por um leitor não douto quando sua dedicatória envolvia o nome de um futuro imperador.

Retomando a figura de Cícero, atento para o fato da vinculação entre seus escritos/experiência de vida com a formação do homem romano enquanto orador, filósofo, cidadão, ou numa expressão, do ideal de humano. Cabe lembrar que Cícero por mais de vinte anos foi um dos homens mais poderosos de Roma, sendo afastado do mundo político contra a sua vontade – a primeira vez após o ano 56 a.C., quando houve a renovação do primeiro triunvirato formado por César, Crasso e Pompeu. O poder aliado à vontade de construir um ideal de homem fez surgir a figura do *doctus orator*:

Cícero [no *De oratore*] reconstituiu a história da cultura humana como ele a imaginava. (...) Portanto, é necessário, a partir de agora, reensinar os filósofos a falar, ou, o que dá na mesma, reensinar os oradores a pensar. Um orador instruído é, ao mesmo tempo, eloquente e filósofo, e uma coisa porque outra. Logo, já que é possível ser filósofo sem ser eloquente, mas não eloquente sem ser filósofo, o ideal humano que se deve perseguir é o do *doctus orator*, o orador instruído (*De oratore*, III, 142,3)²⁵⁸.

Ora, é justo perguntar como Cicero ganhou espaço na obra pliniana quando os assuntos tratados por ambos são tão distintos? Naturalmente a maneira com a qual Plínio usou o pensamento ciceroniano não corresponde a forma habitual. O esperado, aqui penso, seria o uso de Cícero como expoente da formação do cidadão romano em áreas que o tornaria versado (praticamente a política). Todavia, a proposta educacional pliniana, se assim posso chamá-la, visava áreas distintas das de Cícero. É perceptível até mesmo numa leitura rápida da NH que o poder da eloquência não ganha as mesmas cores que o poder dos remédios naturais, por exemplo. A eloquência perde espaço para os pequenos feitos que deveriam ser registrados e propagados como *feitos romanos*. A NH não foi pensada para atender a formação do *doctus orator* ciceroniano,

258 GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p.202.

mas era fundamental na formação do “romano instruído”. Daí a proximidade que a historiografia propôs ao longo dos séculos entre Varrão e Plínio, o Velho, pois o formato educacional varroniano teve maior impacto do que o estilo e os trabalhos sistemáticos ciceronianos. O romano instruído pensado por Plínio não seria o melhor orador, nem *apenas* o dominador de técnicas agrícolas, mas também o homem ciente dos feitos digno de atenção. Feitos estes não relacionados às características do romano puramente expansionista, nem puramente político, mas vinculados aos aspectos ordinários do cotidiano – luta de leões, exibição de hipopótamos e crocodilos, escravo mais caro, barbeiros, etc.

Como as lições de eloquência ciceronianas não possuem espaço nas discussões da NH, percebe-se que nas citações em que o nome de Cícero aparece o conteúdo é bem distante da formação do *doctus orator*. Antes de trabalhar com as citações devo reforçar que Cícero também foi atingido pela dinâmica das autoridades, ou seja, no Livro I sua importância é reduzida em seis citações, embora no todo da NH encontrem-se trinta citações em que seu nome é presente. Assim, Cícero é mais um autor que ganhou relevância no decorrer da obra pliniana deixando mais confusa a relação entre o Livro I e o todo da NH. Contudo, confuso não ficaram os usos que Plínio deu às palavras de Cícero, pois todas foram vinculadas aos assuntos específicos da formação do homem romano aos moldes plinianos. Lê-se: “Também entre nós, Cícero afirma que o olhar de todas as mulheres que possuem pupila dupla é prejudicial em qualquer lugar”²⁵⁹; “[tempos para semear] Xenofonte nos diz para não começar antes do sinal da Divindade – este sinal nosso autor romano Cícero o entendia por uma queda de chuva”²⁶⁰; “Algumas regiões tornam-se mais secas em tempos chuvosos, como a região de Narnia; Cícero inclui isto em suas *Maravilhas* dizendo que a seca traz lama e a chuva, poeira”²⁶¹; “Cícero em seu Livro das *Maravilhas* alega que somente pela água do pântano Reate as patas do gado são endurecidas”²⁶².

259 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.18.

260 Plínio, o Velho. *NH.*, 18.224.

261 Plínio, o Velho. *NH.*, 31.51.

262 Plínio, o Velho. *NH.*, 31.12.

Essas passagens reforçam a ideia de que a NH vincula diversas frentes educacionais: 1º) a divulgação da *curiositas* como formadora do cotidiano do homem romano. Aponto desde o princípio que a aliança entre o “maravilhoso” e o “conhecimento” é uma das maiores marcas da NH. O problema que indiquei foi o olhar míope de muitos estudiosos que só focaram no maravilhoso tornando quase inexistente a possibilidade de olhar para a produção e propagação doutros conhecimentos – entendo que o maravilhoso faz parte da vida dos homens, logo também pode ser encarado como uma forma de conhecimento; 2º) as autoridades usadas por Plínio visam à legitimidade de seus escritos. Claro que esta afirmação é comum em qualquer trabalho, mas a distinção que aqui observo é o uso de autoridades consagradas em outras áreas (caso de Cícero) estarem presentes nos assuntos concernentes a Plínio. Autores romanos citarem e usarem Cícero em temas da oratória, filosofia, política é algo padrão, já o citar em questões de “pupila dupla”, “queda de chuvas” e “lama, seca, chuva, poeira” tende a diferenciá-lo do comum; 3º) a insistência em apresentar certos temas vinculados ao “nosso autor”, “nosso modo”. Na primeira passagem em que Cícero é citado consta esse estilo pliniano: “Também entre nós, Cícero (...)”, ou seja, percebemos a insistência em demarcar a identidade romana em assuntos que os estrangeiros, basicamente os gregos, já haviam se colocado. Daí a importância das discussões anteriores que tocaram na fixação pliniana pelo “primeiro romano”. No caso da NH não penso que os argumentos de Plínio buscassem qualquer origem – a origem “primeira” das coisas -, mas estavam voltados preponderantemente aos primeiros feitos romanos, ou melhor, focados nos primeiros *pequenos* feitos romanos – opondo-se aos primeiros *grandes* feitos narrados nas obras de história tradicionais da Antiguidade. Eis o porquê de minha insistência no seguinte pensamento: a diferença epistemológica entre as obras tradicionalmente vistas como obras de história e a NH não reside na exaltação de feitos romanos, mas na percepção de *quais feitos foram exaltados*.

Retomando as citações em que o nome de Cícero aparece, devo pontuar que a maior parte delas (nos livros 8 e 9) dizem respeito ao período do consulado de Cícero, ou seja, Plínio retoma o nome de Cícero como um marco temporal – *tempo personificado*.

Duas últimas citações mostram como um autor consagrado noutras áreas pode ser pensado numa obra histórica com proposta diferenciada: “[Dizem que] Cícero andava de mula para uma padaria do exército e, muitas autoridades afirmam que, em sua juventude, ele apoiou a sua pobreza por longas caminhadas nas fileiras!”²⁶³; “Finalmente Cícero, graças ao caso Catilina, durante seu consulado colocou o título de *equestre* em uma base firme, ostentando que ele mesmo surgiu a partir dessa ordem, ganhando forte suporte através de métodos inteiramente seus que garantiam a popularidade”²⁶⁴.

Na primeira citação está presente uma das noções da filosofia comum ao período (uma mescla de estoicismo com acadêmicos): os estranhos olhares para a riqueza e futilidades. É perceptível que tanto Cícero quanto Plínio possuíam condições econômicas bem estabelecidas, mas o exagero e as futilidades – como anéis de ouro no lugar dos anéis de cobre, etc. – eram elencados como desnecessários até para os príncipes. Como uma das propostas da NH era desvincular-se da tradição que exaltava as conquistas e luxos orientais nada mais marcante que usar Cícero como exemplo. Se Cícero era apontado como o formador de homens romanos eloquentes e exaltado por suas qualidades de escrita, filosofia e oratória, aqui, na NH, seus traços incluem o andar de mula como amostra de sua disposição pessoal contrária aos excessos. Nada da grandiosidade individual ciceroniana, nada da postura política que o colocou como um dos melhores romanos, mas sim, o abrir mão de alguns luxos – depois Plínio cita algumas aquisições de terrenos por parte de Cícero!

A última citação apresenta outro problema ignorado até então: a insistência de Plínio em apontar nomes e feitos dos equestres em sua NH. Apontarei adiante algumas conjecturas sobre a possibilidade de a NH ser uma “história dos equestres romanos” – certamente um exagero, por isso não irei forçar nesse argumento. Tanto Plínio quanto Cícero pertenciam à ordem equestre romana que no período de Plínio, século I d.C., estava alcançando bons posicionamentos dentro da ordem política romana. Contudo, apesar das conquistas políticas dos equestres os mesmos encontravam-se longe de figurar em uma obra histórica dedicada aos seus feitos. Todavia, alguns dos prin-

263 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.135.

264 Plínio, o Velho. *NH.*, 33.34.

cipais feitos selecionados neste trabalho e narrados por Plínio foram efetuados por equestres ou indivíduos ainda em ascensão no *cursus honorum*. Daí a importância de Cícero colocar em bases firmes o título de equestre.

Ora, sei que as mais diversas vozes que compuseram a escrita pliniana forneceram princípios, imagens mentais, digressões que favoreceram a construção de uma obra de História fora dos padrões do século I d.C.. É importante perceber que autores que legitimavam tantos posicionamentos – políticos, econômicos, religiosos, etc. – foram pensados por Plínio dentro de outra dinâmica. Se o seu empenho resultou numa exposição das mais variadas ideias acerca dos mais variados assuntos, o próprio tema de sua obra justificava tal produto: “a vida, em seu aspecto menos brilhante”²⁶⁵. Talvez o brilhante fosse escrever sobre as grandes conquistas; falar do poder da eloquência ciceroniana; apresentar Celso e o brilhantismo da medicina; problemas filosóficos que poderiam interferir no andamento da vida humana; etc. Plínio escolheu outros temas, outras abordagens e, visivelmente, buscou justificativas para tal empreitada.

Bertrand Russel, filósofo inglês contemporâneo, começou a sua obra de *Fundamentos de Filosofia* com a seguinte frase: “Talvez fosse de se esperar que eu começasse pela definição de filosofia, mas certo ou errado, não me proponho a tal”²⁶⁶. Esta expressão poderia muito bem ser dita por Plínio na abertura de sua História Natural: “Talvez fosse de se esperar que eu começasse pela definição de *História Natural*, mas certo ou errado, não me proponho a tal”. Se a tivesse definido, o meu trabalho seria facilitado ou, para outros, seria um trabalho em vão. Como a definição não foi feita abertamente, busquei discutir as influências e maneiras como Plínio se apoiou na tradição que sustentou a escrita de sua obra. Notadamente, a maneira com que Plínio trabalhou os autores que o precederam, foi diferente de alguns usos comuns às outras obras de história da Antiguidade. Claramente, só posso fazer esta afirmação entendendo a NH como uma integrante do rol das obras do gênero de história da Antiguidade. Justamente por apresentar uma proposta de história diferente da consagrada em seu

265 Plínio, o Velho. *NH.*, Praef. 13.

266 RUSSEL, Bertrand. **Fundamentos da Filosofia**. Trad. Hélio Pólvora. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p.07.

tempo, nada mais esperado do que Plínio pensar suas autoridades de outra maneira. É assim que a *inovação* contribui com a *tradição*.

3.4.DOS PEQUENOS FEITOS

Começo com uma pergunta crua: será que é preciso contentar-se com a ideia de que a real ordem de valores para o *mundo* é a da opressão, da austeridade, da violência e da submissão? Ou, uma segunda pergunta que abordarei nesta parte do livro: há um traço *natural* que liga a escrita da história à violência? Sei que repito o pensamento de outros, mas foi com sangue e lágrimas que muitos dos livros de história foram escritos e, por tal característica, *valorizados* e *preservados*. Daí a percepção de que a escrita da história percorreu um caminho em que a violência, a ira e a carnificina mostraram-se como pilares da construção das identidades individuais e coletivas – desde a Antiguidade até os dias de hoje.

Sendo assim, ciente de que a violência e a ira não são fenômenos contemporâneos, pergunto-me se os escritos da Antiguidade não foram – e continuam sendo – responsáveis por alimentar a chama da destruição naqueles que procuram em tais relatos um lugar de refúgio ou de inspiração. Basta lembrar da formação intelectual das elites europeias do século XIX que tinha como conteúdo primordial a educação voltada para a política (guerras e diplomacias) absolutamente fundamentada em Cícero, César, Tito Lívio etc²⁶⁷. Todos pensadores que foram e são consagrados pelos pensamentos elaborados em torno de temas políticos, bélicos, exposição de grandes homens e grandes acontecimentos, noutras palavras, pensadores que promovem a construção de pilares de legitimação político-cultural através de máximas morais e sistemas políticos soberanos. Legitimação que nos tempos antigos se pautava no domínio e expansão de territórios, nos louvores à tradição heroica, na necessidade de se registrar os eventos para depois cantá-los ou discursá-los com igual eloquência – posturas que foram repensadas, mas não abandonadas pelos contemporâneos. Desse modo, retomo minha inquietação anterior: tem-se um vínculo *natural* entre a escrita da história e a violência? Trago breves reflexões a partir de trechos de algumas obras da Antiguidade, pois é a partir dos antigos e de seus relatos que busco problematizar o meu pensar hoje.

267 MARQUES, Juliana Bastos. **A história *magistra vitae* e o pós-modernismo**. Rev. História da Historiografia. Agosto/2013; n.12: 63-78.

Um destes registros da Antiguidade – a *Iliada* de Homero – que evoca a questão da ferocidade enquanto digna de louvor e, conseqüentemente, de registro, já apresenta na primeira palavra cantada o teor da totalidade da obra: “A ira canta, ó deusa, de Aquiles, filho de Peleu”²⁶⁸. Não se fala do amor, mas da ira – alguns diriam que se trata do *amor à ira!* Para alguns pensadores da contemporaneidade é justamente no sentimento de *ira* que a cultura ocidental fundamentou-se²⁶⁹. Num primeiro momento extrapolando-a como os relatos gregos nos apresentam, mas depois tornando-a domesticada e concentrando-a para eventos específicos – o “bom uso” da *ira*. Não bastasse a elevação da ira como ponto de partida da epopeia guerreira da *Iliada*, tem-se nas palavras de Glauco, no verso 208 do canto VI da mesma epopeia, o ideal grego da educação individualista²⁷⁰, qual seja “para ser sempre o primeiro e de todos os mais distinguir-se”. O nascente espírito da competição levado ao extremo gera a destruição, a guerra, a conquista, a submissão. Nota-se que a construção discursiva é voltada à elevação do espírito guerreiro que necessita ganhar o lugar de destaque em todas as suas ações.

Outro trecho que pode ser problematizado a partir do viés aqui escolhido é a abertura da *História* de Heródoto. Lê-se em suas primeiras linhas sobre a necessidade de resguardar as ações tanto de gregos quanto de bárbaros vinculadas ao *fazer guerra*:

Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas; desejava ainda, sobretudo, expor os motivos que os levaram a fazer guerra uns aos outros²⁷¹.

Quando se lê a abertura da *História* de Heródoto fica clara a íntima relação entre o registro de certos acontecimentos e a necessidade de se evitar o esquecimento. O que é preciso perguntar é justamente o que não se deve esquecer? Tal questão coloca a perspectiva da seleção de eventos que Heródoto se propõe a narrar. Assim como em Homero é a guerra que ocupa o lugar central da narrativa fundamentando a identidade

268 HOMERO. *Iliada*, Canto I.

269 Tem-se ótimas reflexões sobre esta questão no livro: SLOTERDIJK, Peter. **Ira e tempo: ensaio político-psicológico**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

270 NUNES, Carlos Alberto. **Introdução**. In: HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Hedra, 2011, p.15.

271 HERÓDOTO. **História**. Trad. J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/data, p.35.

daqueles que ali são apresentados a partir das maravilhosas explorações de Gregos e bárbaros que sugeriam a morte e o sangue como partícipes ativos da memória coletiva. Do mesmo modo a obra de outro historiador grego, Tucídides, a *História da Guerra do Peloponeso*, já carrega em seu título o teor do que é narrado. Nas primeiras linhas lê-se:

Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas, porque verificava que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos e porque via o restante do povo helênico enfileirando-se de um e outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto²⁷².

Neste trecho outras funções dos escritos de história na Antiguidade ganham destaque: a exaltação dos grandes acontecimentos, assim como a precisão do relato como garantia de veracidade. Se Heródoto deu ênfase na questão do não-esquecimento de eventos dignos de lembrança; Tucídides chama a atenção para a narração detalhada e exata de um acontecimento de grandes proporções (o maior que até então teria acontecido). O que inevitavelmente une os dois historiadores gregos é a vontade de tornar histórico os episódios por eles selecionados e louvar as glórias do coletivo – diferente das glórias individuais homéricas.

Trago um último exemplo que depois será retomado em meus futuros argumentos: o historiador romano do século I d.C., Tito Lívio. Em sua obra *Ab urbe condita*, Tito Lívio relata a história de Roma desde a sua fundação (753 a.C.) até o início do século I d.C.. Uma de suas marcas foi aliar retórica à história – estilo comum aos historiadores latinos – dando outras roupagens à ira e às guerras. Qual a importância desta marca? As sábias palavras de Walter Benjamin conseguem sintetizar a resposta: “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”²⁷³. Discursar com eloquência e conhecimento – a eterna busca da síntese entre sofistas e filósofos – tornaria as conquistas, as guerras, o sangue e as expansões dignas de ser lembradas e registradas para a posteridade. É assim que o historiador latino do século I d.C., Tito Lívio, escreveu:

272 TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*: livro I. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. – 3º Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p.03.

273 BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. - São Paulo: Brasiliense, 2012, p.221.

o que principalmente há de são e fecundo no conhecimento dos fatos é que consideras todos os modelos exemplares, depositados num monumento, em plena luz: daí colhes para ti e para teu estado o que imitar; daí evitas o que é infame em sua concepção e em sua realização²⁷⁴.

Nota-se que a diferença entre os objetivos de Heródoto e Tucídides com os de Tito Lívio não é pequena. Enquanto os primeiros narravam para vencer o esquecimento e contar exatamente o que aconteceu – próximo a uma autópsia histórica ou o primado do olhar – Tito Lívio propõe uma seleção de exemplos e eventos que poderiam ser imitados ou desprezados. Tal característica de Tito Lívio era uma herança da escrita da história propagada já na República romana e assumida como método por grande parte dos historiadores do Principado romano. Desse modo, esta maneira de se escrever história aliava-se ao jogo das virtudes e vícios, ou seja, narravam-se os feitos que possuíam *utilidade* para a vida pública. Cria-se um dilúvio de modelos de homens públicos que deveriam ser imitados por todos, assim como modelos de tiranos que seriam lembrados pelos horrores e vícios. Assim, se para os gregos uma das funções primordiais de se escrever história era a preservação da memória e a luta contra o esquecimento, para os latinos a escrita da história tinha como utilidade tornar sempre presente os feitos capazes de orientá-los.

Chego num ponto importante de minhas reflexões: a partir dos breves trechos expostos é possível sugerir que a guerra, a violência, a ira está *naturalmente* unida ao discurso histórico. Contudo, jogar com a *naturalidade* dos processos históricos e seus relatos é talvez a postura mais a-histórica que se pode assumir. A força discursiva do “foi sempre assim” *naturaliza* os processos históricos tornando-os aceitáveis como, por exemplo, o uso de violência desmedida como combate à própria violência – *foi sempre assim*. Dessa maneira, não se pode esquecer ou abolir a noção de que *tudo o que o ser humano fez pode ser desfeito ou feito de outra maneira*. Para compreender isto retomo brevemente o embate entre *phýsis* e *nómos* debatido desde tempos que até *Mnemosyne* há de esquecer. De um lado tem-se tudo aquilo que corresponde a um processo de realização – um nascer destinado –, ou seja, tudo aquilo que nasce está destinado a ser

274 LIVY. **History of Rome**. Trad. Evan T. Sage. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1936, Proêmio, 10.

o que deve ser e não outra coisa. Assim, a noção de *physis* se dá como aquilo que é por natureza, por si independentemente da decisão ou vontade dos homens. Visivelmente não se pode compreender os processos históricos e seus relatos como partícipes desta definição.

Do outro lado, tem-se a noção de *nómos* vinculada em absoluto com a vontade humana. Tal conceito deriva do verbo *némo* que em voz ativa significa “atribuir, repartir segundo o uso”²⁷⁵, ou seja, o termo gera a noção de convenção, norma. Desse modo, tudo aquilo que não é por natureza (*physis*) é artificial, convencional, instituído (*nómos*). Se assim é, tudo o que o ser humano faz pode ser feito de outra maneira ou desfeito quando se julgar necessário ou pertinente. *Inclusive a escrita da história.*

Com isso afirmo que a ênfase absoluta na violência, na ira e na carnificina tão presentes nos relatos da Antiguidade quanto nos discursos políticos dos dias de hoje não são *naturais*, mas são escolhas e convenções que carregam objetivos muito bem definidos como, por exemplo, a elevação da superioridade de alguns poucos frente aos tantos outros que se apequenam. Ou seja, são escolhas, seleções e convenções que tornam o modelo da escrita da história intimamente ligado à violência. A pergunta que todos deveriam fazer a partir dessas reflexões é simples: é possível pensar a escrita da história sem o elemento determinante da violência? Talvez outra possa ser a pergunta – ao menos inquieta-me cotidianamente: o humano realmente tem interesse em viver num mundo sem a violência e, conseqüentemente, *valorizar* escritos de história que não tratem do sangue podre das carnificinas, como duramente se expressou Augusto dos Anjos, o poeta maldito?

É neste espírito que trago a obra História Natural de Plínio, o Velho para participar das reflexões sobre a questão da *seleção de assuntos* que fundamentariam uma escrita da história na Antiguidade a partir de outro viés. E se o modelo de uma obra de história fosse pautado nos feitos de barbeiros, cozinheiros e lutadores? E se as grandes personalidades políticas não fossem lembradas pelos rios de sangue que banhavam todas as suas conquistas, mas sim, pela previsão de um eclipse, pela exibição de crocodi-

275 BARBIERI, Javier H. *Physis frente a Nómos: el eterno retorno*. Dikaion. 2011; ano 25 – vol.20. num.1: pg.71-82.

los e hipopótamos ou pela construção de um relógio? Para tanto será preciso redefinir algumas propostas da escrita da história na Antiguidade a partir da obra pliniana.

* * *

Busquei apresentar ao longo de todo o livro que a obra *História Natural* de Plínio, o Velho, carrega o peso da tradição que a considerou um mero amontado de curiosidades que servia para ornar as prateleiras de colecionadores de saberes²⁷⁶. Contudo, se a *História Natural* ainda é vista de tal maneira – como uma enciclopédia ultrapassada – é graças à sua história da recepção e não pela escrita e conteúdo da própria obra. Justamente a partir desta obra que vislumbro uma possibilidade de compreender a escrita da história na Antiguidade não vinculada exclusivamente às ideias de sangue, guerras e carnificinas, mas a de uma história que permite falar sobre a paz, sobre os pequenos feitos do cotidiano e de homens que possuem suas virtudes na construção de um aviário, por exemplo, e não nos campos de batalhas. Notadamente a postura de erudito romano mesclada com a postura de homem prático – comandante de frota naval, pertencente aos equestres – fez de Plínio, o Velho, um divulgador de ideias que exaltavam a Roma e a seus domínios. Não um mero propagador, mas alguém que possuía um bom olhar no tocante às evoluções/transformações políticas do passado romano: “A propósito da República Romana, Plínio assume a posição de um historiador que observa o evoluir de uma forma específica de constituição ao longo de vários séculos”²⁷⁷. Justamente esta postura de erudito consciente de suas funções práticas no mundo público proporcionou a Plínio construir um projeto político-pedagógico que envolvia a divulgação da grandeza e da autoridade romana frente aos outros povos:

²⁷⁶ Uma última lembrança biográfica para o caro leitor e leitora que chegou até aqui: Plínio, o Velho (23 – 79 d.C.) nasceu na cidade de Como no norte da Península Itálica. Escreveu, além da *História Natural*, as obras *Sobre o lançamento de dardos a cavalo*, *Sobre a vida de Pompônio Segundo*, *Sobre os eruditos*, *Problemas da língua*, *Das guerras com os germanos* e *Continuação da História de Aufídio Basso*. Pertenceu a camada dos equestres e desempenhou funções militares na *Germania Inferior* e *Germania Superior*, além do cargo de *procurator* na *Gália Narbonense*, na *Hispania Terraconense* e na *Gália Belga*. Se retirou do mundo público no período de Nero dedicando-se à produção de suas obras. Foi no período do imperador Vespasiano (69 – 79 d.C.) que Plínio retoma suas funções públicas no cargo de comandante de frota de Miseno. Foi no exercício de sua função que Plínio morreu na explosão do Vesúvio. (DOODY, Aude. Op.cit., p.02).

²⁷⁷ OLIVEIRA, Francisco de. Op.cit., p.105.

Plínio afirmou a centralidade da cidade de Roma e da Itália em relação ao Império, no melhor lugar segundo seus critérios, o meio entre o Oeste e o Oriente, na Europa, de onde estrategicamente podia se lançar para o domínio do mundo, o mundo de impérios dispersos, discordantes e rústicos, que Roma ajudaria proporcionando a paz, a civilização, a língua culta e a pátria única²⁷⁸.

Todavia, se de um lado temos afirmações plinianas como as encontradas no Livro 3 que exaltam a sua localidade geográfica e cultura latina – “[sobre a Italia] escolhida pela providência dos deuses para fazer o céu, ele mesmo mais glorioso, para unir impérios dispersos, para criar costumes polidos, para possibilitar o entendimento através da comunhão da linguagem”²⁷⁹ – também é possível, por outro lado, propor uma leitura da História Natural que traz aspectos que constroem a identidade romana a partir de características desvinculadas das grandes conquistas, das guerras e do sangue. Não se trata de retirar o caráter dominante dos escritos latinos do período do Principado romano, qual seja, o do louvor das conquistas e da centralidade de Roma, mas de deslocar o foco dos louvores dado por Plínio.

Serei direto em relação à proposta que aqui sustento²⁸⁰: o domínio geográfico e político-cultural romano possuía características que necessitava do apelo às armas. Dessa maneira, quando os pensadores romanos registravam o seu próprio tempo ou o passado glorioso de seus ancestrais o faziam recheado de histórias *contadas pelas armas* e pelos belos triunfos. Daí a necessidade de narrar a vida dos grandes homens, os grandes feitos, as grandes conquistas, as grandes guerras para que todos possuíssem um plantel de belos exemplos a seguir e de um plantel de exemplos ruins a evitar. O papel legitimador da história repousava justamente nestes exemplos e guias que conduziam os homens aos tempos e espaços dominados pela postura – quase a *essência* – romana da *humanitas*. Urbanidade, civilidade, educação, instrução! Contudo, quando se imagina que todo domínio político-cultural carece doutras legitimações que não apenas a armamentista entende-se que construções discursivas que usassem ou apresentassem outras “lutas”, que não as de carne e sangue, poderiam contribuir para

278 LOPES TEIXEIRA, Ivana. Op.cit., p.136.

279 Plínio, o Velho. NH., 3.39.

280 Para maiores discussões sobre a proposta aqui apresentada vide: STADLER, Thiago David. **Por uma noção de história em Plínio, o Velho (séc. I d.C.)**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

a propagação da *humanitas* romana e, por conseguinte, do fortalecimento do poder dominante. Talvez num brado Plínio avisaria: urbanidade, civilidade, educação, arte, instrução!

Ao escrever a História Natural sem a marca característica das armas Plínio deu às ideias, às imagens, às fantasias e às realizações comuns do cidadão a cor necessária para se pintar um novo quadro da história romana. Tem-se na História Natural uma excelente amostra de como transformar *sangue e carnificina* numa história legitimadora dos feitos comuns romanos, ou como alguns espíritos irão proclamar, feitos ligados a uma história do cotidiano romano. Assumindo o grau de plausibilidade de tal proposta percebo que Plínio apresentou um verdadeiro trabalho de investigação histórica com características que colocam seus escritos no rol das obras do gênero histórico e, além disso, inseriu elementos que podem levar a repensar certos pontos sobre o conceito de história na Antiguidade. Daí o motivo das reflexões que apresentei anteriormente, pois repensar o conceito de história na Antiguidade é repensar toda uma tradição que convencionou o que seria digno de ser lembrado e historicizado e todos os outros eventos que seriam ignorados ou considerados como deturpações de um ideal de escrita da história.

Redefinir uma proposta. É com esta ambição que sigo minhas reflexões. Talvez a mesma pretensão foi a que guiou Plínio no caminho de sua vida literária, qual seja, olhar para um mundo construído pelos seus antecessores e, ao mesmo tempo em que os considerou, os traiu. Traição esta que não se remete aos modelos da tragédia grega, mas se define como um não cumprimento de certos compromissos/princípios dos antigos. Escrever o que já foi escrito e aceitar modelos explicativos e epistemológicos tradicionais apenas para defender o *status quo* dos mesmos, eis os objetos da traição aqui propostos por mim. Revisitar uma cultura, no caso a grega; reelaborar um passado, vitorioso, mas não luxuoso; reinventar uma tradição, dando novidade ao antigo e autoridade ao novo; rememorar pequenos feitos, mas pequenos feitos *romanos*; registrar nomes de cidadãos que não seriam lembrados por grandes conquistas, descobertas, mas que integrava o *todo social romano*; eis um possível plantel de traições levadas a

cabo por Plínio e, por consequência, de redefinições da identidade romana e da escrita da história na Antiguidade.

Sustento minha proposta a partir da percepção de que a História Natural traz *uma* construção da identidade romana dentre tantas outras possíveis e que, consequentemente, a *escolha* de Plínio desloca, mas não invalida, o foco da escrita de uma obra do gênero de história. Tal construção se afasta das discussões clássicas que propõem as características unificadoras da sociedade romana envoltas majoritariamente – algumas exclusivamente – nos debates jurídicos acerca do estatuto da cidadania (rastros do gigante Theodor Mommsen). A proposta aqui é outra: ao pensar sobre a noção de identidade romana através da História Natural parto do pressuposto de que Plínio buscou tornar a Natureza, histórica²⁸¹. Este pensamento estrutura-se na percepção pliniana de Natureza, qual seja: “o mundo da natureza, ou noutras palavras, a vida; em seu aspecto menos brilhante”²⁸². Assim, Plínio insere a Natureza num campo cultural – vida em seu aspecto sórdido, menos brilhante – escapando do exclusivismo formado pelas palavras fauna e flora – a Natureza como o lugar da humanidade²⁸³. Não se deve estranhar, portanto, da proposta de tornar a Natureza em um tema histórico, pois se o *fazer história* é um ofício unicamente humano, chega-se à conclusão de que é o próprio homem quem faz a Natureza, histórica. Logo, para tornar a Natureza histórica, dentro de concepções culturais, é preciso destacar o papel do homem “na” Natureza. Justamente este homem que noutras produções do gênero de história ocupava o lugar central, aqui, na História Natural, aparece desfocado – melhor seria, *relocado*. O que quero dizer com *relocar* a figura do homem romano na Natureza?

Admitindo que em ações militares, expansionistas e religiosas o homem romano já havia conquistado destaque nas narrativas históricas como as de Tito Lívio, por exemplo, Plínio vinculou o homem romano à eventos menos brilhantes, tais como

281 Ana Thereza Basilio assim expôs a questão da Natureza: “ela [natureza] designa não só todos os seres vivos, como também uma força ativa, que ordena e estrutura os elementos no Universo em todos os seus aspectos. Assim, pois, cosmologia, astronomia, magia, todas são ciências que estudam a natureza”. (BASILIO, Ana Thereza. **O conceito de natureza em Plínio, o Velho**. ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, vol.IV, n°8, 2010, p.60).

282 Plínio, o Velho. NH., Praef.14.

283 GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth. **Preface**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) **Pliny the Elder: themes and contexts**. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.VII.

as construções de aviários, os ensinamento de animais, a culinária, a barbearia, etc. Ao atentar-se para a existência destes espaços menos dignos de louvores nas obras históricas deve-se compreender a escrita da História Natural a partir de outra perspectiva: “(na NH) se encuentra outra visión de la historia, que ya no será la de las guerras, sino la de la civilización, y consistirá en contar todo lo que permite la paz”²⁸⁴. Pensar a escrita da história a partir de tudo aquilo que a paz permite contar... quão diferente é repensar as perspectivas dos estudos históricos a partir deste viés²⁸⁵.

Tal postura adotada por Plínio convida o seu leitor a compreendê-lo como alguém que mantinha distância dos lotófagos da Odisseia homérica, pois o fruto comido por Plínio não o faz viver num mundo em que se esquece e se é esquecido, mas num universo da memória, da lembrança e do relato – universo este que chamamos de História. Uma história tipicamente romana tanto em termos naturais, pois o mundo físico apresentado por Plínio estava sob controle dos romanos ou em relação com os fatos vivenciados pelos romanos, quanto em termos culturais. Por exemplo: quando um meteoro teria rasgado o céu ao meio-dia, à vista de todo o público quando Germânico Júlio César proporcionava um espetáculo de gladiadores²⁸⁶; quando estrelas teriam aparecido juntamente com o Sol formando uma coroa parecida com espigas de milho e mudando de cores, no momento em que Augusto entrou em Roma após a morte de seu pai para assumir o poderoso sobrenome²⁸⁷; quando um eclipse de Sol e Lua teria acontecido num intervalo de apenas 15 dias no tempo do terceiro consulado de Vespasiano e no segundo consulado de Tito²⁸⁸.

Da mesma maneira, em termos culturais, Plínio propôs uma *humanitas* romana

284 P.JAL apud Guy Serbat. In: SERBAT, GUY. **Plínio el Viejo**. Madrid: Editorial Gredos, 2011, p.49.

285 Reafirmo que a História Natural mantém em diversas de suas passagens a marca do domínio romano e da superioridade dos romanos frente a outros povos como, por exemplo: “o único povo com destaque nas virtudes dentre todos os outros povos do mundo é o romano” (NH., 7.130). Contudo, destaque para as possibilidades de leitura e, posteriormente, de modelos de escrita da história pautados em aspectos de sangue e não de paz – viés preponderante na História Natural. Talvez a dificuldade esteja no peso da tradição que ignorou por completo a hipótese de ler a História Natural e não apenas consultá-la.

286 Plínio, o Velho. NH., 2.96.

287 Plínio, o Velho. NH., 2.98.

288 Plínio, o Velho. NH., 2.57.

construída a partir dos feitos realizados *dentro* de Roma. Feitos sem a característica marca vermelha do sangue, ou seja, Plínio apresentou uma ideia de identidade romana construída a partir do cotidiano e longe do espírito de carnificina do humano. É justa a pergunta: como é feita esta disseminação da civilização romana vinculada a uma nova identidade do *ser romano* na obra História Natural? Como se apresenta esta escrita da história romana a partir de feitos não vinculados à violência?

A resposta que proponho é provisória e parte de três pontos que convergem em certos aspectos: I. Noção de “primeiro romano” e de “primeira vez em Roma”; II. Grandes indivíduos vinculados a pequenos feitos ou a acontecimentos não bélicos; III. Cidadãos comuns registrados ao lado de algum feito digno de nota e lembrança²⁸⁹. Desenvolvo cada um isoladamente.

I. **Noção de “primeiro romano” e de “primeira vez em Roma”:** No Livro I da História Natural – espécie de tábula de assuntos; sumário – Plínio apresentou vários tópicos que ele trataria no decorrer dos outros trinta e seis volumes da obra. Diversos desses tópicos fazem menção ao “primeiro romano” e à “primeira vez em Roma” com o propósito de expor os nomes dos precursores e os feitos realizados pelos romanos. Se a fixação pliniana sobre o “primeiro” não é inovadora em termos epistemológicos, pois remonta às discussões acerca das origens, talvez a importância desta proposta repouse no tipo de abordagem que Plínio deu acerca de tais *origens/primeiros*. Não se trata simplesmente da busca incessante pelo início de todas as coisas, mas do início de *certos feitos* em Roma. Trago alguns exemplos: o primeiro romano a descrever um eclipse teria sido Sulpício Galo em 168 a.C.²⁹⁰; a primeira vez que um elefante foi posto em jugo em Roma foi no triunfo africano de Pompeu, o Grande²⁹¹; a primeira luta de leões realizada em Roma foi oferecida por Quinto Cévola²⁹²; a primeira vez que pérolas teriam sido utilizadas em Roma foi com Élio Estilo no período da Guerra de Jugurta

289 Cidadão comum: indivíduos que ocupavam cargos menos significativos no *cursus honorum*, ou indivíduos fora do mundo político.

290 Plínio, o Velho. *NH.*, 2.53.

291 Plínio, o Velho. *NH.*, 8.4.

292 Plínio, o Velho. *NH.*, 8.53.

(112 - 106 a.C.)²⁹³; Aufídio Lurco teria sido o primeiro romano a começar a engordar pavões²⁹⁴; Metelo Cipião teria inventado uma das comidas mais apreciadas pelos romanos, o fígado de ganso²⁹⁵; etc.

Que lutas de leões já teriam acontecido em diversos locais antes de Roma, Plínio sabia. Contudo, indicar que foi Quinto Cévola, Edil em 95 a.C., que trouxe pela primeira vez para Roma uma luta de leões é diferente. Primeiramente não se trata de um registro de grandes feitos como os vinculados aos movimentos expansionistas, mas de um acontecimento absolutamente local. Segundo, que o indivíduo responsável por tal feito ocupava o cargo de Edil e não cargos administrativos de grande importância. Quito Cévola era um desconhecido? Definitivamente não. Contudo, seu *cursus honorum* não seria responsável por levá-lo aos lábios triunfantes da História. Nas páginas da História Natural ele encontrou seu lugar definitivo, pois seu feito não se vinculava com sangue, carnificina e crimes. Da mesma maneira, o cônsul Metelo Cipião que começou seu *cursus honorum* como Tribuno da Plebe (59 a.C.) e alcançou o cargo de Cônsul em 52 a.C e que aparece citado em obras de Varrão, Plutarco, Tito Lívio e Josefo, na História Natural não é apresentado pelos seus dotes políticos, mas como um cozinheiro. Função compartilhada por Aufídio Lurco que ocupou o cargo de Tribuno da Plebe em 61 a.C. criando, inclusive, a *Lex Aufidia*, mas que na História Natural é apontado como um homem que enriqueceu ao engordar pavões e vendê-los.

Nota-se que neste primeiro ponto o importante era registrar aquilo que os romanos fizeram pela primeira vez em Roma – não interessando se tal feito já havia sido realizado por outros povos em tempos distintos. Por exemplo: Plínio apresentou Tales de Mileto como o primeiro homem a descrever um eclipse em 585 a.C., mas não ocultou o primeiro *romano* a fazer o mesmo – Sulpício Galo. Nomes e feitos que, se não fossem as palavras de Plínio, a força do tempo poderia apagar facilmente. Afinal de contas, quem se lembraria de que foi Carvílio Polião, pertencente à camada dos

293 Plínio, o Velho. *NH.*, 9.123.

294 Plínio, o Velho. *NH.*, 10.45.

295 Plínio, o Velho. *NH.*, 10.52.

equestres, o primeiro romano a seccionar a carapaça de uma tartaruga²⁹⁶?

É notável que os feitos registrados por Plínio ganhavam importância na medida em que eram reconhecidos como partícipes da cultura comum dos que recebiam sua obra. Apesar de Plínio informar que sua obra não necessitava de doutos como leitores não se pode amenizar o fato da História Natural levar o nome do futuro imperador romano na primeira página da obra. Todavia, sua obra também contemplava aquele homem tipicamente romano que não chegaria a ocupar o posto de maior prestígio no Império ou que talvez não se vinculava prontamente ao poder armamentista, mas que nem por isso deixaria de contribuir na construção de uma identidade romana.

II. Grandes indivíduos vinculados a pequenos feitos ou a acontecimentos não bélicos: neste ponto a História Natural apresenta diversos acontecimentos que retiram o poderio das armas do centro das ações de grandes homens. Entendendo a escrita da História Natural a partir dos pequenos feitos são diversos os exemplos em que cônsules, imperadores e homens de destaque ganham realce por ações não cabíveis em obras tradicionalmente consideradas como pertencentes ao gênero de história. Por exemplo: Lúcio Papírio Cursor no século IV a.C. foi cônsul por cinco vezes e ditador por outras duas vezes, porém na História Natural ele merece destaque por construir um relógio no Templo de Quirinus em honra a seu pai²⁹⁷. Com isso não quero afirmar que um relógio não tivesse significado para o momento relatado, mas com certeza ficaria esquecido noutras obras que privilegiassem somente a carreira política e militar de Lúcio Cursor; o assassinato de César e todas as suas implicações políticas que foram conhecidos a partir dos escritos de Suetônio – posterior a História Natural – aparece na obra pliniana com as cores de um eclipse solar prolongado que teria acontecido após o seu assassinato²⁹⁸; Marco Antônio ganha destaque em determinada passagem da obra pliniana por ter inserido no mundo romano os leões atrelados à carruagem²⁹⁹; o mesmo Marco Antônio reaparece na História Natural ao lado da personagem que

296 Plínio, o Velho. *NH.*, 9.39.

297 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.213.

298 Plínio, o Velho. *NH.*, 2.99.

299 Plínio, o Velho. *NH.*, 8.55.

o torna tão lembrado, Cleópatra. Contudo, nada desta relação é narrada por Plínio, mas o que é narrado é o fato de Cleópatra ter duas enormes pérolas e ter oferecido um suntuoso banquete a Marco Antônio – gasto mais de 10.000.000 de sestércios³⁰⁰. Tantos outros exemplos podem ser citados ao vincularem grandes homens com fenômenos da natureza – e não ações bélicas, discursos políticos, etc.

O que se percebe com os exemplos anteriores é a perspectiva de se construir uma narrativa histórica a partir de feitos do cotidiano sem, contudo, abandonar os grandes nomes da cultura latina. É possível rememorar a Júlio César Germânico sem os aspectos bélicos da pacificação da Germania, pois um meteoro marcou a sua história. Da mesma forma, o consulado de Lúcio Opímio e Quinto Fábio em 121 a.C. também poderia ser lembrado a partir do arco que apareceu em torno do Sol³⁰¹. Sérgio Orata que também aparece nos escritos de Cícero (*De Oratore* 1.178) e de Macróbio (*Saturnalia* 3.15-2,3) como um homem de grande riqueza e envolvido em algum tipo de processo judicial ganha espaço na História Natural devido aos seus criadouros de ostras³⁰². Para compreender a escrita da história a partir deste vínculo entre os grandes homens e os pequenos feitos ou os acontecimentos não bélicos recorri aos estudos que desenvolvi acerca das virtudes no Mundo Antigo³⁰³. Em tais estudos salientei que as virtudes que adornavam imperadores eram quase impossíveis de constarem no plantel de virtudes do homem comum romano. Signos de máxima distinção eram importantes para a formação de uma imagem ideal de governante, mas quando esta imagem o distingue em demasia dos cidadãos comuns, torna-se ineficaz – deve existir algum vínculo entre a imagem ideal e o mundo real. No caso da História Natural proponho a mesma dinâmica: feitos grandiosos são ótimos para a propagação de ideais, exaltação de passados gloriosos, construções de imagens intocáveis e para o enfrentamento com o inimigo. Contudo, para a elaboração de um sentimento de *pertencimento a humanitas romana*, ou seja, a noção de participação em algo maior do que si mesmo, mas não ir-

300 Plínio, o Velho. NH., 9.122.

301 Plínio, o Velho. NH., 2.98.

302 Plínio, o Velho. NH., 9.168.

303 STADLER, Thiago David. **O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.)**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

real, os feitos do cotidiano teriam enorme valor. Nada mais profícuo para validar uma história romana do que vincular *feitos do cotidiano romano* a *grandes homens* – acostumados a figurar somente ao lado de feitos inalcançáveis para grande parte dos cidadãos romanos.

III. Cidadãos comuns registrados ao lado de algum feito digno de nota e lembrança: este ponto diz respeito aos homens que não ocupavam lugares centrais na política romana, mas aparecem vinculados aos pequenos feitos assim como os homens de maior destaque. Por exemplo: Públio Titínio Mena que Plínio nem sequer apresenta alguma descrição sobre suas funções públicas, aparece na História Natural como o responsável por levar os barbeiros para Roma no ano 300 a.C³⁰⁴ – informação colhida de Varrão. Nota-se que se trata de um cidadão comum que ocupa algumas linhas da obra pliniana pelo simples fato de trazer barbeiros para Roma. Plínio relata que Augusto não dispensava uma navalha em seu cotidiano e tão logo percebe-se a importância de um barbeiro para os homens de vida pública – a confiança nestes trabalhadores era imensa, pois a navalha deslizava no pescoço dos homens destacados. Outro exemplo é o do lutador Eutimo nascido em Locri na Itália e vencedor de incontáveis lutas foi considerado um deus ainda em vida. Mesmo sendo um homem comum teve duas estátuas levantadas em sua homenagem, mas ambas foram destruídas por um raio que as atingiu no mesmo dia³⁰⁵ – informação colhida de Calímaco. Um lutador com honrarias que nem mesmo imperadores alcançavam. Plínio também faz questão de incluir em seu plantel de exemplos figuras como as de Gabínio um prisioneiro de Pompeu que teve a garganta cortada e mesmo assim viveu³⁰⁶; de Léntulo Espínter um Edil romano que teria sido o precursor do uso da cor púrpura em manto bordado³⁰⁷; de *Marcus Laenius Strabo* um equestre que construiu um aviário em Roma para aprisionar os animais que a Natureza lhes havia atribuído o céu aberto³⁰⁸; Caio Macio outro equestre que

304 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.211.

305 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.152.

306 Plínio, o Velho. *NH.*, 7.178.

307 Plínio, o Velho. *NH.*, 9137.

308 Plínio, o Velho. *NH.*, 10.141.

instituiu a poda de árvores ajudando no crescimento de árvores em Roma³⁰⁹; etc.

Não era preciso ser um imperador ou um cônsul para aparecer numa obra de história – apesar de também aparecerem –, pois a exibição de hipopótamos, a condição de prisioneiro e sua imortalidade, a poda de árvores e a maestria de um lutador seriam suficientes para exaltar as qualidades *internas* dos cidadãos romanos, ou seja, a escrita da história ressaltava a construção de uma identidade romana pautada em características menores que outrora poderiam ser menosprezadas por outros pensadores. Daí a importância da História Natural registrar tanto esses feitos menores e, portanto, realizáveis, quanto os nomes de cidadãos passíveis de reconhecimento por um número maior de indivíduos.

Vista de perto, a História Natural proporciona através de lutadores, cozinheiros, barbeiros, escravos e mesmo mulheres da *humilis in plebe* certas lições que, se bem entendidas, merecem destaque para a construção de uma identidade romana civilizada. Exemplos que tornam a afirmação que fiz no início deste capítulo – “a escrita da história estaria naturalmente vinculada com a violência” – passível de revisão desde os tempos da Antiguidade. Basta que o leitor vislumbre em exemplos menores as possibilidades de construir modelos de conduta virtuosos – entendendo que uma das funções da história na Antiguidade era a de fornecer exemplos. Todavia, a inquietação que perturba minhas reflexões é: por que a tradição ocidental prefere lembrar, imitar e encorajar os feitos de um Rei Leônidas e seus trezentos homens³¹⁰ e diminuir (até mesmo excluir) a importância de um relato histórico como o que Plínio apresentou sobre o maior exemplo de piedade? Temos este relato no Livro 7 da História Natural:

É verdade que sobre o afeto de filhos se tem incontáveis casos ao redor do mundo, mas em Roma, um caso é incomparável. Uma mulher plebeia de baixa posição social e, portanto, desconhecida, que acabara de dar à luz uma criança, tinha permissão para visitar sua mãe que estava presa por ocasião de alguma punição, mas em todas as visitas era revistada pelo guardião que a proibia de levar qualquer comida para dentro da cela. [Certa vez] ela foi pega dando sustento à sua mãe através de seus próprios seios. Em consequência desta maravilhosa demonstração de piedade a filha foi recompensada com a liberação de sua mãe e ambas foram agraciadas com proventos para o resto de suas vidas; bem como o local onde isto aconteceu foi consagrado à deusa em

309 Plínio, o Velho. **NH.**, 12.13.

310 “Os espartanos enviaram na frente Leônidas, com seus trezentos homens, a fim de encorajar com essa conduta o resto dos aliados e com receio de que eles abraçassem a cauda dos Persas, vendo a lentidão dos primeiros em socorrer a Grécia” [Heródoto. **História**, VII. 206].

questão e um templo dedicado a Piedade foi construído no local da prisão³¹¹.

Vários exemplos de afeto poderiam ser citados, mas nenhum comparável ao que aconteceu em Roma. Contudo, diferente do que muitos poderiam pensar, este exemplo não vem das camadas superiores nem mesmo de imperadores. Plínio destaca uma mulher comum, ou seja, desvalorizada no cotidiano, sem acesso a nenhum cargo político e longe de quaisquer círculos literários, pois sua condição de *humilis in plebe* retirava qualquer possibilidade de vínculo com o poder estabelecido. Este exemplo proporciona um pensar sobre a íntima relação entre a concepção diferente de história – e de sua escrita – e a de identidade romana na História Natural. A noção de história aparece quando Plínio rememora um indivíduo sem nenhuma expressividade social, mas com amplo destaque pela ação feita. Não se trata de qualquer ação, mas de uma marca puramente natural (leite) vinculada a uma característica humana e divina – a piedade. Em verdade, o pequeno feito da amamentação realizado por uma pequena mulher proporciona uma enorme lição moral para todos os cidadãos romanos. Essa concepção de história construída através de *orgulhos internos* poderia, juntamente com as grandes conquistas e discursos políticos, participar da formação de uma identidade romana mais completa. Uma escrita de história pautada menos na exatidão das informações e mais animada pelo ideal que expressava³¹² – um ideal de grandeza tipicamente romano, mas expresso em ações de homens não ilustres ou ilustres com pequenos feitos.

Essa fusão de ideais contribuía para a imagem de Roma como centro de um mundo conquistado em que tanto se absorviam as coisas ao redor como, em muitas instâncias, as substituía por outras melhores³¹³. Mais do que um simples inventário objetivo da natureza a História Natural é a expressão de uma sociedade acostumada com os grandes triunfos externos, mas que, assim como *Petreio Atinati*, o único centurião

311 Plínio, o Velho. NH., 7.121.

312 ANDRÉ, J.M & HUS, A. **La historia en Roma**. Madrid: Siglo XXI, 2005, p.11.

313 “A unidade da História Natural portanto, representa a unidade do Império romano: Roma é o centro do mundo e tudo é conhecido a partir dela. Assim, a geografia, por exemplo, começa pelas cidades da Europa, perpassa as províncias africanas e o fim do livro volta a Roma, onde tudo começara”. (BASÍLIO, 2010: 69)

a ganhar uma coroa de ervas³¹⁴, faltava a Roma uma coroa para homenagear os seus *pequenos feitos internos*. Não as valiosas experiências políticas, mas as manifestações naturais e culturais que seriam significativas para a coletividade rememorar e comemorar.

Plínio, então, não enfatizou as grandes conquistas militares e expansões romanas que foram exaltadas por Políbio, Cícero, Salústio, Tito Lívio, Tácito e Plutarco³¹⁵, mas destacou os recursos e maravilhas naturais que estavam sob o domínio do Império, assim como contribuiu para o entendimento de novas perspectivas de se pensar a história e a formação identitária romana sem a marca vermelha do sangue.

Com o intuito de suscitar futuros debates em torno da questão da identidade de um historiador na Antiguidade latina, a partir da leitura da História Natural de Plínio, o Velho, explicito o conjunto de características que julgo imprescindível. Tenho a ciência de que tais marcas aqui apresentadas não se limitam ao autor por mim trabalhado, mas acertadamente o incluí no rol de autores que podem e devem ser entendidos como precursores da investigação histórica. Assim, caso a leitora e o leitor chegarem até aqui, de ânimo elevado, ao percorrer este caminho comigo, deixo um singelo quadro para ser questionado, invalidado, comparado ou admitido:

PERFIL DE UM HISTORIADOR A PARTIR DA HISTÓRIA NATURAL DE PLÍNIO, O VELHO

Dominar assuntos vinculados tanto à gramática quanto aos assuntos do mundo natural

Enobrecer sua conduta a partir da aliança de leituras/reflexões com a prática de atividades políticas

Preocupar-se com a construção de um legado permanente que alcance os mais longínquos espaços

Desvincular a escrita das marcas de sangue e carnificina oriundas das guerras

Ponderar as opiniões contrárias sobre um mesmo tema

314 Plínio, o Velho. *NH.*, 22.11.

315 A valorização de *certos antigos* por parte da tradição ocidental consagrou os autores com pensamentos elaborados em torno de temas políticos, bélicos, grandes homens e grandes acontecimentos – temas que importaram, principalmente, para os debates em torno de questões nacionais europeias do século XIX. Foram pensadores como Políbio, Cícero, Salústio, Tito Lívio, Tácito e Plutarco que constituíram os pilares da legitimação política-cultural através de máximas morais e sistemas políticos. Daí uma das dificuldades em compreender as contribuições no campo da história e das máximas morais da obra História Natural de Plínio, o Velho. (STADLER, Thiago David. **Do passado ao ultrapassado: transformações nas leituras da História Natural de Plínio, o Velho**. In: STADLER, Thiago David. **Escritos de Filosofia e Política**. Curitiba: Editora CRV, 2014, p.164).

Dominar assuntos de grande relevância
Tornar os assuntos da natureza em assuntos da história – historiar a natureza
Precisão dos relatos
Visar à utilidade, coesão e sentido ao escrever seus textos
Distanciar-se das futilidades, frivolidades e da riqueza exacerbada
Almejar apenas a glória voltada ao nome de Roma e dos romanos
Cunhar identidades coletivas a partir da leitura da tradição com a forte presença da inovação
Questionar, legitimar, comparar e descartar as informações advindas da tradição

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **De vulgari eloquentia**. Trad. Marianne Shapiro. - Nebraska: University Nebraska Press, 1990.

ALMEIDA PRADO, Anna Lia Amaral de. **Introdução**. In: TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso** – livro I. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. – 3º Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ÁLVAREZ PELÁEZ, Raquel. **La Historia Natural em tiempos del emperador Carlos V. La importancia de la conquista del Nuevo Mundo**. Revista de Indias, 2000, vol.LX, núm.218, pp.13-31.

ANDRÉ, J.M & HUS, A. **La historia en Roma**. Madrid: Siglo XXI, 2005.

BARBIERI, Javier H. **Physis frente a Nómos: el eterno retorno**. Dikaion. 2011; ano 25 – vol.20. num.1: pg.71-82.

BASILIO VIEIRA, Ana Thereza. **A exposição dos animais na obra de Plínio, o Velho: exotismo e monstrosidade na *Naturalis Historia***. Revista Clássica, 2017, v.30, n.2, pp.91-109.

_____. **O conceito de natureza em Plínio, o Velho**. Anais de Filosofia Clássica, 2012, vol.IV, nº8, pp.60-70.

_____. **Reflexões sobre a recepção da medicina na obra de Plínio, o Velho**. RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, 2009, v.7, n.1, pp.41-50.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Márcio Seligmann-Silva. - São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **As musas ensinam a mentir (Hesíodo, Teogonia, 27-28)**. Ágora – Estudos Clássicos em Debate. 2000; 2: 7-20.

CÍCERO. **Primeira Filípica**. Trad. Prévilde Bernardo. Cadernos de Ética e Filosofia Política, n.30, s/data, p.198-227.

COLLARES, Marco Antonio. **Representações do senado romano na Ab Urbe Condita Libri de Tito Lívio**: livros 21-30. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

COLLINGTON, Philip D. **Othello the Traveller**. Early Theatre. 2005; v.8: 73-100.

DINUCCI, A.; JULIEN, A. **Introdução**. In: ARRIANO FLÁVIO. **Encheirídion de Epicteto**. São Paulo; Coimbra: Annablume; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

DOODY, Aude. **Pliny's Encyclopedia: the reception of the Natural History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Pliny's Natural History: Enkuklios Paideia and the Ancient Encyclopedia**. Journal of the History of Ideas. Janeiro/2009; vol.70, n.1: p.1-21.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. Trad. Marcelo Pen. - São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FONTOURA, F. C. da. **A ética do bem viver em Epicteto**. Porto Alegre: Fi, 2017.

FRIGHETTO, Renan. **Historiografia e poder: o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilha e de Valério do Bierzo (Hispania, século VII)**. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, v.3, n.05, pp.71-84, 2010.

_____. **Política e Poder na Antiguidade Tardia: uma abordagem possível**. História Revista. Jan./jun. 2006; v.11, n.1: p.161-177.

GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth. **Preface**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) **Pliny the Elder: themes and contexts**. Leiden.Boston: BRILL, 2011.

GILSON, Étinne. **A filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. - 3º ed. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar, Eduardo Brandão. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRAÇA SILVA SOUSA, Soraia da. **Representações do conceito de *humanitas*. Experiências de compreensão do texto escrito nas disciplinas de português e de latim**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas) – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016.

HARTOG, François. **Os Antigos, o passado e o presente**. Trad. Sonia Lacerda, Marcos Venen, José Otávio Guimarães. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

HEALY, J.F. **Pliny the Elder on Science and Technology**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Heródoto. **Histórias**. Trad. Mário da Gama Kury. - Brasília: Ed. UNB, 1988.

HIDALGO DE LA VEGA, Maria José. **El intelectual, la realeza y ele poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.

HINGLEY, Richard. **Globalizing roman culture**. Unity, diversity and empire. London: Routledge, 2005.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. E. Crespo. - Madrid: Editorial Gredos, 2015.

_____. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. - São Paulo: Hedra, 2011.

HUGO OF ST. VICTOR. **Didascalicon**. Trad. Jerome Taylor. - New York and London: Columbia University Press, 1961.

ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologías** (libros XI-XX). Trad. OROZ RETA, Jose & MARCOS CASQUERO, Manuel A. - Madrid: La Editorial Católica S.A, 1983.

KAHMANN, Andrea Cristiane. **Sobre tradições, traduções e traições: o caso do Gaúcho (de cá e de lá)**. Revista Cultura & Tradição. 2011; v.1, n.1: p.01-09.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. - Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. **L'imaginaire médiéval**. Paris: Gallimard, 1991.

LEONHARDT, Jürgen. **Cícero: filosofia entre ceticismo e confissão**. In: ERLER, Michael & GRAESER, Andreas. **Filósofos da Antiguidade II: do helenismo até a Antiguidade tardia, uma introdução**. Trad. Nélcio Schneider. - São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

LIVY. **History of Rome**. Trad. Evan T. Sage. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1936.

LOPES TEIXEIRA, Ivana. **Romanidade em Plínio, o Antigo, e a *Naturalis Historia* como um “projeto” político-pedagógico**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2012.

MARCIAL. **Epigramas**. Trad. Paulo Sérgio Ferreira. - Lisboa: Edições 70, 2004.

MARQUES, Juliana Bastos. **A história magistra vitae e o pós-modernismo**. Rev. História da Historiografia. Agosto/2013; n.12: 63-78.

MENEGUELLO, Cristiana. **Algumas considerações sobre o conceito de História segundo Voltaire**. Locus – Revista de História. Universidade Federal de Juiz de Fora, vol.3, n.2, 1997, p.71.

MURPHY, Trevor. **Pliny the Elder's Natural History: the Empire in the encyclopedia**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

NEVES LAFER, Mary de Camargo. **Introdução**. In: Hesíodo. **Os trabalhos e os dias** [primeira parte]. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. - São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.

NUNES, Carlos Alberto. **Introdução**. In: HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Hedra, 2011.

OLIVEIRA, Francisco. **Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo**. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 1986.

PAULO THE DEACON. **Historia Langobardorum**. Trad. Willian Dudley Foulke. - Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

PETRARCA, Francesco. **Invectives**. Trad. David Marsh. - Massachusetts: Harvard College, 2003.

PLATÃO. **Fédon**. Trad. Carlos Alberto Nunes. - Pará: ed.ufpa, 2013.

PLINIO EL JOVEN. **Epistulae (Tomo I-II)**. Trad. MÁRQUEZ, Diego & SÁNCHEZ, Darío. - Córdoba: Alción Editora, 2005.

PLINIO EL VIEJO. **Historia Natural – libros I-II**. Trad. Antonio Fontán, Ana Maria Moure Casas (et

all...). - Madrid: Editorial Gredos, 1995.

PLÍNIO, O JOVEM. **Epístolas, Livro X**. Trad. Thiago David Stadler. – Curitiba: Arte & Letra, 2018.

PLINY. **Natural History (1-37)**. Trad. RACKHAM, H & JONES, W.H.S & EICHHOLZ, D.E. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1991.

POLÍBIO. **História Pragmática** [Livros I a V]. Trad. Breno Battistin Sebastiani. – São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2016.

POLÍBIO. **Histórias**. Trad. Mário de Gama Kury. - Brasília: Ed. UNB, 1996.

QUINTILIANO. **Instituciones Oratoria (tomo II)**. Trad. Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier. - Madrid: imprenta de Perlado Páez y compañía (Biblioteca Clásica), 1916.

RICHARD DE BURY. **Philobiblon**. Trad. Marcello Rollemberg. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. **Estudos de História da Cultura Clássica II – Cultura Romana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RUSSEL, Bertrand. **Fundamentos da Filosofia**. Trad. Hélio Pólvora. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

RUY, Maria Lucilia. **Formação de palavras – Livro VIII da gramática de Varrão**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Trad. Pedro Süssekind. - Porto Alegre: L&PM, 2009.

SCHULTZE, Clemence. **Encyclopaedic exemplarity in the Pliny the Elder**. In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) **Pliny the Elder: themes and contexts**. Leiden.Boston: BRILL, 2011.

SEIBT, Cezar Luís. **Sêneca e a finitude da vida: o que a finitude pode ensinar sobre a vida**. Integração. 2009; ano XV, n.59: p.371-378.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. Trad. Segurado e Campos, J.A. – 2º ed. – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SERBAT, Guy. **Plínio el Viejo**. Madrid: Editorial Gredos, 2011.

SLOTERDIJK, Peter. **Ira e tempo: ensaio político-psicológico**. Trad. Marco Casanova. - São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SPINELLI, Miguel. **O nascimento da filosofia grega e sua transição ao medievo**. Caxias do Sul: EducS, 2010.

STADLER, Thiago David. **Do passado ao ultrapassado: transformações nas leituras da História Natural de Plínio, o Velho**. In: STADLER, Thiago David. **Escritos de Filosofia e Política**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

_____. **O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta [Plínio, o Jovem e Trajano, 98/113 d.C.]**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

_____. **O valor das humanidades em um tempo técnico-científico**. *Diálogos*, v.20, n.2, 2016, 205-2017.

_____. **O valor do estudo da História Antiga.** In: STADLER, Thiago David. **O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.).** Curitiba: Juruá Editora, 2013.

_____. **Por uma noção de história em Plínio, o Velho.** 2015. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, 2015.

SUETONIUS. **Lives of the Caesars (vol.II).** Trad. ROLFE, J.C. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1914.

TÁCITO. **Histories (1-3).** Trad. MOORE, Clifford H. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1925.

TACITUS. **Annals (1-16).** Trad. JACKSON, John. - Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1937.

TREVIZAM, Matheus. **Maravilhas zoológicas na enciclopédia de Plínio, o Velho, a partir de duas sugestões de Ítalo Calvino.** Anu. Lit., 2015, n.Esp.1, pp.143-155.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso: livro I.** Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado; Jacqueline de Romilly. – 3º Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

VAN DEN BESSELAAR, José. **Humanitas romana.** Revista de História, v.31, n.64, 1965, pp.265-286.

VERNANT, J. P. **A bela morte e o cadáver ultrajado.** Discurso, n. 9, 1978, pp. 31-62.

VEYNE, Paul. **Seneca y el estoicismo.** Trad. Mónica Utrilla. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Prefácio.** In: DETIENNE, Marcel. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica.** Trad. Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.